

*Ngaio*

**MARSH**

**Entra o  
Assassino**



**"Ngaio Marsh é uma das "Rainhas do Crime"  
ao lado de Agatha Christie, Dorothy L. Sayers,  
Gladys Mitchell e Margery Allingham"**

# TÍTULO

**NGAIO MARSH**

**ENTRA O ASSASSINO**

(Enter a Murderer - 1935)

## Inspetor Roderick Alleyn #02

\* \* \*

# ÍNDICE

Capa  
Título  
Índice  
A Autora  
Série  
Resumo  
Capítulos  
    *Um*  
    *Dois*  
    *Três*  
    *Quatro*  
    *Cinco*  
    *Seis*  
    *Sete*  
    *Oito*  
    *Nove*  
    *Dez*  
    *Onze*  
    *Doze*  
    *Treze*  
    *Quatorze*  
    *Quinze*  
    *Dezesseis*  
    *Dezessete*  
    *Dezoito*  
    *Dezenove*  
    *Vinte*  
    *Vinte e Um*  
    *Vinte e Dois*  
    *Vinte e Três*

\* \* \*

## A AUTORA

**D**AME EDITH NGAIO MARSH nascida em Merivale - Nova Zelândia, em 23 de abril de 1895 e falecida em Christchurch - Nova Zelândia em fevereiro de 1982, foi uma escritora e diretora de teatro neozelandesa. Educou-se no St Margaret's College em Christchurch. Posteriormente, estudou pintura na University of Canterbury, antes de se unir a companhia teatral de Allan Wilkie como atriz. A partir de 1928, Marsh dividiu seu tempo vivendo no Reino Unido e na Nova Zelândia. Em 1966, foi nomeada Dama da Ordem do Império Britânico.

Marsh é conhecida internacionalmente pelas suas 32 novelas de detetives, publicadas entre 1934 e 1982. Junto de Agatha Christie, Margery Allingham e Dorothy Sayers, é considerada uma das quatro Rainhas do Crime, as escritoras britânicas que dominaram as novelas policiais durante a era dourada do gênero, durante os anos 1920 e os anos 1960. Suas novelas são protagonizadas pelo inspetor Roderick Alleyn da Scotland Yard, a Polícia Metropolitana de Londres. As novelas de Marsh também incluem vários dos interesses da autora como o teatro e a pintura. Por exemplo, Alleyn se casou com uma pintora, Agatha Troy, a quem conheceu durante uma investigação (ARTISTS IN CRIME) e que aparece em várias das novelas. A maioria das histórias são ambientadas na Inglaterra, com exceção de quatro, que são na Nova Zelândia.

Na Nova Zelândia, Marsh é recordada por seu trabalho no teatro. Em 1942, produziu uma versão moderna de HAMLET para a University of Canterbury Drama Society. Em 1944, a obra, junto a uma produção de OTELO, realizou uma turnê pela Nova Zelândia, a qual foi aclamada pela crítica. Em 1949, com a assistência de Dan O'Connor, realizou uma turnê pela Austrália com esta produção de OTELO e de SEIS PERSONAGENS A PROCURA DE UM AUTOR. Durante os anos 1950, Marsh trabalhou no THE NEW ZEALAND PLAYERS, um projeto que tentava criar uma companhia de teatro nacional.

Marsh nunca se casou nem teve filhos. Em 1965 publicou uma autobiografia intitulada BLACK BEECH & HONEYDEW. Marsh morreu em Christchurch, em 1982, aos 86 anos.

\* \* \*

## LIVROS DA SÉRIE INSPETOR RODERICK ALLEYN

1. 1934; *A Man Lay Dead*;
2. **1935; *Enter a Murderer***;
3. 1935; *The Nursing Home Murder*;
4. 1936; *Death in Ecstasy*;
5. 1937; *Vintage Murder*;
6. 1938; *Artists in Crime*;
7. 1938; *Death in a White Tie*;
8. 1939; *Overture to Death*;
9. 1940; *Death at the Bar*;
10. 1941; *Surfeit of Lampreys*;
11. 1942; *Death and the Dancing Footman*;
12. 1943; *Colour Scheme*;
13. 1945; *Died in the Wool*;
14. 1947; *Final Curtain*;
15. 1949; *Swing Brother Swing*;
16. 1951; *Opening Night*;
17. 1954; *Spinsters in Jeopardy*;
18. 1955; *Scales of Justice*;
19. 1957; *Off With His Head*;
20. 1959; *Singing in the Shrouds*;
21. 1960; *False Scent*;
22. 1962; *Hand in Glove*;
23. 1964; *Dead Water*;
24. 1967; *Death at the Dolphin*;
25. 1968; *Clutch of Constables*;
26. 1970; *When in Rome*;
27. 1972; *Tied Up in Tinsel*;
28. 1974; *Black As He's Painted*;
29. 1977; *Last Ditch*;
30. 1978; *Grave Mistake*;
31. 1980; *Photo Finish*;
32. 1982; *Light Thickens*;

# RESUMO

A NOVA PEÇA no Unicorn foi o evento de gala do ano, até que o ato final deixou o público atônito e um ator morto. Quem colocou balas verdadeiras na arma? Apenas duas pessoas tiveram acesso à caixa de suporte, e uma delas era a vítima. O Inspetor Alleyn precisa descobrir quem escreveu assassinato no cartaz...

\* \* \*



# Um

## PRÓLOGO PARA UMA PEÇA

**Q**UANDO mostrei este manuscrito ao meu amigo, o Inspetor-Chefe Alleyn, do Departamento de Investigações, ele disse:

— É a perfeita descrição do caso do Unicorn, mas, em histórias de crime, não é geralmente hábito esconder a identidade do criminoso? Fitei-o friamente.

— Incrivelmente “vieux jeu”, caro Alleyn. Hoje em dia, a identidade do criminoso é sempre revelada nos primeiros capítulos.

— Neste caso, felicito-a, replicou ele.

Não fiquei de todo satisfeita.

\* \* \*

No dia 25 de maio, Arthur Surbonadier, que realmente se chamava Arthur Simes foi visitar seu tio, Jacob Santo, que realmente se chamava Jacob Simes. Jacob fora ator, antes de se tornar empresário teatral, e adotara o pseudônimo Santo, conservando-o para o resto da vida. Fazia más pilhérias, a respeito: “Não sou nenhum Santo”, e não permitiu que o sobrinho adotasse o mesmo nome, quando, por sua vez, entrou para o teatro. “Basta um Santo na profissão”, dizia ele, às gargalhadas. “Escolha o nome que quiser, Arthur, mas não invada o meu território. Eu o lançarei, no Unicorn, e você herdará o meu dinheiro, a maior parte, em todo o caso. Se for mau ator, não terá bons papéis, pois negócio e negócio”. Arthur Surbonadier, Surbonadier fora sugerido por Stephanie Vaughan, se lembrou desta conversa, ao atravessar agora a biblioteca do tio, conduzido pelo mordomo. Ele não era um mau ator. Era um bom ator. “Era mesmo”, disse de si para si, um ótimo ator. Procurou se enrijecer, para o encontro. Um ótimo ator, com personalidade. Dominaria Jacob Santo. Usaria, se necessário, a última arma, a arma que Santo ignorava que ele possuísse. O mordomo abriu a porta.

— Mr. Surbonadier, senhor, avisou ele. Arthur Surbonadier entrou.

Jacob Santo estava sentado numa cadeira ultramoderna, atrás de sua ultramoderna mesa. Uma lâmpada cubista lhe iluminava os rolos de banha, no pescoço, atrás. A jaqueta de xadrez cinza e preto revelava os músculos das costas. O rosto estava virado para o outro lado. Nuvens de fumaça se erguiam acima da cabeça. A sala recendia a charuto e ao perfume que Santo usava, feito especialmente para ele, e do qual nenhuma de suas mulheres, nem mesmo Janet Emerald, jamais recebera um vidro de presente.

— Sente-se, Arthur, resmungou ele. — Apanhe um charuto; logo falarei com você.

Arthur sentou, recusou o charuto, acendeu um cigarro e se mexeu nervosamente na cadeira. Jacob Santo continuou escrevendo, pegou o mata-borrão e deu uma reviravolta na cadeira de aço. Parecia a caricatura de um magnata do teatro. Era como se representasse o próprio papel, com a enorme papada vermelha, a voz vulgar, os olhos de um azul claro, os lábios grossos.

— O que você quer, Arthur? Perguntou.

— Como vai, tio Jacob? O reumatismo está melhor?

— Não é reumatismo, é gota, e vai pessimamente. O que você quer?

— É sobre a nova peça, no Unicorn. Surbonadier hesitou e Santo ficou à espera. — Não sei se o senhor viu a mudança, no elenco.

— Vi.

— Oh! Exclamou Arthur.

— E então? Surbonadier fez um desesperado esforço para se dominar.

— Então, aprova, meu tio?

— Aprovo.

— Eu, não.

— E que importância tem isto? Exclamou Jacob Santo. Surbonadier empalideceu. Procurou se mostrar dominador, senhor do palco. Mentalmente apalpou sua arma.

— A princípio, eu fora escolhido para fazer Carruthers. Posso desempenhar o papel e desempenhá-lo bem. Agora foi dado a Gardener, ao Mestre Félix, de quem todo o mundo tanto gosta.

— De quem Stephanie Vaughan tanto gosta.

— Isto não vem ao caso, replicou Surbonadier, de lábios trêmulos, sentindo, com uma espécie de triste exaltação, lhe aumentar a cólera.

— Não seja criança, Arthur, e não me venha com lamúrias, resmungou Santo. — Félix Gardener ficou com o papel de Carruthers, porque é melhor ator do que você. Você terá o papel de Castor. É um papel vistoso e foi tirado do velho Barclay Crammer, que poderia desempenhá-lo bem.

— Repito que não estou satisfeito. Espero que o senhor faça a modificação. Quero o papel de Carruthers.

— Não o terá. Eu lhe disse que, se entrasse para o teatro, seu parentesco comigo não ia servir para levá-lo ao estrelato. Dei-lhe a oportunidade que você não teria tido, se eu não fosse seu tio. Agora, está por sua conta. Olhou sombriamente para o sobrinho e virou a cadeira para a mesa. — Estou ocupado, acrescentou. Surbonadier umedeceu os lábios e se adiantou.

— O senhor me tirou a vida inteira, disse ele. — Pagou minha educação, porque isto lisonjeava sua vaidade e porque ama a sensação de poder.

— “Palavras ditas deliberadamente, avançando pelo palco, lentamente”. Sempre atorzinho, hein?

— Tem que se livrar de Félix Gardener!

Pela primeira vez, Jacob Santo deu toda sua atenção ao sobrinho. Seus olhos saltaram ligeiramente. Adiantou a cabeça, truque estranhamente desconcertante, que lhe valera, quando lidara com homens mais duros do que Surbonadier.

— Experimente falar assim de novo e estará perdido, disse, friamente. — Agora, saia.

— Ainda não, declarou o outro, se agarrando à mesa e limpando a garganta. — Sei de muita coisa a seu respeito. Mais do que pensa. Sei por que motivo o senhor... O senhor pagou duas mil libras a Morlake. Os dois homens se encararam. Um fio de fumaça escapou dos lábios entreabertos de Santo. Quando ele falou, foi com venenoso autodomínio.

— Então, achamos que podíamos fazer uma pequenina chantagem, hein? Que andou fazendo, “seu”...

— Nunca deu pela falta de uma carta de Morlake, em fevereiro último, quando... Quando eu estava...

— Quando você era meu hóspede. Céus, meu dinheiro foi bem empregado com você, Arthur!

— Aqui tem uma cópia. A mão trêmula de Surbonadier procurou o bolso. Ele não podia tirar os olhos de cima do tio. Parecia um autômato. Santo olhou para o papel.

— Se acontecer isto outra vez, mando prendê-lo, como chantagista, disse, em voz estranhamente alta e rouca. — Você estará perdido. Nunca mais conseguirá representar num teatro de Londres. Está ouvindo?

— Não desisto, disse Surbonadier, recuando, como se temesse ser agredido. — Não desisto.

Estava com a mão no trinco. Santo se ergueu. Tinha um metro e oitenta de altura e era enorme. Deveria dominar a sala; fisicamente, era muito superior ao outro. E, no entanto, doentio, fracote e visivelmente trêmulo, Surbonadier parecia o senhor.

— Vou embora, declarou.

— Não, disse Jacob Santo. — Não. Sente-se. Vamos conversar.

Surbonadier tornou a sentar.

\* \* \*

Na noite de 7 de junho, após a estreia de O Rato e o Castor, Félix Gardener deu uma reunião, em seu apartamento, em Sloane Street. Tinha convidado todos os participantes da peça, até mesmo a velha Susan Max, que se animou, com a champanha, e começou a falar dos papéis que representara com Julius Knight, na Austrália. Janet Emerald, a “matrona” da peça, ouvia-a com ar de sombria atenção. Stephanie era realmente a estrela, muito serena, graciosa, amável com todos e, principalmente, com Félix Gardener. Nigel Bathgate, o único jornalista presente e velho companheiro de Félix, dos tempos de Cambridge, ficou imaginando se Félix e Stephanie iriam logo anunciar seu noivado. Não havia dúvida que o interesse mútuo significava mais do que efusão teatral. Arthur Surbonadier lá estava, “excessivamente cordial com todo o mundo”, pensou Nigel, que não gostava dele. Quanto a Barclay Crammer, que o apreciava menos ainda, fitava-o com rancor, do outro lado da mesa. Dulce Deamer, a jeune filie da peça, era também a jeune filie da reunião. E Howard Melville emparelhava com ela, em matéria de encanto juvenil, timidez juvenil e um outro traço sinceramente juvenil e muito agradável. Jacob Santo estava também presente, barulhentosamente jovial e jovialmente barulhento. “Minha companhia, meus atores, meu espetáculo”, parecia ele dizer, continuamente. Quando se referia ao autor, que estava presente e submisso, Santo dizia: “Meu autor”. Até mesmo George Simpson, diretor de cena, comparecera, e foi ele quem iniciou a conversa

de que Nigel se lembraria semanas mais tarde, repetindo-a a seu amigo, o Detetive-Inspetor Alleyn.

— Aquele negócio com o revólver saiu certo, Félix, declarou Simpson. — Mas confesso que estava nervoso. Detesto coisas fingidas.

— Não deu para perceber das primeiras filas? Perguntou Surbonadier, se virando para Nigel.

— Que quer dizer com isto? Exclamou Nigel. — Que negócio com o revólver?

— Deus do céu, ele nem se lembra! Interveio Félix Gardener. — No terceiro ato, caro amigo, quando atiro no Castor, em Arthur, em Mr. Surbonadier, à queima-roupa, e ele cai morto.

— Claro que me lembro disto, disse Nigel, meio irritado. — Correu bem. Muito convincente. O revólver detonou.

— O revólver detonou! Gritou Miss Dulcie Deamer, às gargalhadas. — Está ouvindo, Félix?

— O revólver não detonou, explicou o diretor de cena. — É justamente isto. Eu disparo outro, a um canto da caixa do ponto, e Félix faz um movimento com a mão. Você compreende, ele atira no Castor bem de perto, chega mesmo a encostar o revólver em seu colete, de modo que não podemos usar pólvora seca, que mancharia a roupa. O revólver é carregado com balas falsas.

— Ainda bem, disse Authur Surbonadier. — Detesto armas e seu frio, naquela cena. O preço que a gente paga... Por ser ator. Disse isto pesadamente, olhando para o tio, Jacob Santo.

— Oh, pelo amor de Deus! Resmungou Barclay Crammer, num amargo à parte, a Felix Gardener. E em voz alta: — O revólver é seu, não é, Félix?

— Sim, era de meu irmão. Fez toda a Flandres com ele. Não vou deixá-lo no teatro. É por demais precioso. Aqui está. Houve silêncio, na sala, quando ele mostrou o revólver, depositando-o na mesa.

— Faz com que a peça pareça um tanto insignificante, disse o autor. Ninguém mais falou no revólver.

\* \* \*

Na manhã de 14 de junho, depois que O Rato e o Castor já tivera uma semana de casas repletas, Félix Gardener mandou a Nigel Bathgate duas entradas de presente, na plateia. Ângela North, que não entra nesta história, estava ausente, de modo que Nigel telefonou para Scotland Yard e chamou seu amigo, o Inspetor-Chefe Alleyn.

— Vai fazer alguma coisa, hoje à noite? Perguntou.

— Que deseja que eu faça? Disse a voz, do outro lado.

— Como você é cauteloso! Exclamou Nigel. — Tenho duas entradas para o Unicorn, que Félix Gardener me mandou.

— Você conhece de fato gente interessante! Observou o inspetor. — Aceito, com prazer. Janta primeiro comigo, não janta?

— Você é que vai jantar comigo. A festa é minha.

— Verdade? A noite promete.

— Ótimo! Então, irei buscá-lo às quinze para as sete.

— Muito bem. Tenho direito a uma noite de folga. Muito agradecido, Bathgate. Até logo.

— Espero que se divirta, disse Nigel, mas o outro já desligara.

\* \* \*

À hora do aperitivo, neste mesmo dia, 14 de junho, Arthur Surbonadier foi visitar Miss Stephanie Vaughan, em seu apartamento, em Shepherd's Market, e pediu-a em casamento. Não era a primeira vez que o fazia. Miss Vaughan achou que precisaria usar todo o seu *savoir-faire* profissional e pessoal. A cena exigia técnica e a moça lhe deu toda a atenção.

— Querido, disse ela. Levou seu tempo, acendendo um cigarro e, inconscientemente, adotando a melhor entre suas seis poses “ao lado da lareira”. — Querido, estou terrivelmente aborrecida com isto. Sinto que tenho culpa. Sim, tenho culpa.

Surbonadier ficou em silêncio. Miss Vaughan mudou de pose. Ele sabia perfeitamente, por longa experiência, qual seria a posição seguinte e sabia também que o encantaria, como se ele a estivesse vendo pela primeira vez. A voz seria mais baixa. Ela ronronaria. Ronronou.

— Arthur querido, estou nervosa. Esta peça me deixou exausta. Não sei a quantas ando. Você precisa ter paciência comigo. Sinto que sou incapaz de amar quem quer que seja. Deixou cair os braços molemente ao longo do corpo e pôs a mão, delicadamente, no *décolletage*, para que ele a admirasse. — Absolutamente incapaz, acrescentou com um suspiro.

— Até mesmo de amar Félix Gardener? Perguntou Surbonadier.

— Ah... Félix! Miss Vaughan exibiu o seu famoso sorriso de lado, ergueu ligeiramente os ombros e pareceu pensativa e resignada.

— A questão é a seguinte, disse Surbonadier. — Gardener... Gardener me suplantou?

— Querido, que “eduardismo”! Félix fala a minha língua. Você fala outra.

— Gostaria que você se contentasse com o nosso idioma, pura e simplesmente, replicou Surbonadier. — Isto eu sei falar tanto quanto ele. Amo-a. Desejo-a. Isto entra em alguma das línguas que você conhece? Miss Vaughan caiu numa cadeira e apertou as mãos.

— Arthur, preciso da minha liberdade. Não posso ser envolvida emocionalmente. Félix me dá alguma coisa.

— Com os diabos! Disse Surbonadier. Sentou-se também, e, tal é o hábito do teatro, fê-lo teatralmente. Apesar de tudo, tremiam as mãos de sincera emoção, o que não escapou a Stephanie.

— Arthur, você precisa me perdoar, querido. Gosto muito de você e tenho horror a magoá-lo, mas, se for possível, procure não gostar de mim. Não me peça em casamento. Eu poderia dizer “sim” e o tornaria mais infeliz ainda. Mesmo antes de terminar, ela soube que dera um passo em falso. Arthur se aproximara vivamente e tomara-a nos braços.

— Arrisco a infelicidade, murmurou. — Desejo-a tanto.

Afundou o rosto no pescoço de Stephanie. Ela estremeceu ligeiramente. Seu rosto, que ele não podia ver, exprimia uma espécie de exultante repulsa. As mãos estavam sobre os cabelos dele. De repente, afastou-o.

— Não, não, não. Não faça isto! Deixe-me em paz! Em todos os papéis de “homem mau” que representara, nunca Surbonadier parecera tão mau, como naquele momento.

— Com os diabos, se vou deixá-la em paz, disse ele. — Não quero ser afastado. Não me importa que me odeie. Desejo-a e, por Deus, hei de possuí-la. Agarrou-a pelos pulsos. Ela não tentou resistir. Fitaram-se, cheios de hostilidade. Ao longe, soou uma campainha elétrica e, imediatamente, o

momento de rendição, se é que fora rendição, passou.

— É a porta da frente, disse ela. — Largue-me, Arthur.

Teve que lutar para que ele a soltasse e Arthur ainda estava ao lado dela, em estado de grande agitação, quando Félix Gardener entrou na sala.

\* \* \*

## Dois

### *OVERTURE E OS PRIMEIROS, FAZ FAVOR*

**O**PORTEIRO dos fundos do Unicorn ergueu o olhar para o relógio: 7 e 10. Todos os artistas estavam em seus camarins. Todos, isto é, exceto a velha Susan Max, que fazia um papel insignificante, no último ato, e a quem o diretor de cena dava um pouco de liberdade. Susan em geral chegava às oito. Ouviram-se passos, no beco, fora. O velho Blair soltou uma espécie de suspiro, gemido, que lhe era peculiar, desceu do banquinho e foi espiar a noite cálida. No momento seguinte, dois homens em traje de rigor, surgiram na poça amarela, desenhada pela luz da entrada dos artistas. Blair fitou-os em silêncio.

— Boa-noite, disse o mais baixo dos dois homens.

— Boa-noite, senhor, respondeu Blair.

— Podemos ver Mr. Gardener? Está à nossa espera. Sou Mr. Bathgate. Ao dizer isto, abriu a carteira e tirou um cartão de visita. O velho Blair pegou o cartão e olhou para o homem alto.

— Mr.. Alleyn veio comigo, explicou Nigel Bathgate.

— Querem fazer o favor de esperar um momento? Disse o velho Blair. Segurando o cartão na palma da mão, como se dele tivesse vergonha, desceu o corredor.

— O velho olhou bem para você, disse Nigel, oferecendo ao amigo a cigarreira.

— Talvez me conheça, replicou o Inspetor-Chefe Alleyn. Sou famoso, sabe?

— Ah, é? Famoso demais, talvez, para se divertir com isto aqui? Perguntou Nigel, indicando o corredor.

— Absolutamente. Sou tão simples quanto inteligente, simpático traço do meu caráter. Um ator em seu camarim certamente me fará vibrar! Ficarei sentado, de olhos arregalados e boca aberta, garanto.

— É mais provável Félix ficar de olhos arregalados para você. Quando me deu as duas cadeiras para hoje à noite, eu lhe disse que Ângela North não podia vir e... Isto é... Nigel acrescentou apressadamente: —... Eu disse que o convidara, Alleyn, e ele ficou admirado de minha importância.

— Devia mesmo ficar. Atônito. Quando sua namorada estiver fora, convide um policial. Homem sensato, Félix Gardener, tanto quando ótimo ator. E adoro ver uma peça de trapaceiros, se adoro!

— Oh! Exclamou Nigel. — Não tinha pensado nisso. É uma espécie de descanso “carregando pedra” hein?

— Absolutamente. Adoro peças de crime. É daquele tipo em que se tem que adivinhar o assassino?

— É. Você ficará com cara de tolo, hein, inspetor, se não conseguir adivinhar?

— Cale a boca. Vou subornar este velho, para me contar quem é. Lá vem ele. O velho Blair apareceu no fim do corredor.

— Querem fazer o favor de vir por aqui? Disse, sem voltar para a porta.

Nigel e Alleyn passaram pela porta do palco do Unicorn e, exatamente neste momento, sem que o Inspetor-Chefe Alleyn soubesse, ia começar um dos casos mais difíceis de sua carreira. Sentiram imediatamente a indescritível atmosfera da metade trabalhadora de um teatro, quando está prestes a começar o espetáculo. A porta de cena se abre sobre um pequeno reino, estranho e familiar, mas sempre à parte e reservado. O corredor levava diretamente ao palco que estava fracamente iluminado, cheirava a tinta velha, a tinta fresca e a cola. Alguns cenários estavam achatados contra a parede e um operário se apoiava ao que representava uma estante de livros. Um homem em mangas de camisas e sapatos de borracha corria de um lado ao outro, por detrás dos bastidores. Um menino carregando um ramo de ervilhas desapareceu pela entrada à direita, bem iluminada. Via-se, à luz de abajures, a mobília de uma biblioteca, de frente para o avesso do pano. Atrás do pano, havia o murmúrio profundo e perturbador dos espectadores e o afinar dos instrumentos de corda. Outro homem em mangas de camisa olhava para a plataforma, em cima.

— Que vocês estão fazendo aí? Perguntou. Sua voz soou abafada pelos tapetes e pela mobília. Alguém, em cima, respondeu.

Ouviu-se um clique e o palco se iluminou. Apareceram dois pés acima de Nigel. Este ergueu os olhos e viu a plataforma do electricista, onde havia dois homens, um com a mão no quadro da eletricidade, o outro sentado, as pernas balançando. Blair levou os recém-chegados para a entrada iluminada. Viram-se em outro corredor. Deste corredor, à direita, saíam os camarins, sendo que, na porta do primeiro, havia uma estrela desbotada. Por detrás das portas, um murmúrio de vozes abafadas, operosas, à vontade. Passou um homem, de expressão preocupada. Olhou para os dois intrusos com ar indagador.

— É George Simpson, diretor de cena, murmurou Nigel, com ar importante. O velho Blair bateu na segunda porta. Houve uma pausa. Depois uma agradável voz de barítono disse:

— Alô, quem é? Blair entreabriu a porta:

— Suas visitas, Sr. Gardener.

— Quem? Ah, sim, um minutinho, respondeu o ator. E, a alguém que estava dentro do camarim: — Concordo, meu velho, mas que posso fazer? Não, não vá. Ouviu-se o arrastar de uma cadeira e a porta se abriu. — Entrem, entrem, disse Félix Gardener. Entraram e o Inspetor Alleyn se viu, pela primeira vez na vida, num camarim de teatro, apertando a mão de um artista.

Félix Gardener não era um homem absurdamente belo, isto é, não a ponto de fazer com que a parte masculina do auditório desejasse lhe dar um pontapé no traseiro. Mas tinha um grande ar de distinção. Os cabelos cor de palha eram abundantes, na cabeça bem feita. Os olhos, muito pequenos, eram surpreendentemente azuis, o nariz reto e fino. A boca, generosamente grande e estranhamente curva nos cantos, fazia a delícia dos caricaturistas. O queixo era firme, dando ênfase a um rosto um tanto abatido. Era alto, mas tinha belo porte, se mantendo bem, mas sem exagero teatral; possuía voz muito agradável, leve, mas ressonante. As mulheres diziam que tinha “it”; os homens afirmavam que era um sujeito decente; os críticos, que era um ator muito hábil.

— Estou muito satisfeito por ter vindo, disse a Alleyn. — Faça o favor de sentar. Oh...



Apresento-lhe Mr. Barclay Crammer; Mr. Alleyn. Bathgate você já conhece.

J. Barclay Crammer era um ator de caracterizações. Era bastante conhecido, para que perguntassem: “Quem é mesmo aquele homem?” quando entrava no palco, mas não suficientemente importante, para que se dessem ao trabalho de procurar o nome no programa. Era moreno, de rosto cheio; bom ator, no gênero. “Parecia agora de mau humor”, pensou Nigel, que o conhecera em casa de Gardener, na reunião após a noite de estreia.

— Têm todos onde se acomodar? Perguntou Gardener, se sentando diante da penteadeira. Alleyn e Nigel encontraram duas poltronas e se sentaram.

O camarim estava profusamente iluminado e muito quente. Havia um bico de gás, acima da penteadeira. Neste, se viam um espelho e os preparados para a pintura do artista. O quarto recendia a creme gorduroso. Perto do espelho havia um revólver e um cachimbo. Na parede à direita, um espelho de corpo inteiro, ao lado de um lavatório. Na parede à esquerda, um lençol escondia uma coleção de roupas. Através das paredes, vinha um som de vozes femininas, do camarim da estrela.

— Muito satisfeito por ambos terem vindo, disse Gardener, a Nigel. — Nunca o vejo, nestes dias. Vocês, jornalistas, são duros de se encontrar.

— Não mais esquivos do que os atores, replicou Nigel. — E muito menos do que a polícia. Garanto-lhe que é um grande feito ter conseguido trazer Alleyn aqui, hoje à noite.

— Sei disso, concordou Gardener, se virando para o espelho e passando no rosto um pó acre. — Faz-me ficar nervoso. Sabe, J. B., que Mr. Alleyn é um ás, no Gabinete de Investigações?

— É mesmo? Disse Barclay Crammer, em voz profunda. Hesitou e depois acrescentou, em tom mais alegre: — Então eu devo ficar mais nervoso ainda, pois sou um dos vilões da peça. Um vilão muito insignificante, explicou com amargura.

— Não me diga que é o assassino, pediu Alleyn. — Estragaria minha noite.

— Nada tão importante, replicou Crammer. Soltou uma exclamação de desprezo, que Nigel reconheceu como sendo hábito seu. Uma voz no corredor chamou:

— Meia hora, faz favor, meia hora, faz favor.

— Tenho que ir, disse Crammer, suspirando. — Ainda não me preparei e sou o primeiro, nesta peça infame. Ah!... Ergueu-se majestosamente e efetuou uma saída imponente.

— O pobre J. B. está muito perturbado, disse Gardener, em voz baixa. — Devia fazer o papel de Castor, mas este foi dado depois a Arthur Surbonadier. Está muito magoado, podem ficar certos. Sorriu de maneira encantadora e acrescentou: — É uma estranha vida, Nigel.

— Quer dizer que são pessoas estranhas?

— Sim, em parte. Como crianças e, mais terrivelmente ainda, como atores. Imitam as personagens.

— Você não era tão crítico, nos tempos de Trinity.

— Não faça me lembrar de minha mocidade implume.

— Mocidade! Exclamou Alleyn. — Vocês, crianças, me divertem. Há vinte anos saí de Oxford.

— Em todo o caso, Félix, você não me convence de que já perdeu o amor à profissão.

— Isto é outra coisa, disse Félix Gardener. Bateram de leve na porta, que se abriu. Surgiu um rosto gordo, de boné xadrez, um lenço de bolas vermelhas ao pescoço. Um bafo de álcool, ligeiramente disfarçado por pastilhas perfumadas.

- Alô, Arthur, entre, disse Gardener, amavelmente, mas sem grande entusiasmo.
- Desculpe-me, pensei que estivesse só, meu velho. Não quero me intrometer, por nada deste mundo.
- Tolicice! Disse Gardener. — Entre e feche a porta. Há uma corrente de ar, terrível, aqui.
- Não, não, não é nada de importante. Depois venho falar com você. O rosto desapareceu e a porta foi fechada de mansinho.
- É Arthur Surbonadier, disse Gardener a Alleyn. — Ele surrupiou o papel de J. B. e acha que surrupiei o seu, e me odeia. Foi o que eu quis dizer, a respeito de atores.
- Oh, inveja, exclamou Nigel.
- E quem é que você odeia? Perguntou Alleyn, em tom despreocupado.
- Eu? Exclamou Gardener. — Eu estou no alto e posso me dar ao luxo de ser generoso. Mas com certeza ficarei também assim, mais cedo ou mais tarde.
- Considera Surbonadier um bom ator? Perguntou Nigel. Gardener ergueu o ombro.
- É sobrinho de Jacob Santo.
- Oh, compreendo. Ou não?...
- Jacob Santo é dono de seis teatros, sendo este um deles. Dá bons papéis ao sobrinho. E, portanto, ele deve ser bom ator. Recuso-me a me mostrar mais mesquinho do que isto. Conhece a peça? Perguntou a Alleyn.
- Não, respondeu o inspetor. — Nem uma palavra. Estou procurando descobrir, pela sua caracterização, se o senhor é herói, bandido, da polícia, ou os três juntos. O cachimbo sobre a penteadeira sugere o herói, o revólver faz pensar no bandido e o bom gosto do paletó que vai vestir faz lembrar alguém de minha profissão. Deduzo, caro Bathgate, que Mr. Gardener seja um herói disfarçado em bandido, e membro do Gabinete de Investigações.
- Isto! Exclamou Nigel, triunfante, se virando orgulhosamente para Gardener. Por sua vez achava que Alleyn se estava comportando bem, como detetive.
- Maravilhoso! Disse Gardener.
- Não me diga que acertei?
- Não está muito longe. Mas uso o revólver como policial, o cachimbo como bandido, e não visto este paletó, na peça.
- Isto prova que a intuição vale tanto quanto a indução, disse Alleyn, sorrindo.

Começaram a fumar e Nigel e Gardener se puseram a se recordar dos tempos de Cambridge. A porta se abriu e apareceu um homenzinho murcho, de paletó de alpaca.

- Pronto, Mr. Gardener? Perguntou, mal olhando para os outros. Gardener tirou o roupão. O homem apanhou um paletó, atrás do lençol que cobria a parede, e ajudou o ator a vesti-lo.
- Precisa de mais um pouco de pó, se me permite, disse ele. — A noite está muito quente.
- O negócio do revólver está em ordem? Perguntou Gardener, se voltando de novo para o espelho.
- Props diz que sim. Deixe-me escová-lo, Mr. Gardener.
- Oh, vá lá, Nannie, disse Gardener, se submetendo de bom-humor.
- O lenço, lembrou o homem, enfiando um lenço no bolso do paletó. — A carteira de tabaco, no bolso do lado. O cachimbo. Tudo em ordem?
- Tudo em ordem. Pode ir.
- Obrigado. Posso levar o revólver para Mr. Surbonadier?

— Sim, pode. Diga-lhe que mando convidá-lo, para cear comigo e com estes senhores. Gardener entregou o revólver ao sujeito.

— Sim, senhor, disse o homenzinho, e desapareceu.

— É um tipo, observou Gardener. — Vocês vão cear comigo, não vão? Convidei Surbonadier, porque não gosta de mim. Será mais picante.

— Quarto de hora, quarto de hora, faz favor, disse a voz, no corredor.

— Melhor irmos para nossos lugares, sugeriu Nigel.

— Há muito tempo. Quero que conheça Stephanie Vaughan, Alleyn. Ela adora criminologia e não me perdoaria, se eu o escondesse dela. Alleyn teve um ar de polida resignação. — Stephanie! Chamou Gardener, em voz alta. Uma voz abafada respondeu, do outro lado da parede:

— Alô?... Oh?...

— Posso levar umas visitas até aí?

— Naturalmente, querido, trinou a voz, cordialmente.

— Mulher maravilhosa, disse Gardener. — Vamos.

Por detrás da porta onde havia a estrela desbotada, encontraram Miss Stephanie Vaughan, num camarim grande, com tapetes grossos, cadeiras largas, muitas flores e uma camareira de avental. A moça recebeu-os alegremente, ofereceu cigarros, se mostrando muito amável com todos e um pouco mais, talvez, com Gardener, e um pouquinho desafiadora com Alleyn. Mesmo com azul nas pálpebras e creme vermelho nas narinas, era uma linda mulher, com cabelos bem penteados olhos enormes, rosto oval. O sorriso de lado era famoso. Começou a falar de crimes, com o Inspetor Alleyn, e perguntou se lera os livros de H. B. Irving, sobre criminosos célebres. Ele respondeu que sim e que os achava muito bons. Ela perguntou se ele lera outros livros sobre crimes e psicologia, se lera Freud, Ernest Jones. Alleyn respondeu que os achava ótimos. Nigel começou a ficar nervoso.

— Saturei-me de literatura de crime, disse Miss Vaughan. — Tentei compreender, no íntimo, a psicologia do criminoso. Ainda não estou satisfeita. Diga-me, que outros livros devo ler, Mr. Alleyn?

— Conhece Edgar Wallace? É muito bom. Houve um silêncio desagradável. Miss Vaughan resolveu soltar uma de suas deliciosas gargalhadas. Gardener e Nigel fizeram coro, sendo que o último não muito convencido. Gardener pôs a mão no ombro de Stephanie.

De repente, viram que a porta se abria e que Surbonadier estava no camarim. Com uma das mãos ele segurava a porta, com a outra mexia no lenço de bolas vermelhas, sob a barba dura. Estava de boca entreaberta e parecia ofegante. Finalmente falou.

— Reuniãozinha bem alegre, hein?! Sua voz era grossa e tremiam os lábios.

Os outros pararam de rir, Gardener ainda com a mão no ombro de Stephanie, a moça de lábios entreabertos e repentinamente rígida, como se estivessem posando para uma fotografia. Houve um silêncio desagradável.

— Bonito quadro, disse Surbonadier. — Todos amigos e brilhantes. Posso saber qual a piada?

— Foi minha e de muito mau gosto, respondeu Alleyn, vivamente.

— A vítima da pilhéria sou eu, disse Surbonadier. — Stephanie lhe explicará. O senhor é o detetive, não é?

Gardener e Nigel começaram a falar ao mesmo tempo. Nigel ouviu a própria voz, apresentando Alleyn. Gardener dizia qualquer coisa, sobre a ceia. Alleyn se levantou e ofereceu um cigarro a Miss Vaughan. Ela aceitou, sem tirar os olhos de Surbonadier, e Alleyn acendeu o cigarro.

— Creio que está realmente na hora, disse o inspetor. — Não vamos perder a primeira cena, Nigel. Detesto chegar atrasado. Pegou o braço de Nigel, disse uma gentileza qualquer a Stephanie e levou o amigo para a porta.

— Não quero que se vão por minha causa, declarou Surbonadier, sem sair de perto da porta. — Vim ver a brincadeira. Vim, na realidade, ver Gardener e encontrei-o... No meio da brincadeira,

— Arthur! Exclamou Stephanie, falando pela primeira vez.

— Muito bem, resolvi acabar com a brincadeira, sabe? Não há razão para vocês não ouvirem... Virou-se para Nigel: — Você é jornalista. Literato. Eis a surpresa... Gardener também é literato.

— Arthur, você está bêbado, disse Gardener, se adiantando para o outro, que deu um passo à frente. Alleyn viu sua oportunidade e empurrou Nigel para a porta.

— Adeus, por enquanto, disse ele. — Ver-nos-emos depois do espetáculo.

Dali a minutos, estavam atrás do palco, olhando um para o outro.

— Muito desagradável, disse Nigel.

— De fato. Vamos.

— O imbecil estava bêbado.

— Sim, estava. Por aqui.

Atravessaram o palco e procuraram a porta, se afastando para deixar passar uma senhora de idade. Ouviram o velho Blair dizer: “Boa-noite, Miss Mar”, Quando saíram, uma voz, no corredor, dizia:

— Overture e os primeiros, faz favor.

\* \* \*

# Três

*A MORTE DO CASTOR*

— Acho extraordinário Surbonadier poder representar no estado em que está, disse Nigel, no segundo intervalo. — Ninguém diria, agora, que está bêbado, não é verdade?

— Creio que eu diria, respondeu Alleyn. — De onde estamos, podemos ver os olhos; não focalizam.

— Pois acho que está representando muito bem, observou Nigel.

— Sim, sim. Você já viu a peça, não viu?

— Fiz a crítica, respondeu Nigel, com ar importante.

— A atuação de Surbonadier está mudada? Nigel encarou o amigo.

— Pois bem, refletindo melhor, acho que sim, respondeu, lentamente. — Está mais... Profunda. Quero dizer, naquela última cena com Félix, quando estavam sós, no palco. Que é que ele diz a Félix? Qualquer coisa como “eu o pegarei”?

— “Eu o pegarei, Carruthers”, citou Alleyn, imitando perfeitamente a voz grossa de Surbonadier... — “Eu o pegarei, quando você menos esperar por isto”.

— Deus do céu, que memória você tem, Alleyn! Exclamou Nigel, assustado.

— Nunca vi, no palco, coisa que mais me impressionasse.

— Todo empolgado, brincou Nigel. Mas Alleyn não riu.

— Estranho, disse o inspetor. — A atmosfera do camarim, intensificada no palco. Intensificada e maior que a vida; como as emoções, num pesadelo. E depois ele disse: “Você acha que estou blefando, representando, não é?” E Carruthers, isto é, Gardener, respondeu: “Creio que está blefando, sim, Castor. Mas, se não estiver, cuidado!”

— Você é um grande imitador.

— Truque, para ganhar popularidade, respondeu Alleyn, constrangido.

— Que há com você?

— Não sei. Estou com caraminholas na cabeça. Vamos tomar um trago.

Foram até o bar. O inspetor estava muito quieto e leu o programa. Nigel olhou-o com curiosidade. Estava aborrecido com a cena no camarim e imaginando o que estaria fermentando entre Gardener, Surbonadier e Stephanie.

— Com certeza Félix deu o fora naquele ordinário, se aventurou ele a dizer.

— Oh, sim, naturalmente, respondeu Alleyn. A campainha tocou. — Vamos, disse Alleyn. — Não quero perder uma palavra.

Parecia nervoso, enquanto Nigel terminava sua bebida. Voltaram a seus lugares.

- A ceia não vai ser muito divertida, observou Nigel.
- Oh, a ceia. Talvez seja cancelada.
- Talvez. Que faremos, se estiver de pé? Apresentamos nossas desculpas e damos o fora?
- Vamos esperar, para ver.
- Útil conselho!
- Não creio que haja ceia.
- Vai começar, avisou Nigel.

Na escuridão à frente deles, surgiu, em baixo um friso de luz. Alargou-se e, num silêncio tão completo que as roldanas podiam ser ouvidas, o pano foi se erguendo sobre o último ato de “O Rato e o Castor”. Começou com uma cena entre o Castor (Surbonadier) e sua amante desprezada (Janet Emerald) e a mãe desta (Susan Max). Estavam todos envolvidos no comércio de ópio. Um dos membros da quadrilha fora assassinado. Tinham desconfiado dele, como delator, a soldo de Carruthers (Félix Gardener). Miss Emerald ameaçava, Miss Max choramingava, Surbonadier rosnava. Este tirou um revólver do bolso e carregou-o, enquanto os outros o observavam, significativamente.

- Que é que vai fazer? Murmurou Janet Emerald.
- Uma visitinha a Mister Carruthers.

O palco ficou às escuras, para uma rápida mudança de cenário. Carruthers (Gardener) apareceu na sua biblioteca, entre as cadeiras de couro que Nigel e Alleyn tinham visto por detrás dos bastidores. Os espectadores, a não ser os mais avisados, ainda estavam em dúvida, se ele seria o infame Rato, organizador do comércio ilícito de drogas, ou um agente dos nazistas e inimigo do povo, ou um heroico membro do Serviço Secreto Britânico. Estava sentado à mesa, batendo uma carta à máquina, não se vendo o teclado.

- Ele bate com mais força na letra, Murmurou Nigel, querendo mostrar conhecimento.

Jennifer (Stephanie Vaughan) apaixonada por Gardener, vinha vê-lo, julgando-o um homem falso, mas, mesmo assim, fascinada pelo seu encanto. Miss Vaughan fazia muito bem o papel, encantando o público, principalmente porque, a qualquer momento, a estante poderia girar, mostrando o mordomo, que todos sabiam ser um bandido. Ao fazer a crítica da peça, Nigel dissera que isto era truque antigo, mas que Stephanie e Félix tinham representado seus papéis com sutileza e reserva. Embora o assunto fosse melodramático, os diálogos eram sofisticados e “pegaram”. Mesmo quando a estante girou e surgiu o bandido, agarrando Miss Vaughan e prendendo-a, foi isto feito com um epigrama, pois, além de mordomo e bandido, ele fora aluno de Eton. Miss Vaughan foi levada, registrando um conflito de emoções, mas Félix Gardener permaneceu imperturbável. Tirou o cachimbo, acendeu-o, soltou um suspiro e caiu numa poltrona de couro.

“Ele é maravilhoso”, disse uma mulher atrás de Nigel. Ele teve sorriso superior, mas tolerante, e olhou de relance para Alleyn. Os olhos escuros do inspetor estavam fixos no palco. “Positivamente o velho Alleyn está empolgado”, pensou Nigel. Depois, viu o amigo erguer as sobrancelhas e também ele se voltou para o palco, levando um choque. Surbonadier no papel de Castor, estava à entrada do palco, de frente para a plateia. Com uma das mãos segurava a porta, com a outra mexia no lenço de

bolas, abaixo da barba dura. Tinha a boca meio aberta e parecia ofegante. Finalmente, falou. Tão completa era a repetição da cena no camarim, que Nigel esperou que dissesse: “Reuniãozinha bem alegre hein?” E levou outro choque, quando ouviu:

— Então, o Rato está finalmente na sua toca!

— Castor! Exclamou Gardener. Muitos atores com isto teriam despertado riso. Mas Félix Gardener conseguiu fazer com que a palavra parecesse terrível. O Castor avançou pelo palco. Tinha na mão um revólver.

— Você não é assassino, Rato. Eu sou. Levante as mãos.

As mãos de Gardener se ergueram lentamente. Surbonadier apalpou-o, ameaçando-o ainda com o revólver. Depois, se afastou. Começou a invectivar contra o outro. A intensidade da cólera, aparentemente reprimida a custo, tocou a plateia, como veneno. O contato emocional entre os atores e a sala atingiu uma tensão quase insuportável. Pareceu a Nigel que aquilo não era uma cena entre o Rato e o Castor, mas um desenvolvimento do antagonismo entre os dois homens, indecentemente exibido ao público. “Carruthers”, o Rato, era seu amigo Félix Gardener. O “Castor” era Surbonadier, que detestava Gardener. A cena era sórdida e Nigel gostaria de desviar os olhos, mas isto lhe teria sido impossível.

— Em todos os cantos, Rato, você tem esperado por mim, dizia, agora, Surbonadier. — Todos os trabalhos que fiz foram estragados por você, Rato. Você roubou a minha garota. A voz se tornou histérica. — Basta. Por mim, basta. Aqui estou, para por fim a tudo e, por Deus, para acabar com você.

— Não hoje à noite, Castor. É um belo plano, o seu, e sinto muito estragá-lo, mas você pode ver que não estamos sós.

— Que quer dizer com isto?

— Não estamos sós. Gardener falou com o exagerado tom faceto do herói popular. — Há um anjo bom, vigiando-o, Castor. Você está sob a mira de um revólver.

— Acha que sou presa fácil?

— Acho que você è formidável, mas, se não acreditar, meu Castor, dê um passo à direita e olhe para o espelho atrás de mim; virá a imagem do anjo que o observa.

Surbonadier deu um passo. Tinha o revólver ainda apontado para Gardener mas, por um segundo, seu olhar se desviou para o espelho acima da cabeça do outro. Depois, lentamente, se virou e olhou para a entrada do palco. Stephanie Vaughan acabava de entrar. Também ela tinha um revólver, dirigido para Surbonadier.

— Jenny! Murmurou ele. Deixou cair a mão, molemente. Como que em transe, permitiu que Gardener lhe tomasse o revólver.

— Obrigado, Jennifer, disse Gardener. Com um risinho, Miss Vaughan abaixou a arma.

— Você não tem muita sorte, não é mesmo, Castor? Disse ela.

Surbonadier deixou escapar um gemido, se virou e agarrou o pescoço de Gardener, lhe erguendo o queixo. A mão de Gardener pulou para cima. O tiro, previsto por todos, na plateia, soou estranhamente alto. Surbonadier caiu e, com expressão atônita, se amontoou aos pés de Gardener. As

honras da representação estavam divididas entre ambos, mas agora Félix foi além de tudo o que fizera antes. Em seu rosto estava refletida, horrivelmente, a expressão de surpresa de Surbonadier. Ficou olhando o revólver, deixando-o depois cair. Virou-se, perplexo, para o público, como quem faz uma pergunta. Olhou para a porta do palco, como que procurando uma fuga. E depois, para Stephanie que, por sua vez, parecia horrorizada com o que ele fizera. Quando finalmente ele falou, e seus lábios se moveram uma ou duas vezes, antes de emitir um som, foi como autômato. Miss Vaughan respondeu como um eco. Pareciam máquinas. Gardener continuava olhando para o revólver. Chegou a iniciar o gesto de apanhá-lo, mas retirou a mão, como se não ousasse tocá-lo.

— Céus, como ele representa! Murmurou um homem atrás de Nigel. O jornalista voltou a si, quando sentiu a mão de Alleyn no seu joelho.

— É o fim? Perguntou o inspetor.

— É, sim. O pano vai descer daqui a minutos.

— Então, vamos sair.

— Quê?!

— Vamos sair, repetiu Alleyn. E depois, mudando o tom da voz: — Estão me procurando? As cadeiras deles ficavam na ponta. Erguendo os olhos, Nigel viu que um dos empregados do teatro estava inclinado sobre o inspetor.

— O senhor é o Inspetor Alleyn?

— Sou. Precisam de mim. Já vou. Vamos, Bathgate. Completamente aturdido, Nigel se ergueu e acompanhou o amigo. Só depois que se viram fora da sala, foi que o empregado disse:

— É horrível, senhor, horrível.

— De fato, disse Alleyn friamente. — Sei o que aconteceu.

— O senhor adivinhou? Será que todos perceberam?

— Não creio. Não vão chamar um médico? Se bem que não haja pressa.

— Meu Deus, ele está morto?

— Claro que está.

Quando se aproximaram da porta do palco, o velho Blair veio correndo, torcendo as mãos. Alleyn passou por ele, seguido por Nigel. Um homem em traje de rigor, muito pálido, descia o corredor.

— Inspetor Alleyn? Perguntou ele.

— Aqui, respondeu Alleyn. — Desceram o pano?

— Não creio. Quer que vá ao palco e peça um médico? Não percebemos coisa alguma. Continuamos com a representação. Ninguém percebeu. Ninguém sabe, nem mesmo nas primeiras filas. Ele disse que devíamos mandar chamar o senhor...

Tinham chegado aos bastidores, justamente quando descia o pano. Stephanie e Gardener ainda estavam no palco. Os aplausos foram entusiásticos. Simpson, diretor de cena, apareceu correndo. Assim que a franja do pano tocou o chão, Miss Vaughan soltou um grito e pôs os braços à volta do pescoço de Gardener. Simpson segurou a cortina, olhando horrorizado para Surbonadier, que estava aos seus pés. O homem em traje de rigor, que era o gerente comercial, se adiantou. A orquestra deu início ao primeiro acorde, mas o gerente devia ter lhe dito qualquer coisa, ou feito um gesto, pois as notas morreram tolamente. Ouviu-se a voz do homem, se dirigindo à plateia.



— Se houver um médico, nas primeiras filas, quer fazer o favor de vir ao palco? Muito agradecido. A orquestra começou a tocar. Atrás da cortina, Alleyn se dirigiu a Simpson.

— Vá para a porta da rua e não deixe ninguém sair. Compreendeu? Bathgate, telefone para Scotland Yard. Diga-lhes, de minha parte, o que aconteceu, e peça que mandem o pessoal do costume. Escute, vou precisar de uns guardas.

Virou-se para o gerente comercial, que acabava de passar pelo pano e acrescentou:

— Mostre a Mr. Bathgate o telefone mais próximo e depois volte aqui. Alleyn se ajoelhou ao lado de Surbonadier.

— Onde fica o telefone? Perguntou Nigel.

— Ah, naturalmente, vou mostrar, disse o gerente. Atravessaram uma porta no proscênio, que levava à sala, quase colidindo com um homem alto, de casaca.

— Sou o médico, disse ele. Que foi que aconteceu?

— No palco, indicou Nigel.

O médico olhou-os e entrou no palco. Na sala, os últimos espectadores procuravam a saída. Algumas mulheres, que tinham vindo fazer a limpeza, estavam juntas, com panos de pó embaixo do braço.

— Trabalhem, trabalhem, disse o gerente, com energia. E a Nigel: — Chamo-me Stavely, Mr....

— Bathgate, completou Nigel.

— Sim, é mesmo. Negócio terrível, Mr. Bathgate.

— Parece que ninguém sabe o que aconteceu. Atravessaram a sala de espera e entraram num escritório. Ainda havia gente, à porta. Uma mulher dizia:

— Você não é muito esperto para arranjar táxi, não é mesmo, meu bem? Ao telefone, Nigel se lembrou do número da Yard. Uma voz de homem respondeu imediatamente.

— Estou falando a mandado do Inspetor-Chefe Alleyn, disse Nigel. — Houve um acidente no Unicorn. Um acidente fatal. Ele quer que o senhor mande imediatamente o pessoal do costume e alguns guardas.

— Muito bem, respondeu a voz. — O senhor disse “fatal”?

— Sim, sim, declarou Nigel. — Assim creio e... Parou, engoliu em seco e sua voz pareceu sair sem querer: — Parece que é assassinato.

\* \* \*

## Quatro

*ALLEYN TOMA CONTA*

**Q**UANDO voltou ao palco, Nigel se admirou por ver que quase não houvera alteração ali. Não compreendeu que ficara ausente por muito pouco tempo. O médico acabara de examinar o corpo de Surbonadier e estava de pé, olhando-o. Miss Vaughan ainda se achava no palco, soluçando nos braços da velha Susan Max. Félix Gardener estava perto, mas não parecia ver ninguém mais, a não ser Alleyn e o médico. Olhava de um para outro, movendo a cabeça, como se sentisse alguma dor. Quando viu Nigel, se aproximou vivamente e ficou ao seu lado. Nigel lhe segurou o braço e deu um apertãozinho. Nos bastidores, no escuro, havia grupos de pessoas.

— Não o tirei do lugar, disse o médico. — Foi um exame muito superficial, mas basta, para o que senhor deseja saber. Levou um tiro no coração e morreu instantaneamente.

— Eu atirei, disse Gardener de repente. — Matei-o. Matei Arthur. O médico olhou-o, constrangido.

— Cale a boca, Félix, murmurou Nigel. Olhou para Alleyn. O inspetor falava com George Simpson. Foram para a caixa do ponto. Simpson mostrava alguma coisa a Alleyn. Era o revólver usado para o tiro falso.

— Não entendi, disse ele. — As detonações foram simultâneas. Este aqui era de pólvora seca. Nem mesmo cheguei a apontar o revólver. Isto não podia ter feito coisa alguma, podia? Alleyn voltou para o palco. Falou com todas as pessoas nos bastidores.

— Querem fazer o favor de ir para a sala do guarda-roupa? Irei depois ouvir as declarações. Todos querem, naturalmente, tirar a pintura do rosto e trocar a roupa. Infelizmente tenho que proibir a ida aos camarins, até que sejam revistados, mas sei que há um lavatório e um espelho, na sala do guarda-roupa, e mandarei para lá os objetos de cada um. Um momento, por favor. Não saiam, ainda.

Seis homens vinham passando pelos grupos, nos bastidores. Três eram guardas fardados. Os outros, à paisana. Entraram no palco.

— Muito bem, Bailey, disse Alleyn.

— Sim, senhor, disse um dos homens à paisana. — Que houve?

— É como você vê, respondeu o inspetor, apontando para o cadáver.

Os homens tiraram o chapéu. Um deles pôs uma maleta ao lado de Alleyn e este inclinou a cabeça. O Detetive-Sargento Bailey, do departamento de impressões digitais, se curvou e olhou o corpo. Alleyn se dirigiu aos guardas:

— Vocês, levem todos para o vestiário. Um fique de fora e outro à porta do palco. Ninguém pode entrar ou sair. Mr. Simpson lhes mostrará o caminho. Também ele vai entrar. Faça o favor, Mr. Simpson. O diretor de cena se adiantou e olhou, desanimado, para o palco.

— Todos para o vestiário, façam o favor, disse ele, como se fizesse chamado para o ensaio. Virou-se para os guardas: — Por aqui, faça o favor. Saiu do palco, seguido por um policial. Um outro esperou um momento, depois disse:

— Façam o favor de seguir, senhoras e senhores. A velha Susan Max disse a Stephanie:

— Venha, querida. Stephanie estendeu a mão, apaticamente, para Gardener, que não olhou para ela. A moça se virou para Alleyn, que a observava com curiosidade; depois, com uma dignidade comovente, se deixou conduzir por Susan. À porta, se voltou, olhando para o morto, estremeceu e saiu.

— Bela saída, hein? Disse o inspetor.

— Alleyn! Exclamou Nigel, sinceramente escandalizado. Miss Janet Emerald, por detrás de um cenário, exclamou: “Miserável”

— Venha comigo, disse J. Barclay Crammer. — Estamos nas mãos dessas pessoas. Apareceu no palco e agarrou a mão de Gardener — Venha, meu velho.

— Oh, vão indo, todos vocês, disse Alleyn, com impaciência. Crammer olhou para ele, com mais tristeza do que raiva, e obedeceu. Gardener se endireitou e conseguiu chamar aos lábios a sombra de um sorriso.

— Vejo que concorda comigo, a respeito dos atores. Alleyn respondeu imediatamente:

— São um pouco duros, não?

— Quero dizer, Mr. Alleyn, que sei que fui eu que matei Arthur, mas, diante de Deus, juro que não carreguei aquele revólver.

— Não fale, aconselhou Nigel. — Eles descobrirão tudo. Você será inocentado. Não se preocupe mais do que o necessário. Gardener esperou um momento. Parecia um homem que voltava a si de um estado de coma, para compreender a sordidez do ambiente em que se achava.

— Escute aqui, disse de repente. — Alguém deve... Interrompeu-se. Expressão horrorizada surgiu em seus olhos. Nigel segurou-o de novo pelo cotovelo e empurrou-o para frente. — Você é um sujeito decente, Nigel, disse Gardener, em voz hesitante. — Oh, bom...

— Isto mesmo! Exclamou Nigel, aliviado. Todos se viraram para ele.

— Quer nos contar a história toda? Perguntou a Alleyn o mais velho dos investigadores.

— Foi assim...

Alleyn foi interrompido por um grito agudo, que parecia vir do corredor do vestiário. Uma voz de mulher, em horrível falsete, se misturava a um tom exasperado de barítono. “Largue-me, largue-me!”

— Oh céus, mais barulho! Disse Alleyn. — Vá ver o que é, Bailey. Bailey obedeceu. Sua voz, um baixo profundo, foi logo ouvida, no meio do ruído. “Agora, isto assim não vai”. E, logo depois, a voz do guarda:

— Estou apenas obedecendo a ordens, senhorita. O rumor se tornou mais fraco. Uma porta bateu. Bailey reapareceu, com um ar escandalizado.

— Uma das senhoras tentou entrar em seu camarim, explicou ele.

— Chegou mesmo a entrar? Perguntou Alleyn de modo cortante.

— Bem, sim, entrou mesmo por um minuto. Veio do resto do pessoal como que deslizando,

antes que um policial pudesse detê-la. Ele tirou-a de lá, sem demora.

— Quem foi?

— Creio que o seu nome é Emerald, disse Bailey com aspecto de enjoo. — Sobrenome, aliás, acrescentou rápido.

— Por que ela fez isto?

— Disse que foi lá para pegar alguma coisa que queria por no rosto, senhor.

— Bem, ela foi levada para fora, e lá está agora com os outros, comentou Alleyn sombrio. — Sentem-se, todos. Bathgate, fique se quiser, e o Sr. também Dr. Milner.

— Devo ficar? Perguntou o empresário.

— Sim, se quiser, Mr. Stavely. Posso precisar do Sr.

Sentaram-se todos em pesadas cadeiras de couro, e Nigel pensou que todos pareciam estar se preparando para participarem de uma cena de teatro.

— A situação, resumindo, é esta, começou Alleyn. — O corpo é o de Arthur Surbonadier. Durante o transcurso do último ato, ele representou uma cena com Mr. Gardener e Miss Vaughan. Ele ameaçou Gardener com o revólver que está ali. Miss Vaughan protegeu-o junto à porta. Gardener tirou o revólver dele. Surbonadier fez então como se fosse estrangular Gardener, que ergueu o revólver e atirou à queima-roupa no inimigo. Negócio de revólver tem sido sempre um truque. O barulho vem dos bastidores. Um alvo nunca foi usado no palco, pois então ficaria chamuscada a roupa de Surbonadier. Não há dúvida de onde veio o tiro. Esta noite, o revólver foi carregado e não com “balas falsas”. Vamos bater uma chapa do corpo, e outra do palco.

Um dos homens à paisana foi para os bastidores e voltou com uma máquina fotográfica. Várias fotos foram tiradas. O fotógrafo, um homem completamente silencioso, então foi embora com todo o seu aparelhamento.

— Este é o médico de nossa divisão, Dr. Milner.

— Boa-noite, disseram os dois médicos, ao mesmo tempo. O legista examinou rapidamente o morto e se afastou um pouco, conversando com o Dr. Milner.

— Desenhe a giz o contorno do corpo, no chão, Bailey, e vire-o depois, disse Alleyn.

Bailey obedeceu. Nigel fez um esforço, para olhar para Surbonadier. O morto tinha a mesma expressão admirada que havia sido notada nas primeiras filas. A pintura gordurosa, no rosto, tinha um brilho opaco. Os olhos estavam abertos.

— Você pode notar as roupas chamuscadas. Foi morto instantaneamente.

— No coração, disse o médico.

— Meus Deus, é horrível! Exclamou o gerente.

— Creio que basta, disse Alleyn ao legista, que se ajoelhou ao lado do morto e lhe fechou os olhos. Bailey, que saíra por momentos, voltou com um pedaço de brocado, com o qual cobriu o cadáver. Era uma fazenda vistosa, vermelha e dourada.

— No revólver haverá, certamente, as impressões digitais de Mr. Gardener, disse Alleyn. — Mas faça o favor de ver se há outras, Bailey. Estava no camarim às sete e vinte, quando o vi. Bailey olhou com surpresa para o inspetor. Alleyn continuou: — O camareiro levou-o para Mr. Surbonadier,

entre sete e meia e sete e quarenta e cinco. Estava descarregado; o próprio Surbonadier carregou-o, no palco. Devemos nos lembrar que todos, na peça, sabiam exatamente o que ia acontecer. Mr. Gardener devia fazer o que fez, apertar o gatilho, dirigido para o coração de Surbonadier. Há a remota possibilidade de terem dado a Surbonadier munição verdadeira. Não é provável. Mas, se tivessem feito isto deliberadamente, a pessoa responsável teria mais ou menos certeza do resultado. Surbonadier mal saiu do palco, depois de ter carregado o revólver e, enquanto estivesse no palco, não atiraria, pois mesmo um revólver descarregado faz ruído, quando apertam o gatilho. Gardener, sim, puxaria o gatilho. Sua mão podia ser vista da plateia e a ilusão tinha que ser completa. Não é isto mesmo, Mr. Stavely?

— Sim, creio que sim, mas não sou diretor de cena, inspetor. Meu serviço é na frente do teatro. O produtor está em Manchester, mas Mr. Simpson, o gerente geral, poderia responder melhor, ele, ou Mr. Gardener.

— Naturalmente. Quer fazer o favor de chamar Mr. Simpson? Oh... E, Mr. Stavely, leve o Detetive-Sargento Bailey à sala do guarda-roupa. Bailey, não mexa em nenhum camarim, a não ser no de Miss Max. De lá, pode tirar uma toalha, sabão, e um vidro de creme. É com creme que retiram a pintura, não é? Leve esses objetos para o vestiário, feche as portas dos camarins e deixe que os artistas se lavem. E, Fox... Alleyn se virou para o outro detetive à paisana: — Seja um anjo e telefone para vir o rabeção. Mr. Stavely o levará ao telefone. Desculpem-me me mostrar um tanto “hitleriano”, mas é preciso.

Alleyn sorriu agradavelmente para Stavely e para o médico.

— Muito agradecido, Dr. Milner. Não o importunarei mais, hoje à noite, mas tenho o seu endereço. Com certeza está aflito por se ver livre disto aqui.

O médico dava impressão de quem estava com muita vontade de ficar. Mas partiu sem protestos, acompanhado pelo legista. Os outros foram cumprir ordens e Nigel ficou só, com Alleyn. O teatro estava muito silencioso. Ao longe, na frente do edifício, bateu uma porta e, logo em seguida, um relógio deu horas. Onze horas. Vinte minutos antes, o morto ali sob o brocado fora um homem vigoroso e alerta; o eco de sua voz ainda mal se apagara. Parecia a Nigel que tinham se passado mais de duas horas.

— Alleyn, você não acha que foi Félix, acha? Perguntou, de repente.

— Meu caro, não sou médium. Não tenho a mínima ideia de quem possa ter sido, mas não é mais provável que tenha sido ele do que qualquer outro. Ele não carregou o revólver. O fato de ter puxado o gatilho não parece ser o mais importante. Digo não parece. É possível que tenha que responder a um processo por homicídio. Não entendo de lei.

— Balela!

— Não me diga “balela”, menino. Sabe taquigrafia?

— Sei.

— Então pegue este caderno, sente do outro lado do cenário e tome nota das conversas que vamos ter aqui. Muito silenciosamente. Dedo nos lábios e esta história toda.

— Não preciso de seu caderno. Tenho o meu.

— Como quiser. Lá vem Simpson. Suma. Nigel obedeceu, deixando a porta aberta. À meia luz, viu um tamborete do tipo chamado “pufe”. Puxou-o de mansinho para a entrada, sentou e pegou o

caderno de notas. Viu alguém descer o corredor dos camarins e entrar no palco. Por detrás do cenário e bem perto dele, Alleyn falou.

— Oh, está aqui, Mr. Simpson. Sinto muito prendê-los desta forma, mas quero fazer o máximo, antes que a pista, se é que há pista, se apague. Faça o favor de sentar. Ouviu-se o ruído macio de um impacto e o farfalhar de uma almofada de seda. Depois, a voz de Simpson:

— Mas, claro. Farei tudo, para ajudá-lo.

— Quero que o senhor me diga “com suas próprias palavras”, como o advogado da defesa adora dizer, o que costuma acontecer todas as noites e, principalmente, o que aconteceu hoje à noite, em relação ao revólver. Se bem me lembro, Mr. Surbonadier carregou o revólver com balas que tirou de sua mesa, na primeira cena do último ato. Quem colocou ali as balas?

— O assassino.

— Vejo que me entende, disse Alleyn, de bom humor. — Eu deveria ter perguntado: Quem pôs ali as balas falsas?

— Eu, respondeu George Simpson.

\* \* \*

# Cinco

## DECLARAÇÕES DO DIRETOR ARTÍSTICO

**N**IGEL experimentou ligeira emoção, ao escrever a última frase, emoção que foi temperada pela reflexão seguinte: a colocação das balas falsas pouca importância tinha, em relação à das verdadeiras. Alleyn continuou, com naturalidade:

- Foi o senhor. Ótimo. Agora, quando foi, exatamente, que colocou as balas falsas, na gaveta?
- No intervalo do segundo ato, um minuto antes de se erguer o pano.
- A mesa estava no palco?
- Sim, estava; o cenário estava preparado.
- Gostaria de que não tivesse havido mudança de cenário. Onde estava exatamente a mesa? Pelo que me lembro, estava ali. Nigel ouviu Alleyn atravessar o palco. Espiando pela fresta da porta, viu o inspetor perto da primeira entrada do ponto, isto é, na porta à direita do público.
- Foi exatamente ali, disse Simpson.
- E a mesa estava de frente para a porta, não estava? Perguntou Alleyn.
- Exatamente.
- Agora, quando o senhor pôs as balas falsas na gaveta, quem estava no palco?
- Os que entravam primeiro no terceiro ato. Miss Max, Miss Emerald e... Mr. Surbonadier.
- Eles viram quando o senhor colocou as balas?
- Sim, viram. Miss Janet disse: “Fico sempre com medo de que se esqueça destas coisas, George. Você deixa tudo para a última hora!”
- A gaveta estava vazia, quando o senhor a puxou?
- Creio que sim. Não sei se eu juraria que estava... É possível que não tenha visto o fundo.
- Lembra-se se alguma daquelas pessoas se aproximou da mesa? Talvez alguém tenha se sentado diante dela, enquanto esperava que se erguesse o pano?
- Não me lembro, disse Simpson, apressadamente.
- Mr. Simpson, procure se lembrar. Houve uma pausa.
- Não me lembro, disse ele, obstinadamente.
- Deixe-me ajudá-lo. Falou com algum deles, agora?
- Sim, sim, falei. Falei com Miss Max. Ela disse que o tapete daquele lado atrapalhava a porta, quando se abria, e eu mudei-o de lugar. Depois, ela sentou naquela cadeira e começou a tricotar. O tricô faz parte da peça.
- Sim, estava numa bolsa vermelha.
- Isto mesmo. Simpson começou a falar rapidamente: — E ela não se levantou, até se erguer o pano. Lembro-me disto, porque ela deu risada do tricô, dizendo que procurava acabá-lo, antes que a peça tivesse três semanas. É um cachecol. Ela experimentou-o à volta de meu pescoço, para ver o tamanho.

— Agora, ela não ficou ali sentada durante algum tempo, depois que o pano se levantou? Não estava ainda ali, quando Surbonadier carregou o revólver? Pela fresta da porta, Nigel viu Simpson olhar de relance para o inspetor.

— O senhor tem boa memória. É isto mesmo.

— Tenho, na realidade, péssima memória, disse Alleyn. — Mas a cena me impressionou. Ao procurar recordar, isto ajuda muito. Agora, que fez o senhor depois de ter endireitado o tapete e pilheriado a respeito do tricô?

— Creio que dei uma volta pelo palco, para ver se estava tudo em ordem.

— E depois?

— Depois fui para a caixa do ponto... Lembro-me agora que Surbonadier e Miss Emerald estavam no palco, perto da janela, e... Simpson se interrompeu de repente.

— Sim?

— Só isto.

— Não creio que seja só isto, Mr. Simpson. Que ia dizer?

— Nada.

— Não posso obrigá-lo a falar, mas... Deixe-me lembrar como é séria a sua posição. Não adianta eu querer fingir. Não sou ator, Mr. Simpson. O senhor pôs as balas na gaveta. É importantíssimo, para o senhor, provar que eram, de fato, falsas.

— Não me compete... Começou Simpson, acaloradamente.

— Então, pelo amor de Deus, não comece com o jogo tolo de querer proteger alguém. Essas coisas ou são terrivelmente perigosas, ou completamente idiotas. Mas faça como quiser. Simpson saiu do campo de visão de Nigel e, quando falou, sua voz soou longínqua.

— Tem toda a razão, disse ele. — Mas creio que posso elucidar a questão das balas.

— Tanto melhor. Agora, que ia dizer, a respeito de Miss Janet Emerald?

— Sinceramente, não é nada de importância. Surbonadier parecia um tanto perturbado. Ele... Pois bem, é minha obrigação, como diretor de cena, olhar por essas coisas... Ele parecia outro.

— Quer dizer que estava bêbado. Sei que estava.

— Oh, bom, isto e mais alguma coisa. Perigosamente bêbado. Pois bem, quando fui para a caixa do ponto, Janet veio me procurar e disse: “Arthur está bêbado, George, e estou nervosa”. Repliquei: “Mas está representando muito bem, esta é a verdade”. E estava mesmo, como o senhor sabe. Depois, Janet disse: “Pode ser, mas ele é um ordinário, um grande ordinário”. E ouvi-a murmurar... Oh, céus isto não quer dizer nada...

— Sim?

— Ouvi-a murmurar de si para si: “Eu poderia matá-lo”. Depois, me deu as costas e ficou com as mãos apoiadas na mesa. É seu jeito de falar; não quer dizer nada. Não olhei de novo para ela. Olhei para o livro e disse: “Tudo em ordem” e cada qual tomou o seu lugar.

— E depois?

— Depois eu disse: “Luzes, na sala”, para o electricista, e dei sinal à orquestra e o sinal de escuridão. A cena começa no escuro.

— E depois?

— Pois bem, eu disse: “A postos”, ficou tudo escuro e o pano se ergueu.

— Quanto tempo durou a escuridão?

— Durante as primeiras frases do diálogo. Mais ou menos quatro minutos, pois já fica tudo escuro alguns minutos antes de se erguer o pano. Depois Surbonadier acendeu o abajur do palco.

— Quem estava no palco, atrás do cenário, nesta ocasião?



— Oh, os empregados estavam no fundo. Lembro-me que Props se achava a meu lado, na caixa do ponto. Ele ficou ali, depois de ter me dado as balas falsas, e até que acabasse a escuridão. Lembro-me disto, porque ficou murmurando a respeito de uma das balas, que estava solta. Parecia ter medo de que se estilhaçasse, quando Surbonadier carregasse o revólver.

— Compreendo. E os outros.

— Creio que o jovem Howard Melville se achava por ali, ele é assistente do diretor de cena. Eu estava com o livro. É uma cena curta, mas os atores que entram na cena seguinte só são chamados no meio.

— Mais uma coisa só. Onde o senhor arranhou as balas?

— Foram feitas por Props. Ele é um gênio, nestas coisas. Orgulha-se disso. Arranhou cartuchos vazios e encheu-os, com areia, enfiando depois as balas dentro.

— Parece desnecessariamente meticuloso.

— Céus, tem razão! Mas Props é assim. Simpson parecia agora mais à vontade. — Ele teve choque de guerra, pobre coitado, e é... Não exatamente esquisito, mas muito concentrado. Estava orgulhosíssimo, quando me mostrou as balas, afirmando que ninguém diria que eram falsas.

— Onde ficavam guardadas?

— Props sempre apanhava o revólver, no fim do espetáculo, e levava tudo embora. Entregava o revólver a Félix Gardener. O revólver foi do irmão de Félix e este lhe dá muito valor, levando-o sempre para casa. Props costumava guardar as balas na sala dos adereços, entregando-as a mim, antes do início da cena. Eu obrigava-o a fazer isto, pois queria ter certeza de que estavam na gaveta certa.

— E foi o que aconteceu hoje à noite?

— Foi.

— Examinou-as, antes de colocá-las na gaveta?

— Não sei, não sei.

— O senhor saberia, se fossem balas verdadeiras?

— Não sei... Sim, tenho certeza de que saberia.

— Apesar da habilidade de Props?

— Não sei, digo que não sei.

— Está certo, não se afobe. Se Props estava preocupado com a bala solta...

— Sim, sim, naturalmente. Deviam ser falsas.

— Agora, Mr. Simpson, por enquanto, basta. Vejo que o Inspetor Fox está à espera. Dê-lhe o seu endereço, sim? E acompanhe-o até o vestiário. Mostre-lhe as roupas que deseja usar... Não, espere um momento. O senhor está de dinner-jacket e com certeza não precisa trocar a roupa. Fox!

— Alô.

— O rabeção chegou?

— Está lá fora.

— Muito bem. Veja se Mr. Simpson precisa de alguma coisa do vestiário. E, Mr. Simpson, quer permitir que Mr. Fox o reviste? Mera formalidade. Não precisa consentir, se não quiser. Não fique todo esquentado por causa disso.

A resposta de Simpson foi ininteligível. Espiando pela fresta, Nigel viu Fox revistar Simpson, com rapidez e eficiência.

— Cigarreira, duas libras em notas e moedas, caderno de apontamentos, lenço, fósforos, nenhum papel escrito. Quer ver alguma coisa? Perguntou alegremente a Alleyn.

— Não, nada. Mais uma pergunta. Gardener devia puxar o gatilho, ao fingir que atirava no Castor?

— Sem dúvida. A cena foi ensaiada cuidadosamente. Ele sempre fechava a mão esquerda, um segundo antes de puxar o gatilho. Isto me indicava que era o momento de eu atirar, de fora.

— Oh, sim, compreendo. Muito obrigado, Mr. Simpson.

Fox e o gerente se afastaram. Nigel estava imaginando se poderia falar, quando o rosto de Alleyn apareceu perto da porta. O inspetor pôs o dedo no nariz e fez uma careta para o jornalista, que ficou chocado com isto. Alleyn abriu a porta e veio para o lado dele. Nigel viu uns homens com uma maca, no palco, e fechou a porta vivamente. Alleyn olhou-o com curiosidade, mas com certa pena.

— Sai um ator, hein?

— Você é um diabo calejado, disse Nigel.

— Tomou nota de tudo?

— Tomei.

— Bom rapaz. Olá, que é isto? Fique onde está, e alerta. Ouviram-se vozes, discutindo perto da porta do palco.

— Que diabo quer você? Perguntou alguém, em voz alta. — O teatro é meu. Saia da minha frente.

Nigel voltou ao seu esconderijo. O corpo de Surbonadier fora levado. O Inspetor Fox apareceu, perseguindo um homem enorme, de casaca, com uma gardênia na lapela. O homem avançou furiosamente para Alleyn, rosnando.

— Mr. Jacob Santo, suponho? Disse o inspetor, cortesmente.

— E quem é o senhor?

— Sou da Scotland Yard, e estou investigando este infeliz incidente. Sinto que o senhor tenha que ser inteirado de notícia tão desagradável... Mas vejo que já sabe da tragédia. Mr. Surbonadier era seu sobrinho, não era? Posso apresentar meus pêsames?

— Quem foi o miserável que o matou?

— Ainda não sabemos.

— Ele estava bêbado?

— Já que pergunta, sim, estava. Jacob Santo olhou para o inspetor e, de repente, atirou seu enorme peso numa poltrona. Nigel se lembrou de continuar tomando nota do que era dito.

— Eu estava na frente, hoje, declarou Santo.

— Eu o vi, disse Alleyn, vivamente.

— Eu não sabia que ele estava morto, mas sabia que estava bêbado. Suicidou-se?

— É esta a sua opinião? Perguntou Alleyn, sem parecer impressionado.

— Stavely me telefonou para o Savoy. Eu tinha estado aqui, atrás dos bastidores, mais cedo, e vira Arthur. Já estava bêbado. Eu lhe disse que ele teria que dar o fora, no fim da semana. Não suportou a notícia e se matou.

— Seria preciso uma grande fortaleza de espírito, para carregar o revólver, representar e esperar que outro homem disparasse o tiro, observou Alleyn, suavemente.

— Ele estava bêbado.

— Sabemos disto. Talvez ele tivesse arranjado balas verdadeiras antes de se embriagar, então.

— Que quer dizer?... Oh. Pois bem, ele seria bem capaz disto. Onde está Janet?

— Quem?

— Miss Emerald.

— Os artistas estão todos na sala do guarda-roupa.

— Vou procurá-la.

— Faça o favor de não sair daqui. Mandarei avisá-la. Fox, faça o favor de chamar Miss Emerald.

Fox saiu. Santo olhou para Alleyn, pareceu hesitar e depois tirou um estojo de charutos.

— Fuma? Perguntou.

— Não, muito obrigado, respondeu Alleyn. — Para mim, nada como um cachimbo. Santo acendeu um charuto.

— Compreenda-me bem, disse ele. — Não sou hipócrita e não vou derramar lágrimas pela morte de Arthur. Ele era um fracassado. Quando uma de minhas peças não tem sucesso, me esqueço dela. Uma especulação que falhou. Assim considero Arthur. Era um canalha e um covarde, mas bastante ator para se ver finalmente num papel de astro e representá-lo. Ele tinha loucura para representar um papel importante e, quando eu não lhe quis dar o de “Carruthers” chegou a me ameaçar!

— Onde o viu, hoje à noite?

— No seu camarim. Eu tinha negócios a tratar aqui, no escritório, e fui até os bastidores.

— Quer fazer o favor de me dizer o que aconteceu?

— Já lhe disse. Ele estava bêbado e eu o despedi.

— Que foi que ele disse?

— Não esperei para ouvir. Tinha um encontro marcado no escritório para as sete e quinze.

Janet!

A voz de Santo mudou, ao dizer este nome. Ele se ergueu. Nigel se moveu um pouco e viu que Janet Emerald aparecera à porta. Ela soltou um grito, atravessou o palco correndo e se atirou nos braços de Santo.

— Jacco! Jacco! Soluçou ela.

— Pobrezinha, pobrezinha, murmurou Santo, e Nigel se admirou da doçura de sua voz, ao consolar a grande e imponente Miss Emerald.

— Não foi você, disse ela de repente. — Não podem dizer que foi você!

Ela atirou a cabeça para trás, transtornada, e seu rosto, agora sem pintura, era impressionante. Santo estava de costas para Nigel, mas, mesmo assim, se via que as palavras dela tinham lhe causado um choque. Ainda segurando Miss Emerald, se imobilizara. Quando falou, foi em voz controlada, mas não mais carinhosa.

— Pobre menina, você está histérica, disse, no tom de um magnata do teatro. — Eu, eu, parecer assassino, criança?

— Não, não, estou louca. Foi horrível, Jacco; Jacco, foi horrível.

— Hum... Resmungou Santo.

— Exatamente, interrompeu Alleyn. — Muito desagradável. Tenho certeza de que está aflita por se ver livre de tudo isto, Miss Emerald.

— Vou acompanhá-la, até sua casa, disse Santo. Achearam-se lado a lado e Nigel viu que ambos estavam muito pálidos.

— Ótima ideia, disse Alleyn. — Mas, antes, posso fazer umas perguntas a Miss Emerald?

— Não pode, não, declarou Santo. — Se quiser, venha vê-la amanhã. Compreende?

— Oh, compreendo, perfeitamente. Mas não faz mínima diferença. Há uma acusação de crime de morte, à espera de alguém, Mr. Jacob Santo, e está sendo representado um drama que o senhor não pode controlar e no qual representa papel que talvez seja importante ou insignificante. Levando mais longe a minha fantasia, posso dizer que a Velha Lei de pés chatos é diretor, produtor e crítico, ao mesmo tempo. E eu, senhor, eu represento a lei. Sente, se quiser, e fique quieto. Agora, Miss Emerald.

\* \* \*

## Seis

ALTAS HORAS

**N**IGEL tomou nota de todas as palavras de Alleyn com o maior entusiasmo. No fim, escreveu, entre aspas “Ruído do magnata, se sentando”. Dali a segundos, o inspetor interrogava Miss Emerald.

— Não se incomoda que eu fume cachimbo, Miss Emerald? Obrigado. Oh... Cigarro? Estes são turcos e estes são... Mas creio que a senhora conhece esta marca.

— Não, obrigada. Ouviu-se um ruído de fósforo que se acendia. — Agora, a senhora quer fazer o favor de me dizer, pelo que sabe, como se processou o ato de carregar o revólver? “Ele sabe tudo isto”, pensou Nigel, impaciente.

— Eu... Não sei de nada, não tive nada com isto, disse Miss Emerald.

— Claro que não. Mas talvez tenha notado quem foi que colocou as balas falsas na gaveta, e quando.

— Não notei coisa alguma.

— Não viu quando foram postas na gaveta?

— Não notei.

— Realmente? Não se preocupou com o fato de estarem ou não na gaveta, e não disse a Mr. Simpson que ficava apavorada, ao pensar que ele pudesse esquecer?

— Eu não podia ter dito isto. Porque pensa que disse semelhante coisa? Jacco! Não sei o que estou dizendo. Por favor... Não posso ir embora?

— Não se mova, Mr. Santo. Logo acabaremos. Agora, Miss Emerald, faça o favor de responder à minha pergunta da melhor maneira possível e o mais simplesmente que puder. Creia-me, um inocente nada tem a temer e só pode ganhar, contando a verdade. A senhora não é a coisinha tola e perplexa que finge ser. É uma mulher grande e, creio eu, muito inteligente.

— Jacco!

— E sugiro que aja como mulher inteligente. Agora, faça o favor de dizer se viu ou não Mr. Simpson colocar as balas na gaveta, hoje à noite, e se disse ou não disse que ficava apavorada ao pensar que ele poderia esquecer?...

— Não, não; é tudo mentira.

— E depois ficou ou não com as mãos apoiada na mesa?

— Nunca. Eu estava conversando com Arthur, não notei o que Mr. Simpson estava fazendo, ele mentiu. Se isto foi o que disse, mentiu.

— O que a senhora estava dizendo a Mr. Surbonadier? Deve ter sido muito interessante, para prender tanto a sua atenção.

— Não me lembro.

— Realmente?

— Não me lembro, não me lembro.

— Muito agradecido. Fox, peça a Miss Susan Max que venha até aqui.

— Quer dizer que podemos ir? A voz de Santo causou um sobressalto a Nigel, que se esquecera dele.

— Um minuto. A noite é jovem. Como é impaciente!

— Quem é o senhor? Perguntou Santo, sombriamente. — Detetive cavalheiro, mediante da Yard, ou o quê?

— Meu caro senhor, me faz ficar encabulado.

— Ou... Ou... Ou... Santo imitou a voz agradável do inspetor com a graça exasperada do garoto de rua. — Oxford e Cambridge e essa história toda, acrescentou, furiosamente.

— Apenas Oxford e isto nada é, hoje em dia, disse Alleyn, em tom de desculpa. — Oh, aqui está, Miss Max. Não imagina como me aborreço, por causar este incômodo.

— Não se impressione, disse ela. — Está apenas fazendo o seu dever, creio eu.

— Miss Max, se todo o mundo pensasse assim, a vida do policial seria bem mais suave.

— Fiz o papel de Ruth em Piratas, no circuito australiano, disse Miss Max, caindo na poltrona que o inspetor lhe oferecera.

— Não diga? Lembra-se do trio a respeito do paradoxo? Frederick, Ruth e o Rei Pirata?

— Claro que me lembro. “Um paradoxo, um paradoxo, um engenhoso paradoxo”, cantarolou Miss Max, alegremente.

— Susan! Protestou Miss Emerald. — Como é que você pode?

— Por que não, querida? É um número bonito.

— Há aqui um paradoxo, que a senhora pode solucionar para nós, disse Alleyn.

— E o senhor é que é o policial!

— Sim. Quer me chamar “Frederick” e posso chamá-la “Ruth”?

— Deixe disso, exclamou a velha Susan Max.

— Pois bem, é o seguinte. Talvez eu não lhe conte o paradoxo, mas lhe faça uma pergunta e sua resposta o explicará. Pode me dizer o que aconteceu, exatamente, no palco, antes de se erguer o pano para o terceiro ato?

— Susan, você se lembra... Começou Janet Emerald.

— Por favor! Disse Alleyn, fazendo Nigel pular. — Agora, Miss Max...

— Deixe-me pensar. Eu estava sentada, tricotando e censurando George Simpson, a respeito do tapete. “George quer que eu quebre o pescoço?” E, então, ele arranhou o tapete. Coisinhas como esta causam má impressão às primeiras filas e aquilo iria estragar minha saída, no final da cena.

— Gostei muito de sua maneira de representar.

— Pois bem, querido, criei um tipo, sabe?

— Isto é uma conversinha fiada, ou uma declaração, interveio Santo.

— É um diálogo entre duas pessoas, somente, replicou Alleyn. — É uma grande coisa poder estudar tipos, Miss Max. Sou obrigado a isto, também.

— É tudo questão de observação, disse ela, lisonjeada.

— Claro que é. A gente aprende a observar. Agora, pode me dizer exatamente o que aconteceu, depois que Mr. Simpson arranhou o tapete?

— Deixe-me pensar. Houve silêncio. Miss Emerald deixou escapar um soluço. — Sim, Janet estava perturbada e conversava com o pobre Arthur, que estava um pouco pizzicato.

— Pizzicato?

— Meio bêbado. Pena. Pois bem, eles sussurraram e depois ele disse... Não... Estou

confundindo. Ela disse a ele: “Você está bem?” E ele disse a ela: “Não, estou mal”, proferindo também um palavrão. Não ouvi o seguinte, mas depois ele disse, em tom muito desagradável: “Você não pode falar de proteção, Janet. Você não estaria onde está, se não fosse por isto”. Mais sussurros. Não ouvi. Medí o cachecol no pescoço de George Simpson. Depois ele foi para a caixa do ponto... Não, pulei um pedaço. Espere. Antes disto, quando George pôs as balas na gaveta, Janet disse que sempre tinha medo de que ele esquecesse... Lembra-se, querida? E, então, depois daquelas observações sobre Arthur estar bêbado, e proteção, etc., você foi até o canto do ponto e me lembro que murmurou qualquer coisa a George Simpson. Pronto! Terminou Miss Max, com triunfante alegria.

— Bravo! Exclamou Alleyn. — Nota máxima. Teremos que incluí-la no pessoal da Yard.

— Oh, sim, talvez. É só? Posso ir, agora?

— Sinto muito perdê-la. Nigel esperava uma explosão por parte de Miss Emerald, uma explicação, talvez. Mas ela nada disse. Ele gostaria de poder ver Janet e Jacob Santo.

— É uma coisa chocante, disse Miss Max, bruscamente. — É chocante um moço morrer como morreu Arthur. Estava fora de si. Zangado. Ele estava zangado, sabe?

— Por quê?

— Por várias coisas. Não estava satisfeito com o elenco. Infeliz por outros motivos, também.

Com certeza foi assassinato?

— É o que parece.

— Pobre Félix. O senhor não está imaginando que possa ter sido Félix, espero? A não ser pelo fato de ter puxado o gatilho, coitado.

— Por que não? Interveio Janet. — Por que não Félix Gardener? Foi quem atirou. O revólver era dele. Por que está todo o mundo tão certo de que ele nada sabia a respeito? Stephanie está se fazendo de heroína, com ele. Todo o mundo o trata como inválido. Ao passo que eu... Sou tratada como criminosa. É infame.

— Há apenas mais uma coisa, disse Alleyn, como se ela tivesse falado. — É inevitável, do contrário eu não falaria nisto. Gostaria que todo o mundo, todos os que estão atrás dos bastidores, hoje, fossem revistados, antes de sair. Não posso insistir, mas, se todos consentissem, facilitariam as coisas. Miss Max, espero que saiba o que estamos procurando?

— Não.

— As balas falsas.

— Oh!

— Devem fazer certo volume, Miss Emerald, quer tirar seu agasalho?

— Olá! Que vai fazer? Exclamou Santo.

— Oh! fique quieto, Jacco! Nigel espichou o pescoço e viu Janet dar um passo à frente. Ela trajava um vestido de lentejoulas que lhe assentava como se fosse sua própria pele.

— Miss Emerald, permite que lhe faça um exame superficial, ou prefere ir até a polícia, onde haverá uma mulher?

— Não deixe que ele toque em você Janet.

— Oh, Jacco, não seja tolo. Ela agora falara sem histerismo, apenas com aspereza e desdém. — Faça como quiser, disse, a Alleyn. Ergueu os braços magníficos e fechou os olhos. Alleyn passou as mãos delicadas sobre o vestido, levemente. Também ele fechara os olhos. Parecia que seu cérebro estava na ponta dos dedos. Havia qualquer coisa de sobrenatural remota, nele. Levemente, as mãos desceram pelos lados e pela frente do vestido, parando nos joelhos e caindo, depois, desinteressadamente. Ele apanhou o abrigo que tombara ao chão, sacudiu-o e segurou-o pela gola.

— Com certeza quer vesti-lo novamente. Janet respirava irregularmente e nos seus lábios surgiu

um sorriso torcido. Ela vestiu o agasalho. — E a senhora, Miss Max? Perguntou Alleyn.

— Sou mais volumosa, o senhor terá que cutucar, disse Susan, alegremente. Tirou o casaco e ali ficou, redonda e um tanto patética, de saia e blusa.

— É muito amável, disse Alleyn, gravemente. — E muito ajuizada. Revistou-a e depois revistou Santo, que se prestou sem protestos. Alleyn examinou com cuidado os papéis na carteira, mas nada pareceu ali encontrar de interessante.

— É só, disse ele. — Não o deterei mais. Como vai para casa, Miss Max?

— Moro em South Rensington. Creio que perdi o último ônibus.

— Fox, seja bonzinho e diga ao guarda que está à porta que chame um táxi. Por minha conta, Miss Max.

— O senhor é muito amável.

— Boa-noite, “Ruth”, disse o inspetor. — Boa-noite, Miss Emerald, Mr. Santo. O Inspetor Fox tomará nota de seus endereços.

— Escute! Disse Jacob Santo. — Talvez eu tenha sido brusco, inspetor. Este negócio me perturbou. Está cumprindo o seu dever e é coisa que respeito. Gostaria de vê-lo amanhã.

— Estarei na Yard, às onze horas, se desejar fazer alguma declaração.

— Declaração, pílulas.

— Como quiser. Boa-noite. Ouviram-se passos e, depois, silêncio.

— Ainda acordado, Bathgate? Perguntou Alleyn.

— Apenas, disse Nigel. — Deixe-me sair daqui por alguns minutos. Estou exausto.

— Saia, saia, queridíssimo. Que pensa da pequena Janet? E do tio Jacob?

— Não muito. Nigel saiu do esconderijo, piscando. — Por Deus, ela contou umas lorotas. Se contou! Escute... Você acha...

— Apenas confusamente. Está tudo muito atrapalhado.

— Desconfio tremendamente de você, quando fala assim, disse Nigel.

— Volte para o seu canto. Com quem falamos, em seguida?

— Não me pergunte. Faz um frio dos diabos, neste palco.

— Vamos para um camarim?

— Boa ideia. Para qual deles?

— Bailey andou revistando-os, enquanto você estava seu confortável cantinho. Acho melhor irmos para de Arthur Surbonadier.

— “Seu” vampiro. Posso perguntar se pretende revistar todas as senhoras?

— Não acha divertido?

— Não, não acho.

— Talvez tenha razão. Olá, Bailey. O perito em impressões digitais apareceu.

— Examinei os camarins, disse ele, com tom aborrecido. — Nem sinal das balas. Tirei as impressões de todo o mundo.

— Realmente? Como?

— Oh, pedindo, disse Bailey, com sorriso irônico.

— O senhor não estava lá, cavalheiro.

— Muito bem. Alleyn não gostava de pedir abertamente impressões digitais e preferia que isto fosse feito sem que a pessoa o percebesse. — Muito bem, vamos continuar com o trabalho.

— Seria bom, se encontrássemos as balas, disse Bailey. — O inspetor Fox está revistando os outros homens. Achou que lhe pouparia trabalho.

— Inteligente, tanto quanto amável. Mas não encontrará as balas.



— As falsas? Perguntou Bailey, admirado.  
— As falsas. A não ser que o assassino seja vingativo.  
— Que é isto? Perguntou Nigel, desconfiado. — Em geral os assassinos não são vingativos?  
— Creio que não compreende, disse Alleyn, bondosamente. Virou-se para Bailey: — Acho que as balas estarão no lugar óbvio.  
— Óbvio! Exclamou Bailey. — O senhor me pegou! Existe um lugar óbvio?  
— Você nunca daria para assassino, Bailey. Antes de sairmos daqui, vamos olhar na mesa. Está ali, nos bastidores. Ajude-me.

Nigel estava perto do centro do palco. Adiantara-se, para os bastidores, quando uma voz, rouca, gritou acima deles.

— Cuidado!

No mesmo instante, Alleyn se atirou sobre o jornalista, empurrando-o para trás. Nigel se esparramou sobre uma poltrona, vendo, neste momento, alguma coisa tombar de cima e se quebrar com estrondo no chão. Nigel se levantou, trêmulo e perplexo. Havia no soalho um monte de vidro quebrado. Alleyn ergueu os olhos para a plataforma do eletricitista.

— Desça daí, gritou.  
— Sim, senhor, já vou indo.  
— Que diabo de pessoa é você?  
— Apenas o zelador do guarda-roupa.

Foram todos para os bastidores, onde deram com o Inspetor Fox, que viera correndo, da sala do guarda-roupa. Olharam para a parede do palco. Havia ali uma escada de ferro, na sombra. Ouviram-se passos macios e, logo depois, um vulto escuro. A escada vibrava levemente. Alguém descia.

\* \* \*

## Sete

*PROPS*

UM VULTO NEGRO descia, deliberadamente. Alleyn e Nigel nada disseram, mas recuaram ligeiramente. Nigel estava um pouco trêmulo, por ter escapado ao lustre. Olhava, perplexo, sem pensar, para os velhos sapatos de borracha que desciam, degrau por degrau. O homem não virou o rosto, até chegar embaixo. Depois, se voltou, lentamente. Bailey se adiantou e lhe segurou o braço.

- Agora você, aí...
- Não me trate assim... Rosnou o homem.
- Um minuto, Bailey, disse Alleyn. Bailey se voltou, indignado.
- Você é quem cuida dos acessórios, disse o inspetor Alleyn.

O homem estava de calcanhares juntos, as mãos caídas, firmemente, contra as costuras da calça. Tinha um rosto longo, fino e pálido, com sobrancelhas unidas. Olhava fixamente para um ponto no cenário, atrás da cabeça do inspetor.

- Sim, senhor, respondeu.
- Trabalha nisto, há muito tempo?
- Desde que dei baixa.
- Esteve na Brigada dos Guardas, não foi?
- Sim, senhor. Granadeiros. Companhia do Rei.
- Foi você quem fez as balas falsas, para a peça?
- Sim senhor.
- Onde estão?
- Dei-as a Mr. Simpson.
- As balas falsas. Tem certeza disto?
- Sim, senhor.
- Como tem certeza? Poderiam ser as verdadeiras.
- Não, senhor. O homem engoliu em seco. — Eu estava olhando para elas. Deixei cair um cartucho e a bala estava solta.
- Onde estão, agora?
- Não sei, não, senhor.
- Como é que deixou cair aquele lustre? Silêncio. — Como o lustre estava preso, lá em cima?
- Numa roldana.
- E a corda estava enrolada num pedaço de madeira, ou qualquer outra coisa, para ficar firme?
- Sim, senhor.
- A corda partiu, ou você a desenrolou?

— Não sei dizer, senhor.

— Muito bem. Sargento Bailey, vá lá ver a corda, sim? Agora, Props, vá para o quadro da eletricidade e ilumine os bastidores. Props obedeceu. Bailey subiu a escada, com ar inexpressivo. — Agora, volte, disse Alleyn a Props.

O homem voltou. Alleyn se aproximara da mesa, que estava um pouco fora dos bastidores. Nigel, Fox e Props seguiram-no. O inspetor tirou do bolso um canivete, enfiou a lâmina na gaveta de cima, à esquerda e abriu-a.

— Foi daqui que Surbonadier tirou as balas, disse ele. — Está vazia. Bailey, pode vir cuidar disto aqui, mas só encontrará impressões dos empregados e de Surbonadier, creio eu. Tomando todo o cuidado para não tocar na superfície, Alleyn abriu a outra gaveta, com a lâmina do canivete. — E aqui estão, disse, vivamente. Os outros se inclinaram. Dentro da gaveta, havia seis balas.

— Com os diabos, encontrou-as! Exclamou Fox.

Simultaneamente, ele e Nigel se voltaram para o zelador dos acessórios. O homem estava na mesma ridícula posição de atenção, olhando, como de costume, acima da cabeça dos outros. Alleyn, ainda interessado na mesa, a ele se dirigiu serenamente:

— Olhe na gaveta. Não toque em coisa alguma. São estas as balas falsas, que você fez? Props espichou o pescoço, se inclinando rigidamente. — Então?

— São, sim, senhor.

— E ali, olhe, está a bala solta. Caíram um dos dois grãos de areia. Você fez um bom trabalho. Por que não queria que eu as achasse? Props ficou em silêncio. — Você me aborrece, disse Alleyn. — E está se comportando de maneira esquisita e como um tolo. Sabia que as balas falsas estavam na gaveta; me ouviu dizer que ia procurá-las. Estava ouvindo, lá em cima, no escuro. E, portanto, deixou cair um lustre de meia tonelada no palco, avisando-nos primeiro de sua vinda, pois, provavelmente, não pretendia que houvesse outro assassinato, hoje à noite. Creio que esperava por uma confusão geral, que lhe permitisse descer e tirar as balas da gaveta. Foi uma ideia ridícula. O que se deduz é que você mesmo as enfiou ali e depois subiu para a plataforma, quando houve o crime.

— Tem razão, senhor, é o que parece, disse Props inesperadamente. — Parece que foi assim, mas não foi.

— Você é, como já disse, um tolo, mas não sei se eu não deveria prendê-lo, como conivente, após o crime.

— Meus Deus, não fui eu, não senhor!

— Folgo em ouvi-lo dizer isto. Então por que quis proteger o criminoso? Oh, bom, se não quer responder, não responda; mas não vou continuar a falar sozinho. Tenho que prendê-lo, Props.

O homem ficou trêmulo. Os braços tiveram um tremor convulso, os olhos se abriram. Nigel, que não conhecia os efeitos de choque de guerra, olhou-o com relutante curiosidade. Alleyn fitava-o atentamente.

— Então? Perguntou.

— Não fui eu, senhor, murmurou Props. — Não fui eu. O senhor não há de querer me prender. Eu estava na caixa do ponto e, se achei que vi um sujeito, ou talvez uma mulher andando no

escuro...

— Se achou que viu, é melhor dizer.

— Não quero comprometer ninguém. Ele era um canalha. Quem fez isto, não fez mal algum, a meu ver.

— Não gostava de Mr. Surbonadier? Props soltou uns palavrões.

— Ele era um... (São estas as únicas palavras que podem ser repetidas).

— Por que diz isto? Perguntou Alleyn. — Ele lhe fez algum mal?

O homem fez como quem ia falar, hesitou e depois começou a chorar, deixando Nigel horrorizado.

— Fox, você e Mr. Bathgate façam o favor de reunir o resto dos empregados, um a um, num dos camarins, ou em outro qualquer lugar, procurando obter o máximo de informações. Vocês sabem o que perguntar. A não ser que haja novidade, podem ir todos. Chamarei, quando tiver terminado.

Nigel acompanhou com prazer o Inspetor Fox, entrando no camarim de Gardener. Parecia séculos que tinham se sentado ali, ouvindo as opiniões do amigo sobre as características dos atores.

— Bom, acho que aquele é o nosso homem, disse Fox.

— Acha, realmente? Pobre coitado!

— É o tipo. Neurótico.

— Mas seu álibi é sustentado pelo diretor de cena.

— Sim... Mas, suponhamos que tenha dado a Simpson balas verdadeiras?

— Que me diz da bala solta e da areia? Aquilo pareceu sincero.

— Poderia estar solta, quando ele pôs as balas na gaveta, mais cedo, muito antes da cena no escuro. Não deixa de ser esquisito. Ele sobe para a plataforma, na hora do interrogatório e depois, quando o Inspetor Alleyn diz que vai procurar as balas, deixa cair o lustre, esperando surrupiá-las, na confusão.

— Sim, mas o negócio com o lustre foi tão tolo! Protestou Nigel. — E, se foi ele o assassino, não provou ser nada tolo. Mas, por que haveria de guardar as balas falsas ali e tentar, de maneira tão idiota e tão suspeita, distrair a nossa atenção?

— Teremos que incluí-lo no pessoal da Yard, Mr. Bathgate, disse Fox, bem humorado. — Mesmo assim, acho que ele é o nosso homem. O chefe deve estar conseguindo coisa, agora, disto não há dúvida. Muito bem, vou chamar os outros.

As declarações feitas pelo resto do pessoal do Unicorn foram desinteressantes. Estavam todos na sala dos acessórios, na ocasião da cena no escuro, se preparando para um jogo de pôquer. O chefe, Mr. Bert Willings, garantiu que nenhum deles sabia coisa alguma a respeito. Interrogado sobre Props, disse:

— É um sujeito esquisito, nervoso, que leva vida retraída. Acrescentou que Props não era casado, mas vivia com Trixie Beadle, camareira de Miss Vaughan, filha do velho Bill Beadle. Bill era camareiro de Mr. Gardener.

— Quem era o camareiro de Mr. Surbonadier? O homem respondeu que era o velho Bill,

também. Neste momento, um dos outros empregados disse:

— Ele odiava-o.

— Quem odiava quem? Perguntou Fox.

— O velho Bill odiava Mr. Surbonadier.

— Por quê? Porque Surbonadier andava atrás de Trixie.

— Hum... Murmurou Mr. Willings, mal à vontade. Fox ficou alerta.

— E que achava Props... De Mr. Surbonadier fazer a corte à sua garota?

— Ele odiava-o, também.

— Ah, ah! Murmurou Fox.

Houve um breve silêncio. Mr. Willings olhou para os sapatos, se firmou numa das pernas, sorriu e nada mais teve a dizer. Receberam todos ordem de ir para casa, deixando seus endereços. Saíram. Fox esfregou as mãos.

— Está vendo! Exclamou para Nigel. O morto estava se metendo com a pequena de Props. É justamente o tipo de ir até o fim. Antes de mais nada, acho que devemos contar isto ao chefe.

Voltaram para os bastidores. Não viram nem Alleyn nem Props.

— Onde terão ido? Disse Fox.

— Estou aqui, respondeu a voz de Alleyn. Nigel e Fox tiveram um sobressalto e se dirigiram para o ponto de onde viera a voz. Alleyn e Bailey estavam de joelhos, na caixa do ponto. Bailey estava ocupado com o insuflador e Alleyn examinava o chão, com uma lente. A seu lado, aberta, estava a pasta que lhe tinham trazido da Yard. Nigel olhou e viu uma coleção de objetos, onde distinguiu lentes, fita colante, tesouras, sabão, uma toalha, uma lanterna, luvas de borracha, lacre e um par de algemas.

— Que está fazendo? Perguntou o jornalista.

— Brincando de detetive, não vê?

— Que está procurando?

— Pegadas e sinais de areia. Fox, meu precioso Fox, a escovinha não está em minha pasta. Faça o favor de ir até o camarim de Miss Vaughan e trazer o pé de coelho que está lá.

O inspetor Fox ergueu os olhos para o céu e obedeceu, voltando dali a pouco com o pé de coelho.

— Muito obrigado. Teve sorte com os empregados?

— Bastante, respondeu Fox. — Surbonadier andou brincando com a pequena de Props e ela é a camareira de Miss Vaughan e seu pai é o camareiro de Mr. Gardener.

— Oh, isto...

— Que quer dizer com “oh, isto?” Perguntou Fox.

— Eu já sabia.

— Como?

— Props me contou. Continue com os outros, com exceção de Miss Vaughan e de Mr. Gardener. Procure saber o que faziam todos, na hora da cena no escuro.

— Perfeitamente, disse Fox, formalmente.

— E não fique zangado comigo, Foxxinho. Vai indo bem, muito bem, de maneira excelente, posso jurar.

— Isto é Shakespeare?

— E que seja? Vá andando.

— Posso ficar? Perguntou Nigel, quando Fox saiu.

— Fique, disse Alleyn. Tirou da pasta um pano e um vidro e começou a limpar o pé de coelho. Usou-o depois como vassourinha, tirando o que parecia pó, no chão, e colocando-o dentro do vidro.

— Que descobriu, Bailey, perguntou.

— Pegadas, dos sapatos de tênis de Props e dos sapatos de verniz de Simpson. Ninguém mais esteve dentro da caixa do ponto.

— Pois bem, tenho areia suficiente, se combinar com a das balas falsas, como penso que sim. Céus, como é tarde!

— Por que a areia? Perguntou Nigel.

— Pense. Pense. Pense.

— Oh, compreendo. Se for areia das balas, significa que Props trouxe as falsas para Simpson e que elas foram trocadas no escuro.

— Deixem de rir, disse Alleyn, a uma plateia imaginária. — O menino tem toda a razão. Agora, Bailey, tire as impressões digitais que conseguir, no revólver e na mesa. Oh, Céus, que confusão! Vamos ver as balas, no revólver.

O revólver, seguro delicadamente pela ponta do cano, foi colocado numa mesa. Usando o insuflador, Bailey procurou por impressões digitais e, comparando-as com as que já tirara, viu que, no revólver, tinham tocado Gardener, Surbonadier e o camareiro. Abriram-no e Bailey examinou as pontas das balas. O revólver era um Smith & Wesson e as balas comuns. 455. Nas pontas não havia impressões digitais, a não ser as de Surbonadier, e não existiam também em nenhuma parte das balas e nem no cartucho vazio.

— Diabo! Exclamou Bailey.

— Não esperei outra coisa, disse Alleyn, filosoficamente. — Olá, que é isto? Apanhou uma bala e foi parar sob a luz do palco. Nigel seguiu-o, esperançado. Alleyn pegou a lente e examinou a bala. Fez o mesmo com as outras.

— Que é? Perguntou Nigel. Alleyn lhe deu a lente, para que examinasse as balas. — Elas têm um tom esbranquiçado, se aventurou Nigel a dizer. — Todas elas. Está muito apagado em algumas e mais nítido em outras. Parece pintura.

— Cheire.

— Só sinto cheiro de latão.

— Largue o cigarro. Assoe o nariz. Cheire, agora.

— Há alguma coisa. Faz me lembrar alguma coisa, mas não sei o quê. Que é?

— Parece uma pessoa. Cheira a outra.

— Que diabo quer você dizer?

— Parece cosmético e cheira a Jacob Santo.

## Oito

FÉLIX GARDENER

- Que horas são? Perguntou Alleyn, bocejando.
- Quase duas e é uma noite horrorosa.
- Oh, céus! Detesto me deitar tarde.
- Mas não é tarde.
- Não para um jornalista, talvez. Olá, aqui estão os mascarados.

Ouviram-se vozes e passos, no corredor, e logo surgiu uma pequena procissão. Miss Dulcie Deamer, Mr. Howard Melville, Mr. J. Barclay Crammer, o Inspetor Fox. Miss Deamer estava pintada para sair à rua, isto é, pusera duas manchas de rouge nas faces e pintara os lábios nalgum ponto abaixo do nariz. Ainda conseguia ser *jeune filie*. J. Barclay Crammer tinha no rosto sinais de creme número 5, à volta das sobrancelhas. Usava uma manta xadrez, com uma ponta atirada sobre os ombros, e parecia profundamente enojado. Mr. Melville estava pálido e ansioso.

- Dulcie, como vai para casa? Perguntou, irritado.
- Oh, céu, num táxi, respondeu ela, em tom desanimado.
- Moro em Hampstead, disse Mr. Crammer.
- Sentimos muito o que aconteceu, disse Alleyn. — E, naturalmente, providenciaremos condução para todos. O guarda, à porta, se encarregará disto. Fox, quer ajudar? Boa-noite.
- Boa-noite, todo o mundo, boa-noite, arremedou Mr. Crammer, amargamente. Miss Deamer olhou timidamente e com ar significativo para Alleyn, que se inclinou formalmente. Mr. Melville disse:
  - Oh... Ah... Boa-noite. Alleyn olhou para ele e pareceu ter uma ideia.
  - Um minuto, Mr. Melville. O homem empalideceu. — Vou retê-lo apenas alguns minutos, explicou o inspetor. — Os outros podem ir. Quer fazer o favor de esperar na sala do guarda-roupa? Os outros olharam, alarmados, para Melville, que saiu dali. Todos se retiraram. — Fox, foram todos revistados? Perguntou Alleyn.
  - Os homens, sim, eficientemente. Apalpei mais ou menos a senhora. Ela estava quase sem nada.
  - Havia lugar para uma luva?
  - Oh, uma luva... É diferente.
  - Só sei que deixei duas senhoras saírem daqui sem serem completamente revistadas, idiota que sou. Mas a velha Miss Max está fora de cogitação e nada havia sob as lentejoulas, a não ser a própria Emerald. Ela não usa cinta.
  - Nem Dulcie, disse Fox, taciturno.
  - Fox, estamos sendo tolos. Se não tem certeza, convença-a a ir até a delegacia, para ser

revistada. Se não consentir, mande todos para casa e pague os táxis.

— Muito bem.

— Onde está Mr. Gardener?

— Esperando por você, no camarim do morto.

— Obrigado. Você vem, Bathgate, ou está sonhando com a cama?

— Vou.

Gardener estava no vão da porta, com as mãos nos bolsos. Olhou nervosamente para os recém-chegados e soltou uma risadinha.

— Vem me prender? Perguntou.

— Não, a não ser que me surpreenda com uma confissão, replicou Alleyn alegremente. — Vamos nos sentar.

— Confissão! Meus Deus, está bastante claro, sem isto. Atirei nele. Seja quem for o planejador desta coisa horrível, fui eu que atirei. Nunca me esquecerei disto.

— O senhor está inocente, Mr. Gardener, completamente inocente. Não tem mais culpa do que Mr. Simpson, que pôs as balas falsas, ou talvez as verdadeiras na gaveta da mesa. Nigel olhou admirado para Alleyn. — O senhor foi um instrumento, como o revólver, como o próprio Surbonadier, quando carregou o revólver.

— Tenho repetido isto a mim mesmo várias vezes, sem que faça diferença. Nigel, se você pudesse ver como ele me olhou... Como se soubesse... Como se, naquela fração de segundo, soubesse o que acontecera e pensasse que o culpado era eu. Pareceu tão admirado! A princípio não percebi. Levei um choque, você não imagina que choque, quando vi que o revólver disparara. Continuei a recitar as frases. Você sabe que era o revólver de Bill. Ele dizia que nunca atirara com ele num boche. Ainda bem que está morto e não pode ver isto aqui. Arthur caiu, como sempre caía. Representou bem o papel. E você sabe que eu não gostava dele. Eu disse isto, não disse?... Hoje à noite. Oh, meu Deus!

— Mr. Gardener, não adianta ficar assim, disse Alleyn, serenamente. — Talvez o mais verdadeiro dos chavões seja aquele que diz que o tempo tudo cura. Como policial, poderia dizer: “O tempo tudo soluciona”, mas, infelizmente, nem sempre é assim. Como policial, preciso fazer algumas perguntas.

— Quer dizer que deseja saber se fez de propósito?

— Quero provar que não fez de propósito. Onde estava, no princípio da primeira cena do último ato?

— A primeira cena do último ato? Quer dizer a cena em que Arthur carrega o revólver.

— Sim, essa. Onde estava o senhor?

— Eu? Onde, mesmo?... No meu camarim.

— Quando saiu de lá?

— Não sei. Creio que logo depois de ser chamado. Deixe-me pensar... Não posso raciocinar direito. Fui chamado e saí para o corredor.

— Quando?

— Durante a primeira cena, creio.

— Antes, durante ou depois da cena no escuro?

— Não me lembro. Não me lembro do que aconteceu exatamente antes...

— Algum pormenor pode fazer com que se lembre. Por exemplo, ao sair do corredor, entrou



num palco escuro.

— Alguém pisou o meu pé! Exclamou Gardener.

— No escuro?

— Sim, respondeu Gardener. — Um homem.

— Onde?

— Nos bastidores, não sei bem onde; estava completamente escuro.

— Tem alguma ideia de quem possa ser? Gardener olhou, apreensivo, para Nigel.

— Isto implicará alguém?

— Pelo amor de Deus, diga a verdade! Exclamou Nigel. Gardener ficou em silêncio por alguns minutos.

— Não, disse, finalmente. — Se tive uma ideia, é muito vaga para servir para alguma coisa, e poderia influenciá-lo. Já fiz bastante mal por uma noite, não fiz? Olhou para Alleyn e o inspetor sorriu.

— Não sou facilmente influenciável, disse Alleyn. — E prometo que isto não pesará, nas minhas deduções.

— Não, repetiu Gardener, teimosamente. — Não tenho certeza. Quanto mais penso nisto, menos certeza tenho.

— Tinha relação com seu olfato? Perguntou Alleyn.

— Meu Deus! Murmurou Gardener.

— Obrigado, disse o inspetor. Gardener e Nigel fitaram-no. O ator começou a rir histericamente.

— Bem no estilo detetivesco. “Este homem é inteligente”. Papel à prova de ator.

— Cale a boca, disse Alleyn. — Não quero mais saber de teatralismo. Estou cansado de cenas, Mr. Gardener.

— Sinto muito.

— Espero que sim. Agora, o revólver. Contaram-me que pertencia a seu irmão. Quer me dizer há quanto tempo está em seu poder?

— Desde que ele morreu.

— O senhor tem balas?

— Dei-as a Props, para que as transformasse em balas falsas.

— Tem mais, em casa?

— Não tenho; não consegui encontrar mais. Apenas aquelas seis. Oh, sim, fui eu que forneci tudo.

— O que fez, depois que esbarrou com um homem, no escuro?

— Blasfemei e esfreguei o pé. Ainda me doía, quando acenderam as luzes.

— Chegou perto da mesa que estava no palco, bem junto aos bastidores?

— Não me lembro. Devo ter me aproximado. O senhor quer dizer... A mesa... Onde estavam as balas. Devia estar perto.

— Agora, quanto à cena a que assistimos no camarim de Miss Vaughan. Por que Surbonadier foi tão desagradável?

— Estava bêbado.

— Nada havia, atrás disto?

— Ele não gostava de mim. Já lhe contei.

— Contou, disse Alleyn. — Mas me pareceu que ele o detestava por outros motivos, além de inveja profissional.

— Sim, o senhor deve mesmo ter percebido.

— Miss Vaughan?...

— Deixemos, pelos menos, Stephanie fora disto.

— Ela está nisto. Tem que tomar o seu lugar no quebra-cabeça. Gentilezas sociais não podem ser tomadas em consideração, num assassinato. Parece-me que o senhor era, então, o noivo de Miss Vaughan, e que Surbonadier era o pretendente preferido.

— Não estamos noivos oficialmente. Não estamos. Com certeza matei minha oportunidade, ao matar meu único rival. O noivado ia ser anunciado, à ceia.

— Compreendo. Mr. Gardener, o senhor tem um par de luvas, aqui, no camarim? Gardener empalideceu.

— Sim, tenho.

— Onde?

— Não sei. Provavelmente no bolso de meu sobretudo. Não uso luvas, nesta peça.

Alleyn apalpou os bolsos de um sobretudo, atrás da cortina. Encontrou um par de luvas laváveis, brancas, e examinou-as cuidadosamente. Cheirou-as, depois, levou-as para perto da luz, olhou dentro de cada dedo e atirou-as a Gardener.

— Completamente inocente, disse. — Muito agradecido, Mr. Gardener. Aprecio a sua franqueza. Agora, se concordar, vou revistá-lo, como revistei todos os outros.

Nigel assistiu à busca na maior ansiedade. Não sabia o que Alleyn esperava encontrar, ou, realmente, se esperava encontrar alguma coisa. Mas nada foi encontrado.

— É só, Mr. Gardener, disse o inspetor. — Não o deterei mais.

— Esperarei por Stephanie, se for possível, disse Gardener. Ela queria que eu conversasse primeiro com o senhor.

— Não há dúvida. Faça o favor de esperar no palco.

— Quer que eu vá com você? Perguntou Nigel, constrangido.

— Não, caro amigo, disse Gardener. — Se não se importar, prefiro ficar só. Saiu.

— E então? Perguntou Nigel, ansiosamente.

— Pois bem, Bathgate, não fizemos grandes progressos. Que aconteceu com suas notas taquigrafadas?

— Eu... Eu não podia servir de relatório, no caso de Félix.

— Não sou exatamente uma máquina, observou Alleyn, suavemente. E erguendo a voz: — Tomou nota de tudo, Fox?

— Tudo OK., respondeu Fox, no compartimento pegado. Dali a momentos, apareceu.

— Ele esteve tomando nota, do outro lado da porta, disse Alleyn. — Não posso ter confiança na minha triste memória.

— Oh, Céus.

— Gostaria de ir para casa? Perguntou Alleyn.

— Não; a não ser que você queira se livrar de mim.

— Fique, então. Fox, você falou com os camareiros, Mr. e Mrs. Beadle?

— Falei. A moça gritou, garantiu que nunca fez mal a ninguém, e que Mr. Surbonadier estava sempre com brincadeiras tolas, e que seu amor era Props. O velho Beadle disse mais ou menos a

mesma coisa. Ele avisara a filha que tivesse cuidado com Surbonadier. Estavam os dois na sala do guarda-roupa, durante a cena no escuro. Sozinhos, dizem eles. Encontraram-se na curva do corredor e foram juntos para lá. Ela é uma pequena esperta. O morto, evidentemente... Fox se interrompeu e fez uma careta... — Era um sujeito à-toa. Talvez o senhor queira falar com a moça, também? O pai é um homem direito e parece querer muito a filha.

— Está certo, hei de me lembrar deles. E, agora, tenho que entrevistar Miss Vaughan. Devia ter feito isto antes, para que ela pudesse ter ido para casa.

— Ela queria que os outros fossem primeiro, disse Fox. — Eu... Levei suas coisas para o vestiário e ela disse que ia trocar de roupa. Ainda não está pronta.

Pelo modo de falar de Fox, se via que ele punha Miss Vaughan numa categoria superior ao resto do elenco. Alleyn olhou para ele e sorriu.

— Qual a piada? Perguntou Fox, desconfiado.

— Não se ofenda. Fez o trabalho de rotina?

— Mr. Melville ajudou Bailey a repetir a cena em que o revólver foi carregado. Não encontramos a luva.

— Vou procurá-las, enquanto Miss Vaughan se veste.

Voltaram ao palco. Félix Gardener passeava de um lado ao outro, no corredor, lhes dando pouca atenção. Nigel foi falar com o amigo, mas Gardener respondeu ao acaso, olhando-o como se ele fosse um estranho.

— Vai dar tudo certo, Félix, se aventurou Nigel a dizer, desajeitadamente.

— Que é que vai dar certo?

— Alleyn descobrirá o culpado. Os inocentes nunca são acusados, hoje em dia.

— Pensa que me preocupo com isto? Disse Gardener. Recomeçou a andar de um lado ao outro. Nigel deixou-o.

No palco, Alleyn olhava, com ar crítico, a reconstrução da penúltima cena. A mesa estava no lugar. Assim também a poltrona de Miss Max e o sofá da janela, perto do qual Janet Emerald tivera sua última conversa com Surbonadier.

— Trouxemos todas as cadeiras, disse Bailey, que estava em mangas de camisa. Os dois policiais, que tinham ajudado, olhavam solenemente para a mobília. Melville desaparecera.

— Falta alguma coisa, disse Alleyn.

— Mr. Melville disse que não, declarou Bailey.

— Sim, falta. Uma mancha colorida. Que era? Alleyn se virou para Nigel. — Havia uma mancha colorida em algum lugar. Alguma coisa vermelha.

— Lembro-me, disse Nigel. — A bolsa de tricô de Miss Max. Estava no braço desta poltrona.

— Bravos, disse Alleyn. — Vamos procurá-la. Puseram-se todos à procura. Os dois policiais foram paia a sala do guarda-roupa.

— Diabo, onde estará? Murmurou Alleyn. — Estava naquela poltrona, durante toda a cena, e, no fim, Miss Max guardou o tricô nela. Alleyn procurou fora do palco, resmungando de si para si.

— Tem muita importância? Perguntou Nigel, cansado.

— Quê?

— Tem muita importância?

— Não. Quero apenas que o palco fique bonito. Nigel guardou silêncio.

— É isto, Sr. Inspetor? Perguntou um dos policia, entrando. Alleyn se aproximou.

— É sim. Tirou de dentro uma tira longa de tricô e depois enfiou a mão no fundo da sacola.

Em seu rosto surgiu expressão perplexa. Os outros, que o conheciam, ficaram alerta.

— Algum dos senhores deu por falta de alguma coisa? Perguntou Alleyn. Fez uma careta para Nigel e olhou à volta, provocantemente. Depois, tão repentinamente que causou a todos um sobressalto, retirou a mão e ergueu-a acima da cabeça. Exibia um par de luvas de camurça cinza. — Eureka! Exclamou o Detetive-Inspetor-Chefe Alleyn.

\* \* \*

## Nove

*O OMBRO DE STEPHANIE VAUGHAN*

— Mas, escute aqui, disse Nigel, indignado. — A velha Miss Max... Quero dizer, esta é muito forte! Ela é um amor. Alleyn soltou uma de suas raras gargalhadas.

— Está certo, está certo, não me coma. Não fui eu que coloquei as luvas ali.

— Mas alguém foi.

— É possível. Durante a cena no escuro. Oh, é uma coisa feia. Mas muito inteligente, sordidamente inteligente. Tudo tão simples. Nada de fantasias. Mas uma coisa posso dizer, como tenho dito a mim mesmo, desde o princípio. Estamos, aqui, diante de uma boa representação.

— Sim, das melhores, disse Nigel, pensativo.

— Há alguma coisa no polegar da mão direita? Perguntou Fox, de repente. Alleyn apanhou a luva por um dedo.

— Oh, Mr. Fox, o senhor é maravilhoso! Tão boa qualidade, oh, sim, senhor. Positivamente “grã-fina” Cheire.

— Descobri! Exclamou Fox. — As luvas cheiram a couro e a perfume, e... Com os diabos, onde foi que senti este cheiro?

— Em Mr. Jacob Santo.

— Com os diabos, o senhor tem razão.

— Muito bom perfume. Especial. Mas que descuido da parte de Mr. Santo, perder as luvas, que grande descuido! Disse Alleyn, entregando-as a Fox.

— Onde foi que as perdeu? Não estava usando luvas, quando veio nos procurar, observou Fox. — Sei disto, porque me empurrou, quando chegou à porta, e anel de sinete se enfiou na minha mão.

— O anel é grande demais. Enfia-se, mesmo, murmurou Alleyn. — Olhe! Ao dizer isto, mostrou o dedo mínimo da luva esquerda. Havia ali, distintamente, uma saliência.

— Ele esteve atrás dos bastidores mais cedo. Antes de levantar o pano. Neste momento ele estava na primeira fila.

— Poderia ele ter vindo aqui, mais tarde? Perguntou Nigel.

— É o que temos que averiguar. Por Deus, Fox, que aconteceu com o velho?

— Que velho?

— O porteiro dos fundos.

— Não o vi. Deve ter ido para casa, nos primeiros momentos.

— Estava lá, logo que chegamos aqui. É estranho. Temos que procurá-lo. Oh, bom, vamos entrevistar Miss Vaughan. Prefiro vê-la a sós, se fizer o favor de sair, Fox. Nada mais há a fazer aqui. Olhou direito para o polegar?

— Sim, cuidadosamente, respondeu Fox. — Há nele uma mancha esbranquiçada.

— Isto mesmo. Tem que ser analisada, para ser comparada com a das balas.

— O que o senhor acha que é?

— Oh, cosmético, Fox, cosmético. Enquanto converso com Miss Vaughan, veja se encontra cosmético igual, nos camarins. Tire amostras e tome nota do camarim onde estiverem, e esta história toda. Agora, quer apresentar meus cumprimentos a Miss Vaughan e pedir que venha até aqui?

Fox e Bailey saíram. Dali a pouco, surgiu o policial que estivera à porta da sala do guarda-roupa, olhou para Alleyn e desapareceu em direção à porta do palco. Alleyn seguiu-o, disse alguma coisa que Nigel não entendeu e voltou dali a pouco.

— Tem alguma objeção a fazer, se eu lhe pedir que tome nota da conversa?

— Não, respondeu Nigel. — Se tivesse, seria anulada pela curiosidade. Vou voltar ao meu esconderijo.

— Obrigado. Ela vem vindo.

Nigel voltou ao seu canto. Descobriu que, movendo a cadeira, poderia deixar a porta entreaberta e ver bem o palco, sem ser visto. Assim pôde ver Stephanie, quando ela entrou. A moça trocara o vestido e usava um agasalho de pele escura. Tirara a pintura de artista, de modo que parecia pálida e cansada. Em sua atitude nada havia teatral. Estava séria e digna e um tanto distante. “Nem parece a mesma”, pensou Nigel.

— O senhor mandou me chamar, disse ela, serenamente.

— Desculpe-me, se o recado pareceu autoritário.

— Por que não? O senhor é quem está tomando conta.

— Quer fazer o favor de sentar? A moça sentou numa poltrona. Houve minutos de silêncio.

— Que é que deseja me perguntar? Disse ela, afinal.

— Várias coisas. Primeiro, onde estava durante a cena no escuro, no princípio do último ato?

— No meu camarim, trocando a roupa. Depois, fui ver Félix.

— Tinha alguém com a senhora, quero dizer, no camarim?

— A minha camareira.

— O tempo todo?

— Não sei. Dali eu não podia ver quando as luzes se apagaram.

— Parece-me que poderia ouvir o diálogo.

— É possível. Não fiquei ouvindo.

— Mr. Gardener ainda estava no seu camarim, quando a senhora saiu de lá?

— Não. Ele saiu antes. Entrava no palco antes de mim.

— Quando foi que a senhora entrou?

— Depois de terminada a cena.

— Muito obrigado. Que aconteceu, depois que Bathgate e eu saímos de seu camarim, Miss Vaughan? A pergunta apanhou-a de surpresa. Nigel ouviu-a respirar fundo. Mas, quando falou, foi com naturalidade.

— Depois que saíram, houve uma cena, disse ela.

— Estava em ebulição, quando nos achávamos lá. Que aconteceu?

A moça se reclinou na poltrona, cansada, e o agasalho escorregou. Contraíu-se, como se alguma coisa a tivesse machucado, e se adiantou novamente, puxando o agasalho sobre os ombros.

— Está machucada? Perguntou Alleyn. — O seu ombro. A senhora pôs a mão ali.

— Arthur bateu em mim.

— Quê?

— Oh, sim.

— Deixe-me ver. Ela deixou cair o agasalho e afastou o vestido, erguendo o ombro. Nigel pôde ver a machucadura. Alleyn se inclinou, sem tocá-la.

— Que fez Gardener?

— Ele não estava lá. Creio que estou começando a contar pela metade. Assim que os senhores saíram, fiz Félix sair também. Ele não queria, é claro, mas eu tinha que lidar com Arthur sozinha e insisti. Félix não gostou de sair, mas saiu.

— E depois?

— Depois houve uma cena; uma cena em murmúrios. Já tínhamos tido outras. Eu estava habituada. Arthur estava fora de si de ciúme e fez toda sorte de ameaças. Depois ficou sentimental e começou a chorar. Nunca o tinha visto assim.

— Que ameaças?

— Disse que arrastaria meu nome na lama, respondeu Miss Vaughan, suavemente. — Disse que impediria que Félix se casasse comigo. Para ser franca, se Félix tivesse levado o tiro, eu não teria ficado admirada. Creio que Arthur mesmo fez aquilo.

— Acha? Ele tinha uma espécie de coragem do canalha?

— Creio que sim. Tinha esperança de Félix ser acusado.

— Onde estava ele, quando lhe bateu? Perguntou Alleyn.

— Que quer dizer com isto? Eu estava sentada na cadeira de meu camarim. Ele estava de pé, quando o senhor saiu, creio que a esta distância que o senhor está de mim, agora.

— Com a mão esquerda, então?

— Não. Não sei. Infelizmente, não me lembro. Talvez que, se o senhor fizer a mesma coisa... De mansinho, por favor... Talvez me lembre. Alleyn moveu o braço direito e Nigel viu a sua mão contra o lado esquerdo da garganta de Stephanie.

— Tocaria ali, no seu rosto, disse ele. — Acho que deve ter sido com a mão esquerda e, mesmo assim, teria sido um estranho golpe.

— Ele estava bêbado.

— É o que todo o mundo me diz. Não poderia ter estado atrás da senhora? Assim. Alleyn ficou atrás dela pôs a mão direita no ombro direito da atriz. Nigel se lembrou vividamente da cena no camarim, quando Gardener, de pé, a tocara da mesma maneira, rindo da observação sobre Edgard Wallace.

— Minha mão cai exatamente na machucadura, disse Alleyn. — Está doendo?

— Não.

— Deixe-me ajeitar o seu agasalho. A senhora está fria.

— Obrigada.

— Acha que poderia ter sido assim?

— Talvez. Ele estava cambaleando pelo quarto. Não me lembro, realmente.

— A senhora deve ter ficado aterrada.

— Não. Ele não era aterrador, mas fiquei satisfeita por Félix já ter saído. Consegui me livrar de Arthur e fui para o camarim de Félix.

— Pegado ao seu?

— É. Eu nada disse, quanto ao golpe no meu ombro. Beadle estava lá, mas saiu assim que

entrei. Contei então a Félix que tudo serenara.

— Que disse ele?

— Que Arthur era um bêbado indecente, mas que, até certo ponto, tinha pena dele. Disse que eu devia deixar que ele, Félix, falasse com o Senhor Surbonadier, para que se comportasse, e que não queria que eu me aborrecesse daquela forma.

— Muito calmo?

— Sim. Ele sabia que aquelas coisas não tinham real importância e ambos detestamos cenas. Trocamos apenas algumas palavras e depois Félix entrou no palco. Lembro-me que as luzes ainda estavam apagadas. Tem um cigarro, Mr. Alleyn? Gostaria de fumar.

— Desculpe-me. Não pensei nisto.

A moça aceitou um cigarro e Alleyn acendeu-o. Ela lhe tocou as costas da mão e ambos olharam bem dentro dos olhos um do outro. Depois, ela se reclinou de novo na cadeira. Fumaram em silêncio, durante algum tempo. Alleyn, muito senhor de si, Miss Vaughan, não tanto.

— Diga-me, por favor. Suspeita de alguém? Perguntou ela, ansiosamente.

— A senhora não espera que eu responda a esta pergunta.

— Por que não?

— Estão todos sob suspeita. Todos mentem e representam.

— Eu também? Menti ou representei?

— Não sei, respondeu Alleyn, sombriamente. — Como posso saber?

— Como o senhor me detesta, Inspetor Alleyn!

— Acha? Perguntou ele, rapidamente. E depois de uma pausa: — Costuma fazer quebra-cabeça?

— Às vezes.

— Não fica detestando às vezes um pedacinho que não consegue encaixar?

— Fico.

— É esta a única prevenção que um policial pode permitir a si próprio. Sinto isto pelas peças que não se encaixam. Pelas que se adaptam, sinto uma espécie de afeição.

— E o senhor não pode me encaixar no quebra-cabeça?

— Pelo contrário, creio que sei justamente onde a senhora deve estar.

— Meu cigarro acabou. Tem mais alguma coisa a perguntar? Não quero outro.

— Mais uma coisa. Posso ver sua mão?

Ela estendeu ambas. Nigel ficou admirado por ver Alleyn tomá-las muito de leve nas suas e erguê-las para perto de seu rosto. O inspetor virou-as nas suas palmas e ficou de olhos cerrados, tocando-as quase com os lábios. A moça não fez menção de retirá-las, mas estava menos pálida e Nigel teve impressão de que as mãos dela tremiam ligeiramente. O inspetor soltou-as.

— Chanel número 5, disse ele. — Muito obrigado, Miss Vaughan. Ela escondeu rapidamente as mãos nas mangas do casaco de pele.

— Pensei que fosse beijá-las, disse, despreocupadamente.

— Creio que conheço o meu lugar, observou Alleyn- — Boa-noite. Mr. Gardener está à sua espera.

— Boa-noite. Quer o meu endereço?

— Por favor.



- Apartamento 10, The Nun's House, Shepherd's Market. Quer escrever?...
- Não é preciso. Boa-noite. Ela olhou-o por um instante e, depois, desceu o corredor, em direção à porta do palco. Nigel ouviu-a chamar:
- Está aí, Félix? Momentos depois, os passos morreram.
- Tomou nota do endereço, Bathgate? Perguntou Alleyn, ansiosamente.
- Malandro!
- Por quê?
- Pois bem, pensei que você não tivesse gostado dela, antes, no camarim.
- Ela também pensou.
- Agora não tenho tanta certeza.
- Nem ela.
- Está sendo um canalha, Mr. Alleyn?
- Estou, Mr. Bathgate.
- O que queria insinuar, com aquela machucadura?
- Não adivinhou? Não percebe?
- Não. A ser que fosse desculpa para brincar com a moça.
- Que seja isto, se quiser, respondeu Alleyn.
- Acho que você é muito tolo, disse Nigel, com impaciência. — E vou para casa.
- Também eu. Agradecido por ter me proporcionado noite tão agradável.
- De nada. O prazer foi todo meu. Tenho que trabalhar um pouquinho, antes de ir para a cama.
- Que é isto, que é isto?
- Um artigo para o meu jornal. Um furo.
- Você me mostrará, de manhã, o que tiver escrito, rapazinho.
- Oh, Alleyn! Protestou Nigel.
- Sim, senhor.
- Oh, me deixe escrever alguma coisa. É um furo; é, de fato.
- Leve o artigo ao meu escritório, de manhã, meu senhor.
- Oh, está certo.

Alleyn reuniu seus homens e eles saíram em fila, pela porta do palco. Apagaram-se as luzes.

— A última cena no escuro, disse Alleyn.

O palco do Unicorn estava completamente escuro, silencioso e dedicado à memória de peças mortas. Nigel se sentiu oprimido pela sensação de desconfortável expectativa, que sentem as pessoas intrusas, em prédios vazios. “Era agora o momento”, pensou ele, de os fantasmas de velhos mascarados saírem por detrás de portas, representando ciosamente cenas esquecidas. Acima da cabeça deles, uma corda gemeu e um arzinho frio penetrou pela lona dependurada.

— Vamos, disse Nigel.

Alleyn acendeu a lanterna elétrica e eles desceram o corredor. Nigel saiu para o ar frio da noite. Os outros falavam com um guarda noturno e com dois rapazes que Nigel reconheceu como jornalistas.

— Um momento! Disse Alleyn, no corredor. — Escutem aqui! Os outros se viraram. A luz da lanterna penetrara numa espécie de buraco, à esquerda da porta. Brilhou nos olhos fechados do velho Blair.

— Deus do céu! Exclamou Nigel. — Está morto?

— Não. Apenas dormindo, respondeu Alleyn.

— Como se chama?

— Blair, respondeu o guarda noturno.

— Levante-se, Blair. Há muito caiu o pano e foram todos para casa.

\* \* \*

## Dez

*O DIA SEGUINTE*

**A**S NOVE HORAS do dia seguinte, Nigel tinha pronta a notícia. Participou ao redator as suas atividades e, no jornal, concordaram, com um misto de entusiasmo e de irritação, em atrasar a primeira página, enquanto ele submetia uma cópia a Alleyn. Os jornais da manhã estavam cheios de sensacionais cabeçalhos, mas seguidos de bem magras notícias. Nigel procurou o amigo, na Scotland Yard, e encontrou-o mais susceptível de persuasão do que esperara. O artigo insistia num ponto da tragédia, isto é: por mais lamentável que fosse o papel desempenhado por Gardener, não indicava cumplicidade no crime. Alleyn não criticou este ponto de vista. Nigel pouco falou das relações entre a vítima, Gardener e Miss Vaughan, se referindo quase que apenas ao apelo romântico do noivado dos dois últimos. Deu muito valor à sua impressão da tragédia, impressão de primeira mão, e às cenas seguintes, nos bastidores.

— Menos indiscreta do que pensei, disse Alleyn. — A não ser pelas pequenas coisas que sublinhei, pode publicar a notícia. Vai voltar para a redação?

— Não, a não ser que você não me queira aqui, respondeu Nigel imediatamente. — Trouxe um rapazinho, para levar o artigo.

— Você é forte! Está certo, fique. Cheguei ao ponto em que um Boswell me será útil.

— Atirando flores a si mesmo, disse Nigel. — Volto daqui a segundos. Depois de ter mandado o rapaz para Fleet Street, Nigel voltou, encontrando Alleyn ao telefone.

— Muito bem, vejo-o daqui a vinte minutos, disse Alleyn a quem estava do outro lado do fio. — Até logo. E desligou. — Cavalheiro muito desagradável, resmungou.

— Como... Desagradável?

— Um informante... Ou espera sê-lo.

— Quem?

— O laçao de Mr. Santo. Espere e verá.

— Espero mesmo, respondeu Nigel, com entusiasmo. — Como vai indo, Inspetor?

— Oh, é um negócio dos diabos.

— Tenho procurado estudar o caso, à minha moda, pelo que sei. Fiz um dossiê de amator.

— Não creio que você saiba o que seja dossiê. Em todo o caso, me deixe ver. Nigel mostrou várias páginas datilografadas.

— Aqui estão as notas que tomei para você.

— Muito obrigado, Bathgate. Mostre-me agora o seu sumário. Pode ser útil, Não sou forte em sumários.

Nigel olhou-o, desconfiado, mas Alleyn parecia estar falando muito a sério. Acendeu o cachimbo e começou a ler. No alto, estava escrito, em letras grandes:

## ASSASSÍNIO NO UNICORN

### *Circunstâncias*

*Surbonadier foi morto por Gardener com o revólver usado na peça. De acordo com as declarações do diretor de cena e do zelador do guarda-roupa, as balas falsas, sendo que uma solta, foram colocadas na gaveta da mesa, imediatamente antes da cena em que Surbonadier carrega o revólver. Sinais de areia, encontrados na caixa do ponto, sustentam esta teoria.*

— Havia areia na gaveta de cima, também, observou Alleyn.

— Havia? Isto é conclusivo, então. Alleyn continuou a ler:

*Props diz que a bala defeituosa só ficou assim naquela noite, quando a deixou cair. A não ser que esteja mentindo, e que ele e o diretor de cena estejam em conluio, isto significa que as balas falsas estavam na gaveta de cima, pouco antes do início da cena. Assim sendo, o assassino substituiu as falsas pelas verdadeiras, ou imediatamente antes, ou durante a cena no escuro, que durou quatro minutos. Usando luvas, tirou as balas falsas da gaveta de cima, substituiu-as por verdadeiras, pôs as falsas na gaveta de baixo e se livrou das luvas. Um par de luvas de camurça foram encontradas na sacola que estava no braço de uma poltrona, no palco. Surbonadier tirou as balas da gaveta de cima e carregou o revólver. Na cena seguinte, Gardener lhe tomou o revólver e disparou, como habitualmente. Todas as balas encontradas, depois, na arma, eram verdadeiras.*

### *Oportunidade*

*Todas as pessoas, nos bastidores, tiveram oportunidade de trocar as balas. As que estavam no palco talvez tivessem tido maior. Eram Miss Max, Miss Emerald, o próprio Surbonadier e o diretor de cena. Por outro lado, qualquer pessoa poderia ter entrado no palco, na cena no escuro, e feito a substituição. Miss Vaughan, Barclay Crammer, Howard Melville, Miss Deamer, os camareiros e os empregados.*

### *Motivo*

*As pessoas envolvidas serão tomadas uma a uma.*

*Miss Emerald. Estava no palco. Teve uma discussão com Surbonadier. O diretor de cena e Miss Max dizem que a viram se aproximar da mesa e se apoiar nela. Miss Emerald mentiu. Motivo: Desconhecido, mas ela discutira com S.*

*N. B. Ela parece em muito boas relações de amizade com J. Santo, tio de S.*

*Miss Max. No palco. Pegou a sacola, onde estavam as luvas. Não se aproximou da mesa, enquanto havia luz. Motivo: Nenhum conhecido.*

*Diretor de cena. No palco. Teve em mãos as balas falsas. Poderia ter-se aproximado da mesa, na cena do escuro, sem que os outros o percebessem. Singular testemunha. Motivo: Nenhum conhecido.*

*Zelador. Entregou as balas ao diretor de cena. Poderia facilmente ter se aproximado da mesa, no escuro. Conduta suspeita, após o crime. Fez cair o candelabro, de cima. Ocultou-se na galeria. Procurou evitar que se descobrissem as balas falsas na segunda gaveta. Motivo: Noivo de Trixie Beadle. Surbonadier fizera a corte a Trixie. Caso de choque de guerra.*

*Miss Vaughan. No camarim. Diz que Trixie, sua camareira, estava com ela, mas não se lembra por quanto tempo. Diz que foi ao camarim de Gardener e ficou lá, até o fim da cena no escuro. Motivo: Fora ameaçada por Surbonadier, que estava loucamente apaixonado por ela. Possivelmente com medo de que revelasse alguma coisa a Gardener. Noiva de Gardener.*

*Félix Gardener. Puxou o gatilho. Sua própria arma. Admite ter entrado no palco, durante o escuro. Diz que alguém lhe pisou o pé. Deu as balas verdadeiras ao zelador Props, para que as convertesse em falsas. Motivo: Talvez as ameaças de S. a Miss Vaughan.*

*J. B. Crammer.*

*Dulcie Deamer.*

*Howard Melville - Ver as notas de Fox.*

Alleyn ergueu os olhos.

— Não sabe? Melville e Crammer estavam juntos, no camarim de Crammer, durante a cena no escuro. Miss Deamer estava no camarim pegado e lhes ouviu as vozes. Vou escrever isto para você. Alleyn voltou ao sumário.

*Ver o relatório de Fox. Motivo: Nenhum, exceto ciúme profissional, no caso de Crammer. Trixie Beadle. Estava ajudando Miss Vaughan, mas disse a Fox que se achava com seu pai, na sala do guarda-roupa, durante a cena no escuro. Pode ser que tenha ido para lá, ao sair do camarim. Motivo: Fora provavelmente seduzida pelo morto e temia que ele contasse a Props. Noiva de Props.*

*Beadle. Pai de Trixie. Disse a Fox que estava na sala do guarda-roupa, com a filha. Encontrou-se com a filha, no corredor, primeiro. Motivo: Surbonadier andava se metendo com a filha.*

*Velho Blair. Porteiro dos fundos. Pouco provável.*

*Jacob Santo. Dono do teatro. Esteve nos bastidores, mais cedo. Tio do assassinado. Brigou com ele. Hipotético dono das luvas encontradas na sacola.*

*Gardener se lembra de ter sentido um perfume, na pessoa que lhe pisou no pé. Santo usa um perfume bastante perceptível. Motivo: Desconhecido, a não ser a discussão sobre o elenco.*

*Empregados. Todos na sala dos acessórios.*

*Notas. Pontos de interesse. Janet Emerald exclamou: “Não foi você. Não podem dizer que foi você”, quando Santo apareceu. Ela mentiu a respeito de si própria.*

*Props se comportou de maneira estranha e suspeita. Estaria Miss Vaughan dizendo a verdade? Teria Santo voltado aos bastidores? Na festa de estreia, Crammer deu impressão de detestar Surbonadier. Notei frieza entre Santo e Surbonadier, na festa.*

Aqui, o documento de Nigel acabava bruscamente. Alleyn colocou-o sobre a mesa.

— Tudo certo, aprovou ele. — Muito sugestivo. Se você fosse policial, que faria, em seguida?

— Não tenho a mínima ideia.

— Não tem? Pois bem, vou dizer. Estivemos remexendo no passado lamacento de Jacob Santo.

— Não diga!

— Sim. Assunto policial. Você não pode nos ajudar.

— Escute, não posso, mesmo?

— Há quanto tempo trabalha em jornal?

— Desde que saí de Cambridge.

— Há um ano, mais ou menos, não?

— E três meses.

— Não se lembra do caso de comércio ilícito de drogas, há seis anos, e de um artigo no Morning Express, que resultou numa ação judicial movida por Santo, tendo ele vencido e recebido cinco mil libras de indenização? Nigel assobiou, ficando pensativo.

— Lembro-me vagamente.

— Foi um caso espetacular. O artigo insinuava claramente que a imensa fortuna de Santo fora feita com o comércio de drogas ilícitas. Senhoras e cavalheiros de olhos pouco atraentes, amarelados e empapuçados, disse o articulista, recebiam cocaína e ópio de uma agência controlada por “um conhecido magnata do teatro, cujo recentes sucessos, numa casa de diversões, não muito longe de Piccadilly...” etc. Como já disse, Santo foi ao tribunal, ganhou, saiu um tanto maculado, mas triunfante. Houve um fato curioso. A identidade do articulista era desconhecida. Um conhecido repórter do Morning Express estava fora, em férias. O artigo chegou à redação, como se tivesse sido escrito por ele. Vinha uma nota à máquina, com sua assinatura, habilmente falsificada. Ele negou a autoria e venceu. Pela primeira vez, em sua tão segura carreira, o Morning Express fora apanhado. O endereço no papel era “Mossbur”, vila perto de Cambridge, e o carimbo, notado pelo secretário, era de lá. Tentaram descobrir o autor, mas, de qualquer maneira, o jornal era responsável. Mr. Santo se mostrou muito aborrecido e, oh, tão virtuoso!

— A que conduz tudo isto?

— O carimbo era de uma vila perto de Cambridge.

— Está pensando em Félix? Perguntou Nigel, acaloradamente.

— Em Gardener? Onde estava ele, nesta época, há seis anos? Nigel fez uma pausa. Olhou para Alleyn, contrafeito.

— Pois bem, já que pergunta, eu tinha acabado de...

— Apenas isto. Talvez Gardener possa dar alguma informação a respeito.

— Oh, se é só isto... Nigel pareceu aliviado. Pensei que estivesse achando que ele o escrevera. Alleyn fitou-o com curiosidade.

— Naquele ano, Surbonadier foi expulso de Cambridge.

— Surbonadier? Exclamou Nigel.

— Ele. Compreende, agora?

— Quer dizer... Que Surbonadier podia ter escrito o artigo e, portanto, saber demais a respeito do tio.

— É possível.

— É.

— O mal é que aconteceu há seis anos.

— Talvez Surbonadier tenha feito chantagem contra o tio, durante seis anos.

— É possível. O telefone tocou. Alleyn apanhou o fone.

— Sim. Quem? Oh, pode mandar subir. Virou-se para Nigel. — Isto talvez ajude.

— Quem é?

— O laçao de Mr. Jacob Santo.

— O informante.

— É. Detesto este tipo de coisa. Ele vai me fazer sentir envergonhado.

— Realmente? Quer que eu saia?

— Fique onde está. Fume um cigarro e aja como se fosse um dos nossos. Viu Gardener, hoje de manhã?

— Não.

— Vou telefonar. Receio que não se esqueça tão depressa, assim, deste negócio.

— É verdade. Você se esqueceria, no lugar dele?

— Nunca. Mas creio que me preocuparia um pouco mais com o fato de a polícia me julgar ou não culpado. O choque de ter atirado é o que parece deprimi-lo.

— Não é o que se esperaria de um inocente?

— Fico satisfeito por ouvi-lo dizer isto, observou Nigel, animado.

— Falo demais, replicou o inspetor. — Entre!

A porta se abriu para deixar entrar um homem alto, magro, desagradável. O rosto era um pouco pálido demais, os olhos um pouco grandes demais, a boca um pouco suave demais. Ele fechou a porta de mansinho e ficou parado, em silêncio.

— Bom-dia, disse Alleyn.

— Bom-dia, senhor.

— Você queria me ver, em relação ao assassinato de Arthur Surbonadier.

— Pensei que o senhor quisesse me ver.

— Por quê? O homem olhou para Nigel. Alleyn não deu atenção a este sinal de precaução. — E então?

— Se eu pudesse perguntar, senhor, se uma informação de dentro, a respeito das relações entre Mr. Surbonadier e meu patrão...

— Oh, quer fazer uma declaração, disse Alleyn, interrompendo-o bruscamente.

— Oh, não, senhor. Quero apenas perguntar. Não quero me meter em nada desagradável, senhor. Por outro lado, houve um incidente, que talvez a polícia tenha interesse em conhecer.

— Se você estiver ocultando provas, que possam ser de interesse para a polícia, há de se ver em

maus lençóis. Mas, se estiver querendo pagamento...

— Oh, por favor, senhor.

— Não receberá. Se sua informação for útil, você será chamado como testemunha e ganhará por isto.

— Pois bem, senhor... Disse o homem com um sorriso encolerizado, —...Não posso deixar de dizer que o senhor é franco.

— Aconselho-o a seguir o meu exemplo. O homem pensou por um momento, olhando, apreensivo, para o inspetor.

— Foi apenas um incidente, disse, afinal.

— Então, fale. Bathgate, quer tomar nota? Nigel se aproximou da mesa. — Você é laçao, em casa de Mr. Jacob Santo?

— Sim, senhor; ou, antes, fui.

— Nome?

— Josef Mincing. Idade: vinte e três anos. Endereço: 299 A Hanover Square, disse Mr. Mincing, num assomo de franqueza.

— Diga-me, com suas próprias palavras, que incidente foi esse.

— Aconteceu um mês antes da estreia da peça. No dia 25 de maio, para ser exato. Tomei nota da data. Foi à tarde. Mr. Surbonadier foi visitar Mr. Santo. Levei-o para a biblioteca e esperei do lado de fora, no saguão. Houve troca de palavras encolerizadas, tendo eu ouvido muitas. Mr. Mincing se interrompeu.

— Sim? Disse Alleyn.

— O que chamou minha atenção foi Mr. Surbonadier dizer que sabia por que motivo Mr. Santo havia pago duas mil libras a Mr. Morlake. Isto pareceu deixar Mr. Santo furioso. Este não falou muito alto, a princípio, mas falou com muita clareza. Mr. Surbonadier disse: “Não desisto”, em tom de desafio, mais de uma vez. Ao que pareceu, senhor, ele estava querendo forçar Mr. Santo a lhe dar outro papel, na peça. A princípio, Mr. Santo ficou furioso e mandou Mr. Surbonadier sair, mas depois ficaram mais calmos e conversaram mais baixo.

— Mesmo assim, você ouviu?

— Nem tudo. Parece que Mr. Santo prometeu ao sobrinho um papel importante, na peça seguinte, dizendo que não poderia modificar a atual. Discutiram um pouco, mas ficou combinado. Ouvei Mr. Santo dizer que deixaria sua fortuna a Mr. Surbonadier. “Não tudo. Janet herda também um pouco e, se você morrer antes, será tudo dela”. E olharam o testamento, senhor.

— Como sabe disto?

— Mr. Santo saiu, depois, com o sobrinho, e vi o testamento na mesa.

— E leu-o?

— De relance, como se poderia dizer, senhor, o mordomo e eu o tínhamos assinado como testemunhas, uma semana antes. Era muito curto: duas mil libras por ano para Miss Emerald e o resto para Mr. Surbonadier, e alguns legados. Miss Emerald herdaria tudo, caso Mr. Surbonadier morresse antes.

— Mais alguma coisa?

— Depois, parece que ficaram mais calmos. Mr. Surbonadier disse qualquer coisa a respeito de uma carta, que mandaria depois que a peça seguinte fosse montada. E saiu.

— Você trabalhava com Mr. Santo, há seis anos?

— Sim, senhor.

— Mr. Morlake costumava visitá-lo?

- Sim senhor, respondeu o homem, parecendo admirado.
- Mas não recentemente?
- Raras vezes.
- Por que você foi despedido?
- Perdão?
- Creio que ouviu o que eu disse.
- Não foi minha culpa, disse o homem, emburrado.
- Compreendo. Então, tem ressentimento contra o seu patrão?
- Não é de admirar que tenha.
- Quem é o médico de Mr. Santo?
- O médico, senhor?... É Sir Everard.
- Foi chamado, ultimamente?
- Ele vem regularmente.
- Está bem. Mais nenhum incidente, ou informação? Então, pode ir. Espere lá fora, durante meia hora. Terá que assinar a declaração.
- Obrigado, senhor.

O homem abriu a porta de mansinho. Hesitou, depois, disse suavemente.

— Mr. Santo... Odiava Mr. Surbonadier. Saiu, fechando cuidadosamente a porta.

\* \* \*



## Onze

*NIGEL SE TRANSFORMA EM DETETIVE*

— Um lindo espécime, observou Alleyn. — Há ali uma máquina de escrever. Quer fazer o favor de transformar esses rabiscos em coisas que se leia?

— Pois não. Quem é Mr. Morlake?

— É a criatura mais esquiva que conhecemos nestes últimos anos. Na ocasião da demanda, seu nome nunca foi citado, mas sempre murmurado por entre linhas. É americano e seus apelidos são “Neve” e “Droga”.

— Puxai Isto é de mau augúrio para Santo, não?

— Não é mesmo? Continue a escrever.

— Se foi Santo, deve ter voltado aos bastidores mais uma vez, disse Nigel, acima do ruído da máquina.

— E o velho Blair jura que não. Falei com ele, ontem à noite, enquanto vocês procuravam táxi.

— Talvez estivesse dormindo.

— Diz que não. Diz que se enfiou no seu cantinho, durante o interrogatório, e que esperou ali. O policial, à porta, pensou que ele estivesse com os outros, no palco.

— Engraçado o velho Blair não ter falado com o policial.

— Também achei. O velho disse que gosta de guardar as coisas para si e aquilo nunca acontecera no Unicorn.

— Por que perguntou sobre o médico de Santo?

— Queria saber se o bom senhor goza de saúde.

— Balela!

— É verdade. Ele dá a impressão de sofrer do coração. Faces tão rosadas! Exasperado, Nigel recomeçou a bater à máquina.

— Pronto, disse, dali a pouco. Alleyn tocou a campainha. Apareceu um guarda.

— Mr. Mincing está aí? O homem com que falei há pouco?

— Está, sim, senhor.

— Leia isto para ele e faça-o assinar... Mande-o depois embora. É um homem horrível.

— Muito bem, disse o guarda, sorrindo. E saiu.

— Agora, Bathgate, se realmente quiser ajudar, há uma coisa que poderia fazer para mim. Pode procurar quem foi o jornalista, cujo nome usaram naquele artigo. Procure-o e trate de arrancar alguma coisa. Veja se descobre relação entre ele e os artistas da peça. Veja se Surbonadier, ou Gardener... Espere um momento... Não seja tão sensível... Se um deles o apresentou ao outro. Compreende?

— Sim, creio que encontrarei seu nome, nos arquivos.

— Há de estar nas notícias sobre o caso. Alô, entre! O Detetive-Sargento Bailey pusera a cabeça na abertura da porta.

— Ocupado, Inspetor? Perguntou a Alleyn.

— Não, se se tratar do caso do Unicorn.

— Trata-se, respondeu Bailey, entrando e sentando. Nigel ficou quieto, esperando ouvir alguma coisa. — É sobre as balas, disse Bailey. — A mancha branca é de um líquido usado por Miss Vaughan. O vidro fora virado, mas havia bastante, ainda, e mais do que o suficiente para a análise das luvas. Todas as senhoras usam essas coisas, mas o de Miss Vaughan era diferente, feito especialmente para ela. Falei com o químico.

— A mesma coisa no polegar da luva?

— Sim, e é o que não compreendo. Por que ela haveria de querer liquidar o sujeito? Pensei que fosse a outra artista.

— Quais as suas razões, Bailey?

— Pois bem, veja como Miss Emerald procedeu, disse Bailey, enojado. — Procurando fugir para o camarim e ficar de fora! Agora que li as declarações, ainda mais suspeita ela me parece.

— E ela fica mais perto da fortuna de Mr. Santo, depois disto. É agora a herdeira. E Mr. Santo consulta regularmente um especialista de coração e, sem dúvida, não obedece às suas ordens. Isto faz com que você fique de olhos arregalados, não faz?

— Não nego que sim. Agora, veja por este prisma. Suponhamos que a minha Miss Emerald tenha apanhado a luva de Mr. Santo, quando ele foi aos bastidores. Ela o veria, certamente, se levando em consideração as relações entre ambos. Ela coloca as luvas e as balas nalgum lugar, provavelmente numa das gavetas não usadas da mesa. Ela esteve no palco. Esteve perto da mesa. Espera que se apaguem as luzes, enfia as luvas, faz a troca das balas e esconde as luvas na sacola de Miss Max. Daria na vista, se as deixasse perto da mesa. Ela saberia que a briga entre Santo e o sobrinho viria à luz. Santo ganha a força e ela a “gaita”.

— Poderá haver melhor explicação? Disse Alleyn. — E com certeza ela enfiou a luva no líquido de Miss Vaughan, só para tornar o caso mais difícil.

— Aí é que está a falha, concordou Bailey, sombriamente.

— Olhem aqui! Exclamou Nigel. — Escutem!

— Psiu!... Murmurou Alleyn, excitado.

— Não seja tolo. Escute. Miss Vaughan mostrou como Surbonadier lhe batera no ombro. Suponhamos que ele tenha ficado com líquido na mão e... Oh, não, sinto muito.

— Como sentimos, Bailey, disse Alleyn.

— Todos nós cometemos erros, senhor, observou Bailey amavelmente. Nigel ficou com ar de tolo.

— De qualquer maneira, garanto que foi Surbonadier que derrubou o vidro, disse ele.

— Provavelmente, concordou Alleyn. Neste momento, entrou o Inspetor Fox.

— Aqui está o amigo de Props, brincou Alleyn.

— Bom-dia, Mr. Bathgate. Sim, sou mesmo. Não compreendo como o senhor deixa passar aquele negócio com o lustre. E ele sabia que as balas falsas estavam na segunda gaveta. Existe motivo, comportamento, e tudo o mais.

— E as luvas? Perguntou Alleyn.

— Esquecidas no palco por Mr. Santo e usadas por Props, para o negócio.

— E o líquido de Miss Vaughan na luva de Santo, foi também usado por Props, para o negócio?

— Era dela, não era? Resmungou Fox. — Pois bem, Santo deve ter ido ao camarim da estrela.

— É engenhoso, Fox, mas não creio que esteja certo. Pelo que ouvir dizer, esse líquido seca e fica como pó de arroz. Agora, se tivesse ido parar na luva de Mr. Santo, mais cedo, estaria seco

quando as luvas foram usadas para a troca das balas, e, se saísse, seria em forma de pó e não ficaria aderente ao latão. Através da lente, vimos que o cosmético fora espalhado quando ainda era líquido.

— A mesma coisa se aplica a Félix, se aventurou Nigel a dizer.

— De acordo com as palavras de Miss Vaughan, ele deixou o camarim assim que saímos e, depois disto, os dois se encontraram no camarim dele, Félix. Alleyn se voltou lentamente.

— É verdade. Quer dizer que o camarim de Miss Vaughan ficou vazio, durante a cena no escuro.

— Compreendo, disse Fox.

— Eu, não, confessou Nigel.

— Não? Pois bem, vou ser inescrutável. A próxima coisa a fazer é entrevistar Mr. Santo. Ele disse que talvez viesse aqui. Sabe?... Vou convidar o queridinho. Vá fazer o seu trabalho, Bathgate.

— Oh, não posso ficar, para ouvir o tio Jacob? Protestou Nigel.

— Vá saindo!

Nigel tentou a persuasão, mas alegremente foi convidado a sair, se não quisesse que o pusessem para fora. Partiu, sabendo dos sorrisos de Fox e de Bailey. Pesquisando os jornais da época, descobriu o relatório do processo de Santo e o nome do repórter. Chamava-se Edward Wakeford. Era agora redator literário de um semanário. Nigel lhe telefonou e combinaram encontro num bar de Fleet Street, frequentado por jornalistas. Lá estavam às onze horas e, diante de enormes canecas de cerveja, discutiram o processo.

— Você está cobrindo o crime do Unicorn? Perguntou Wakeford.

— Sim, estou. Conheço Alleyn, da Yard, e estava com ele, no teatro. Foi uma oportunidade maravilhosa, mas, naturalmente, tenho que agir com lealdade. Ele veta quase tudo.

— Aquele homem é formidável. Eu poderia lhe contar um caso... Wakeford contou o seu caso.

— Foi Alleyn quem pediu que o procurasse, disse Nigel. — Quer saber se você tem ideia de quem escreveu o artigo que provocou a ação. Disseram que era de sua autoria. A resposta de Wakeford foi surpreendente.

— Sempre pensei que tivesse sido Surbonadier, disse ele.

— Céus, Wakeford, isto é tremendo, claro que é! Acha mesmo que foi ele?

— Oh, não tenho provas, mas eu o conhecia e cheguei a lhe escrever, de modo que ele poderia ter falsificado a minha assinatura. Era sobrinho de Santo e poderia ter sabido de alguma coisa.

— Mas, por que faria isto? O velho Santo pagava a sua educação e lhe deu tudo o que ele tinha.

— Mas nunca se entenderam. E Surbonadier estava sempre endividado. Se bem me lembro, ele não se chamava Surbonadier, naquele tempo. Era Arthur Simes. O nome de Santo é Simes, sabe? Arthur se comportou mal, logo depois disto, e foi expulso. Negócio muito desagradável. Tio Jacob lhe deu uma oportunidade, no teatro, e ele logo mudou para Surbonadier.

— E não foi pago pelo artigo?

— Não; claro que não.

— Então, não sei como...

— Nem eu, exceto por ser ele muito vingativo; e bebia muito, mesmo naquele tempo.

— Santo desconfiou dele?

— Santo sempre jurou que a falsificação fora inventada e que o artigo era meu. Legalmente, isto não pegou. O jornal foi responsabilizado, fosse quem fosse o autor e, felizmente, acreditaram em mim. Não era bem o meu estilo, mas não foi má imitação.

- Conhece Félix Gardener?
- Não. Por quê?
- É meu amigo. Situação desagradável, para ele.
- Terrível. Mas certamente a polícia não suspeita dele.
- Não, tenho certeza que não. Mas, você sabe, foi quem atirou em Surbonadier. É horrível.
- Concordo. Pois é só o que posso fazer para ajudá-lo. Que ganho com isto? Não é o meu gênero, do contrário eu roubaria a sua história. Nigel lhe deu um empurrãozinho amistoso, mas distraído, e disse:
  - Felix devia ser calouro, quando isto aconteceu. Será que ele poderia lhe dar alguma informação? Talvez tenha conhecido Surbonadier.
  - Experimente. Agora, tenho que ir.
  - Fico-lhe grato, Wakeford.
  - De nada. Até logo.

Nigel ficou sem saber se iria contar a conversa a Alleyn, ou procurar Gardener, para lhe dar o que achava ser boa notícia. Resolveu pela última alternativa e, no seu entusiasmo, tomou um táxi para o apartamento do amigo. Gardener estava em casa. Nigel achou-o infeliz e abatido. Estivera à janela e se voltou, sobressaltado, quando Nigel entrou.

- Nigel... É você!
- Olá, meu velho.
- Como vai? Estive refletindo, creio que eles me pegarão, por isto. Na noite passada, não pude pensar em mais nada, a não ser como ele caiu, mas depois, quando começou a amanhecer, sabe?... Vi o que aconteceria. Serei preso por assassinato e nada poderei provar a meu favor. Quer dizer... Serei enforcado.
  - Oh, deixe de tolices. Por que haveriam de achar que foi você? Não seja convencido.
  - Sei por que ele me fez todas aquelas perguntas. Acha que fui eu que troquei as balas.
  - Claro que não acha. Alleyn está seguindo pista completamente diferente e é por isto que vim falar com você.
  - Desculpe-me. Gardener caiu numa cadeira e passou a mão nos olhos. — Estou sendo um tolo. Conte o que há.
  - Lembra-se do processo de Jacob Santo? Gardener olhou o amigo.
  - Engraçado você dizer isto. Estive pensando na mesma coisa, há pouco.
  - Muito bem. Pense de novo. Conhecia Surbonadier, naquela época?
  - Ele foi expulso de Cambridge, logo depois de eu ter ido para lá, mas estávamos em colégios diferentes. Seu verdadeiro nome é Simes. Sim, conheci-o.
  - Algum dia você pensou que ele pudesse ter escrito o artigo que provocou a ação contra o Morning Express?
  - É tudo muito vago, mas me lembro de ter ouvido os rapazes do terceiro ano falarem sobre isto.
  - Pois bem, o artigo foi mandado como sendo de um dos repórteres do jornal. Foi posto no correio em Mossburn, perto de Cambridge.
  - Lembro-me agora. Gardener fez uma pausa. — Não acho provável que tenha sido Surbonadier. Ele não queria matar a galinha dos ovos de ouro.
  - Dizem que não se dava bem com o tio.

— É verdade. Ouvi-o dizer isto. Era um indivíduo variável, sujeito a terríveis acessos de mau humor.

— Por que foi expulso?

— Por vários motivos. Uma mulher. E andava metido com aquela gente do comércio de drogas ilícitas. Grande escândalo.

— Drogas, hein?

— Isto. Quando Santo descobriu, ameaçou cortar a mesada. Houve também um caso com a filha de um fazendeiro. Oh, céus, de que adianta falar nisto?

— Não percebe? Se ele escreveu aquele artigo, é possível que tenha feito chantagem contra Santo, durante vários anos.

— Está pensando que foi Santo? Oh, não.

— Alguém o matou.

— Chego a pensar que foi ele mesmo. Adoraria me mandar para a forca.

Pareceu que Gardener disse aquilo pelo simples horror de ouvir as palavras. Nigel se lembrou de uma criança que abre as páginas de um livro, sabendo que vai aterrorizá-lo.

— Tire a ideia da cabeça, Félix. Você é o último homem em que se pensa como culpado, disse Nigel esperando estar dizendo a verdade. — Lembra-se dos nomes dos rapazes que eram amigos de Surbonadier, na ocasião?

— Havia um canalha chamado... Como, mesmo? Oh, Gaynor. Não me lembro de mais ninguém. Foi morto num acidente de aviação, creio.

— Não adianta, então. Se se lembrar de mais alguém, me avise.

— Vou tentar. Até logo, Nigel.

— Até logo. Não chame ninguém. Saio sozinho.

Gardener foi abrir a porta. Nigel parou para apanhar a cigareira, que caíra no vão da poltrona. Foi por isto que Stephanie não o viu, quando apareceu à porta.

— Félix, tive que vir vê-lo. Você precisa me ajudar. Se perguntarem por...

— Lembra-se de Nigel Bathgate? Perguntou Félix.

Ela viu Nigel, então e não pôde falar. Nigel passou por ela e saiu, sem dizer palavra.

\* \* \*

## Doze

### *O APARTAMENTO DE SURBONADIER*

**O**BIG BEN batia doze horas, quando Nigel voltou para a Scotland Yard. O Inspetor Alleyn estava ocupado, mas Nigel foi convidado a esperar, sentado no corredor. Dali a pouco, a porta se abriu e o barulho lhe indicou a presença de Jacob Santo.

— É tudo que sei. O senhor pode tentar até perder o fôlego, mas não descobrirá mais nada. Sou um homem simples, Inspetor...

— Oh, não o creio, Mr. Santo, disse Alleyn cortesmente.

— E a sua comédia me cansa. Foi suicídio. Quando é o inquerito?

— Amanhã, às onze horas.

Santo murmurou qualquer coisa e saiu para o corredor. Olhou Nigel, não o reconheceu e se dirigiu para a escada. Fazendo grande esforço, Nigel conseguiu relatar com calma a conversa com Wakeford. Alleyn ouviu atentamente.

— A teoria de Wakeford é possível. Surbonadier era um estranho indivíduo. Ele pode ter escrito o artigo e implicado Wakeford, se sentindo feliz por dar um golpe no tio. Sabemos que tentou explorá-lo, há uma semana. Não é tão inconsistente, como parece.

— Santo jurou que não fora Arthur, isto é, na ocasião do processo.

— Claro. Se ficasse provado que o sobrinho era o autor do artigo, o caso seria mais grave. Arthur pareceria maior autoridade do que um repórter à cata de notícia sensacional. Sim, a teoria é razoável.

— Mas você parece em dúvida.

— E estou.

— Gardener também. Ele não acha que tenha sido Surbonadier.

— Que? Você viu Gardener?

— Vi. Ele agora está desconfiado de que você vá prendê-lo.

— Ele não acha que Surbonadier tenha escrito o artigo?

— Foi o que me disse francamente, embora eu tenha certeza de que compreendeu que isto incriminaria mais Santo, do que ele. Em todo o caso, senti que acreditava que havia ali alguma coisa.

— Repita exatamente o que ele disse. Nigel repetiu a conversa com Félix. À contragosto, se referiu à chegada de Miss Vaughan e à frase interrompida.

— Sobre que ela iria preveni-lo? Perguntou Nigel ao inspetor.

— Não adivinha?

— Não.

— Pense. Pense. Pense.

- Oh, cale a boca, disse Nigel, zangado. — Você fala como Thorndyke.
- Por que não? Gostaria de ser tão bom detetive quanto ele. Mas tenho que averiguar esta velha sujeira, em Cambridge.
- Que acha da teoria do suicídio?
- Ele não teria coragem. Com certeza você compreende o significado da informação de Gardener, a respeito do bando que negociava com drogas, em Cambridge?
- Significa que Surbonadier devia saber alguma coisa sobre as atividades do tio, disse Nigel, confusamente.
- Tenho que ir, disse Alleyn, olhando o relógio.
- Para onde?
- Para o apartamento do morto.
- Posso ir também?
- Você? Não sei. Você é parcial, neste caso.
- Refere-se a Félix?
- Isto. Se me acompanhar, tem que me dar sua palavra de honra de que guardará segredo.
- Pois bem, juro.
- Não diga uma palavra a quem quer que seja. Nem um gesto, nem um sacudir de cabeça, nem uma frase dúbia...
- Não, não, não.
- Jure!
- Juro.
- Está certo. Vamos almoçar primeiro.

Almoçaram no apartamento de Alleyn e, depois de terem tomado licor e fumado, foi que se dirigiram para o apartamento de Surbonadier, em Gerald's Row. O policial que estava de guarda entregou as chaves ao chefe. Alleyn se voltou para Nigel:

- Não tenho a mínima ideia do que possamos encontrar aqui. Não prefere ficar de fora?
- Como você fala! Quero entrar.
- Está certo.

Entraram. O apartamento constava de quatro quartos, banheiro e quitinete, dando todos para um corredor. Primeiro, o quarto de Surbonadier; depois, a saleta, com portas de correr, dando para a pequena sala de jantar; em seguida a quitinete, o banheiro e outro quarto. Este não parecia ser usado e estava cheio de malas, caixas e velhas peças de mobília. O serviço do apartamento era feito por um casal e seu filho, que moravam no andar térreo. Depois de olhar para o quartinho, Alleyn suspirou e telefonou para a Yard, sugeria que Fox, ou Bailey viessem ajudá-lo. A sala era mobiliada com luxo e colorido. Um suplemento de *La Vie Parisienne*, enquadrado, punha uma nota singular acima do aparador. Havia muitas almofadas, vermelhas e amarelas. Alleyn cheirou, enojado.

- Podemos começar por aqui. Ele havia de ter uma mesa de pau-cetim, não? Repulsivo. Tirou o molho de chaves, escolheu uma e enfiou-a na fechadura.
- As chaves são dele?
- São, sim. Alleyn abriu a parte da frente da mesa. Um monte de papéis caiu ao chão. — Oh, céus! Venha, Bathgate. Recibos de um lado, contas do outro. Circulares, aqui. Cartas, deste lado. Leia

tudo e me avise, se achar alguma interessante... Espere um pouco. Melhor me entregar as cartas particulares. Procure por as contas em ordem cronológica, sim?

Havia muitas contas, que tinham sido mandadas várias vezes, com avisos delicados, reclamando pagamento, e outros queixosos; e outros, finalmente, ameaçando o devedor de “providências imediatas”. Dali ai meia hora, Nigel fez uma descoberta.

— Escute, Alleyn, ele pagou as contas há um ano, quando os credores o ameaçaram, mas depois não pagou mais nada e estavam todos ameaçando-o de novo! Com certeza o velho Santo lhe dava uma quantia, anualmente.

— Santo diz que não lhe dava mesada alguma. Pagou-lhe as dívidas em Cambridge, lhe deu uma oportunidade no teatro e declarou que, dali por diante, o Arthurzinho estava por conta própria.

— Verdade? Pois bem, ele estava à espera de alguma coisa, a julgar pelas cartas dos credores.

— Qual o total dos últimos pagamentos?

— Espere um pouco. Nigel somou febrilmente, blasfemou baixinho e finalmente disse, triunfante:

— Duas mil libras. Foi o que ele pagou em maio último e deve mais ou menos a mesma coisa, agora.

— Que é isto que você tem aí? Perguntou Alleyn.

— O livro de cheques. Ele estava a descoberto, me deixe ver... Maio, do ano passado. Não há nenhum lançamento grande, a seu favor. Deve ter recebido em dinheiro. Não, por Deus, aqui está. Duas mil libras, pagas no dia vinte e cinco de maio último.

— Compreendo, disse Alleyn, pensativo. — Compreendo.

— Não vê que parece dinheiro de chantagem?

— Vejo.

— De Santo. Garanto que veio de Santo.

— Talvez.

— Você parece em dúvida.

— E estou. Fox está chegando. O Inspetor Fox ouviu as notícias sem entusiasmo.

— Ele ainda dá preferência a Props, disse Alleyn. — Vamos continuar este negócio horrível.

— Parece que o morto guardava todas as cartas que lhe eram enviadas, observou Fox. — Aqui há uma pilha, de alguém que se chama Steff.

— Steff? Disse Alleyn, bruscamente. — Deixe-me ver.

Apanhou as cartas e se dirigiu para a janela. Ficou muito quieto, examinando rapidamente página após página e colocando cada uma de frente para baixo.

— Sujeito sórdido, exclamou, de repente.

— Foi o que disse Félix, observou Nigel.

— Foi o que ela me contou.

— Ela?

— Stephanie Vaughan.

— Steff... Oh, compreendo, disse Nigel, ansiosamente. — As cartas são dela.

— Oh, céus, você está aí, não está? Disse Alleyn, olhando-o com ar cansado.

— Há alguma coisa útil? Perguntou Fox.



— Há muita coisa penosa. Começam de maneira elegante, no estilo de uma estrela, tudo êxtase e leveza moderna. Depois, ele deve ter se mostrado sob seu verdadeiro aspecto. Ela parece horrorizada com alguma coisa, mas ainda continua delicada e cheia de floreios. Continua assim até uma semana atrás... Não, dois dias. Há depois dois bilhetes: “Por favor, vamos acabar, Arthur. Sinto muito, não tenho culpa de ter mudado”, e a assinatura. Isto foi escrito há dois dias. A última, em tora diferente, foi mandada ontem de manhã.

— Parece que ligava aos dois, a ele e a Mr. Gardener, observou Fox. — Mas isto não adianta.

— Creio que adianta, replicou Alleyn. — Ah, bom, continuemos a busca.

Finalmente conseguiram liquidar com o conteúdo da mesa e Alleyn levou-os para o quarto de despejo, onde continuaram a procurar, cansados. Os homens da Yard eram minuciosos. Finalmente, descobriram uma mala que fora guardada no armário. Nigel acendeu as luzes e fechou as cortinas. Estava começando a ficar escuro no quarto. Alleyn abriu a mala. Ali, encontrou cartas de muitas mulheres, mas, a não ser por indicar mais ainda o caráter desprezível de Surbonadier, de nada adiantaram. No fundo, havia dois jornais velhos, dobrados cuidadosamente. Alleyn agarrou um, abriu-o e dobrou-o pela metade. Fox e Nigel olharam por sobre o seu ombro e leram, em letras grandes, a única palavra “COCAÍNA”! Em baixo: “Extraordinária revelação, no comércio de drogas ilícitas...” etc. etc... Era o Morning Express de março, 1929.

— A própria história! Exclamou Nigel. — Veja, Alleyn, veja! E aqui está a assinatura de Wakeford, reproduzida, em cima, de atravessado.

— Era assim que assinava todos os seus artigos?

— Creio que sim. Sempre artigos no meio da página, especiais.

— É uma reprodução muito nítida, disse Alleyn. — Bom modelo para falsificação. E fácil de ser copiada.

— Naturalmente Surbonadier teria ficado interessado, mesmo que não tivesse tido interferência no caso.

— De fato, disse Alleyn, distraidamente, lendo algumas linhas. — Aponta diretamente para Santo. Há outro jornal. Deve ser a notícia da ação movida por Santo.

— Tem razão, é isto mesmo, disse Fox.

— Bom, bom, agora vamos para o quarto do Arthurzinho. Vamos procurar um cofrezinho. Para que está olhando, Bathgate?

— Para você, respondeu Nigel simplesmente. O quarto era muito enfeitado e tinha um cheiro de incenso velho.

— Repulsivo, murmurou Alleyn, abrindo uma janela.

Puseram-se a trabalhar, deixando o banheiro por conta de Fox. Este fez a primeira descoberta, uma seringa de injeção, no armário acima do lavatório. Nigel encontrou outra, na gaveta do criado-mudo, ao lado de um pacote oblongo.

— Drogas, disse Alleyn. — Achei que ele ainda continuava. Deixe-me ver. Examinou o pacote cuidadosamente e observou: — Igual ao que tomamos de Sniffy Quarles. Oh, que complicação!

— De fato, concordou Fox, voltando ao banheiro.

— Adoro Fox, disse Alleyn. — É o tipo perfeito do homem sensato. Nada aqui, nesta cômoda, e nem nos ternos de Surbonadier, exceto... Olá, que é isto? Era outra carta, desta vez muito humilde,

escrita em papel comum. Alleyn entregou-a a Nigel, que leu:

*Caro Mr. Surbonadier, por favor não se incomode mais comigo, pois me arrependo do que fiz, e papai está zangado porque descobriu. Bert é um sujeito decente, de modo que lhe contei, e ele me perdoou, mas, Se senhor olhar de novo para mim, ele disse que liquida o senhor, e assim, por favor, não olhe mais para mim. Sinceramente, Trixie.*

*P. S. Eu não disse nada sobre os pacotinhos que ia buscar, mas não vou mais buscar. X*

— Quem é Bert? Perguntou Nigel.

— Albert Hickson é como se chama o zelador do guarda-roupa, respondeu Alleyn.

— Um ponto a favor de Fox, observou Nigel.

— É o que ele vai pensar. Então, Trixie levava os pacotinhos... Preciso conversar de novo com Trixie.

Puxou uma cadeira para perto do guarda-roupa, subiu e remexeu no fundo da gaveta de cima.

— Alerta! Exclamou, de repente.

Nigel correu para o seu lado. Por detrás de uma caixa de couro, Alleyn tirou um cofrezinho, muito forte, amarrado com arame.

— Era isto que estávamos procurando, disse ele.

\* \* \*

# Treze

## O CONTEÚDO DO COFRE

— Mas, com os diabos, como você sabia disto? Perguntou Nigel. Alleyn desceu, enfiou a mão no bolso e dali tirou uma chave pequena, presa numa correntinha fina.

— Encontramos isto à volta do pescoço dele. Estes cofres são feitos por determinada firma e as chaves são individuais. Vamos abri-lo. Alleyn enfiou a chave na fechadura, deu duas voltas e levantou a tampa.

— Mais papéis, disse Nigel.

— É. Espere um momento.

Alleyn pôs o cofre sobre a penteadeira. Tirou do bolso umas pinças e, cuidadosamente, ergueu o papel azul. Estava dobrado. Abriu-o e se inclinou sobre ele.

— Não toque, mas olhe, disse.

Nigel olhou. No papel, estavam escritas duas palavras, inúmeras vezes: Edward Wakeford, Edward Wakeford, Edward Wakeford. Sem comentários, Alleyn saiu da sala, voltando com Fox e trazendo o jornal que encontrara na mala. Dobrou o cabeçalho do artigo especial e colocou-o ao lado do papel azul. As assinaturas eram idênticas.

— Por que, em nome de todos os deuses ele guardou isto aqui? Murmurou Nigel.

— É o que também pergunto, disse Fox. — A natureza humana é muito estranha. Vaidade, talvez.

— Vanitas vanitatum, murmurou Alleyn. — Mas não desta vez, Fox. O segundo papel do cofre era uma carta, assinada H. J. M., e começava: “Caro Mr. Santo”...

— Oh, lá, exclamou Alleyn. — Aqui está o ex-lacaio, surgindo numa nuvem de glória duvidosa. Ele falou nisto aqui. É de Morlake.

*Encontrará meu cheque de quinhentas libras, como pagamento de nossa dividazinha. A mercadoria foi entregue, conforme o combinado. O comércio de seda shantung, foi muito satisfatório, mas tenho esperança de obter celanese em junho próximo, quando o nosso Mr. Charles chegar. Sinceramente,...*

— Oh, delícia, meu Foxzinho, e o próprio Morlake! Uma relíquia de nossa última pesca. Lembra-se? Procure se lembrar, meu Fox.

— Lembro-me perfeitamente. Shantung era heroína e celanese era cocaína. Apanhamos todos, com exceção de Morlake.

— E o nosso Mr. Charles não era outro senão Sniffy Quarles, que tomou com cinco anos, que Deus o abençoe. Isto aqui liquida com Mr. Morlake. Então, era com isto que Surbonadier ameaçava

Santo.

— Pois bem, está parecendo que o nosso homem é Jacob Santo, observou Fox. — Se bem que a carta de Trixie reforça o meu primeiro ponto de vista.

— Vocês estão excitados! Disse Nigel.

— Você deve ter condescendência com nossas pequenas emoções. Nada mais há no cofre.

Alleyn dobrou os papéis, tendo o máximo cuidado, para não tocar a superfície. Guardou-os numa caixa preta que Fox trouxera. Depois fechou o cofre, colocou-o de novo na gaveta e acendeu um cigarro.

— Bailey que trate logo de examinar os papéis, disse. — Nada mais há aqui. Vou visitar Miss Vaughan. Não, espere um momento. Creio que vou lhe telefonar.

Sentou-se na cama, acariciando o pé e se balançando para frente e para trás. Expressão de repulsa surgiu em seu rosto. Apanhou a lista telefônica, consultou-a e, erguendo os ombros, discou. Os outros esperaram.

— É o apartamento de Miss Vaughan? Posso falar com ela? Faça o favor de dizer que é Mr. Roderick Alleyn. Obrigado. Uma pausa. Alleyn passou o dedo de leve na base do aparelho. — Miss Vaughan? Desculpe-me incomodá-la. Estou telefonando do apartamento de Surbonadier. Pretendíamos examinar seus documentos hoje à tarde, mas vimos que a tarefa é grande demais. Há algumas cartas. Urna pausa. Alleyn continuou: — Sim, compreendo que é muito desagradável e acho que seria mais fácil para a senhora, se pudesse vir me encontrar aqui. Se houvesse perguntas, eu poderei fazê-las imediatamente. É muito amável da sua parte. Vou fechar o apartamento e sair, mas pensei em voltar às nove, hoje à noite. Pode vir? Quer que vá buscá-la? Oh, compreendo. Às nove, então. Até logo. Alleyn largou o fone. — Que horas são?

— Cinco, respondeu Nigel.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Fox, quer fazer o favor de voltar para a Yard e entregar os papéis a Bailey? E diga ao guarda, à porta, que pode ir embora.

— Ir embora! Exclamou Fox, admirado.

— Isto. E não mande ninguém substituí-lo. Eu mesmo vou ficar.

— Até às nove? Perguntou Nigel.

— Até às nove... Ou mais cedo. Pode procurar de novo Félix Gardener. Diga-lhe que a polícia acha que foi Surbonadier quem escreveu o artigo. Pergunte-lhe se pode dar mais algumas informações sobre a vida de Surbonadier em Cambridge. Qualquer coisa de que ele lembre. Talvez esteja escondendo alguma coisa. Você me disse que ele está nervoso. Se achar que estamos suspeitando dele, sua reação natural será revelar qualquer relação anterior com Surbonadier. Nigel pareceu mal à vontade.

— Não me agrada a ideia de sondá-lo.

— Então você é inútil. Eu mesmo falarei com ele.

— Desculpe-me, se sou aborrecido.

— Todos os amadores são aborrecidos. Vocês querem tomar parte, mas fogem de qualquer coisa desagradável. Aconteceu isto mesmo, no caso Wilde. É melhor você ficar fora disto, Bathgate. É o que eu deveria ter dito, no princípio.

— Se você me garantir que Félix não está em perigo...

— Não posso garantir coisa alguma, sobre as pessoas que se achavam nos bastidores. Tenho a minha teoria, mas pode estar errada. Não é absolutamente firme e qualquer desenvolvimento pode nos levar a nova pista, atrás de qualquer um deles, desde Gardener, até o velho Blair. Você quer que, com a mão no coração, jure que não estou interessado em Gardener. Não posso fazer isso. Claro que estou interessado em Gardener. Foi ele quem atirou. Eu poderia tê-lo prendido na hora. Faz parte do grupo e preciso provar a mim mesmo que não foi quem colocou na gaveta as balas verdadeiras. Como todos os outros, ele não dá informações, voluntariamente. Se for inocente, faz muito mal em não ajudar a polícia. Talvez tenha suas razões. Está apaixonado. Pense nisto. Se você quiser pode falar da teoria em relação a Santo e, se ele souber alguma coisa a respeito do passado de Surbonadier, é possível que isto esclareça a teoria. Se ele quiser lhe contar, pois bem, você estará do lado da justiça. Do contrário, terei que pedir que me considere como consideraria qualquer outro detetive que trabalhasse no caso, não esperando obter nenhuma formação, a não ser do tipo que possa ser publicado nos jornais. Consegui me fazer entender?

— Perfeitamente. E posso aceitar uma reprimenda tão bem como qualquer outra pessoa, creio eu, disse Nigel em tom infeliz.

— Sinto que você veja a coisa sob esse prisma. Que pretende fazer?

— Posso pensar um pouco? Se eu resolver pular fora, você pode ficar certo de que considerarei as descobertas de hoje como absolutamente confidenciais. Isto eu prometo, e farei com que você leia meus artigos, antes.

— Resposta muito leal. Telefone para o meu apartamento, hoje à noite, dizendo o que resolveu, sim? Agora, peço a ambos que se retirem. Nigel acompanhou Fox, passando para o corredor. À porta, parou e se voltou.

— Então, até logo, por enquanto, murmurou.

— Até logo, meu velho, disse Nigel. Fox disse ao guarda que podia se retirar. Voltou-se, depois, para Nigel, que ainda parecia desconcertado.

— Com certeza o senhor acha o Chefe um pouco duro, mas não deve encarar o fato desta forma, se aventurou ele a dizer. — É o que o senhor poderia chamar “ética profissional”. O Chefe gosta do senhor. Ele é... Infernalmente honesto, se me perdoa dizê-lo. O trabalho acima de tudo. Não se preocupe com Mr. Gardener. Ele foi o instrumento, e nada mais, e será um tolo, se guardar para si as informações que puder dar.

— Não creio que ele tenha feito isto, se queixou Nigel.

— Então, melhor. Se o senhor resolver nos ajudar, Mr. Bathgate, tenho certeza de que não se arrependerá e que o Inspetor Alleyn ficará muito satisfeito. Nigel olhou para o rosto largo, simpático, e, de repente, achou que gostava muito de Fox.

— O senhor é muito amável, por se interessar, inspetor. Fiquei um pouco desconcertado. Ele me fez sentir como tolo e... Admiro-o muito.

— Não é o único a admirá-lo, Mr. Bathgate. Bom, tenho que ir caminhando. Vem pelo meu lado?

— Vou para Chester Terrace.

— E eu para a Yard. Não há descanso. Boa-noite.

— Boa-noite, Inspetor.

O apartamento de Nigel, em Chester Terrace, ficava a pequena distância de Gerald's Row. Ele caminhou rapidamente, ainda desgostoso com o discurso de Alleyn. Andara um pequeno trecho,

quando passou um táxi, lentamente, como que à procura de passageiro, Nigel sacudiu a cabeça automaticamente. O carro estava ocupado por uma mulher. A luz da rua lhe bateu no rosto e Nigel reconheceu Stephanie Vaughan. A moça não pareceu vê-lo. Nigel se voltou e olhou para o táxi. Ela deve ter entendido mal, a hora, pensou, e vai agora para o apartamento. Mas o carro passou devagar pelo apartamento de Surbonadier, virou à esquerda e desapareceu.

— Esquisito! Muito esquisito! Pensou Nigel, seguindo o seu caminho.

Chegando ao seu apartamento, resolveu escrever para Ângela North, para ver se melhorava de disposição de espírito. Ela era ardente admiradora do Inspetor Alleyn e saberia exatamente como se sentia Nigel. Iria aconselhá-lo a continuar? Dir-lhe-ia que seus escrúpulos a respeito de Gardener eram ridículos? Nigel não poderia perguntar, sem trair confidências. Diabo, que deveria fazer? Talvez valesse a pena sair, para jantar. Mas não estava com fome. Alleyn estava aborrecido com ele e fizera com que se sentisse muito moço e cheio de histórias. Ele sabia, Deus do céu, que Gardener não matara Surbonadier. Por que não perguntar se... O telefone tocou estridentemente. Nigel resmungou apanhou o fone. Era Gardener, falando com urgência.

— É você, Nigel? Escute aqui, preciso vê-lo. Há uma coisa que não lhe contei, a respeito de Cambridge, hoje de manhã. Fui um tolo. Posso vê-lo agora?

— Sim, pode.

— Quer vir aqui ou prefere que eu vá aí? Quer vir jantar comigo?

— Sim, quero. Obrigado, Félix.

— Pois bem, não troque a roupa. Venha já.

— Está certo. Obrigado, Félix.

Nigel desligou. Poderia ter gritado de alegria. Seu problema estava resolvido. Correu para o banheiro e se lavou, generosamente. Trocou de camisa e penteou os cabelos. Desejando adquirir mérito aos olhos de Alleyn, telefonou para o apartamento de Surbonadier. Ouviu a campainha durante algum tempo, mas ninguém atendeu. Alleyn saía, então. Pois bem, telefonaria mais tarde. Apanhou o chapéu e desceu. Tomou um táxi, deu o endereço de Gardener e se reclinou no banco. Só aí lhe ocorreu que fora muito inteligente da parte de Alleyn adivinhar que Gardener teria alguma coisa a contar sobre Surbonadier, quando estudante. Gradualmente teve consciência de uma ideia, no fundo do cérebro, apenas pressentida. Examinou-a, agora, mais detidamente, trazendo-a à flor da consciência. Por um momento, procurou afastá-la nervosamente, mas era teimosa e ele começou a examiná-la com lógica persistência. Finalmente, viu tudo claro.

— É isto, murmurou. — É isto. Deus, que tolo tenho sido. E, compreendendo, pensou: “Pobre Félix”.

Neste meio tempo, escurecera por completo no apartamento de Surbonadier.

## Quatorze

*GARDENER OLHA O PASSADO*

— Se você não se importar, Nigel, quero desabafar, disse Gardener. — A atmosfera ficará clara. Tome o seu copo. Sente-se. Nigel achou o amigo menos nervoso, com ar de um homem que está contente por ter chegado a uma decisão. — Pois bem, quando você veio hoje de manhã, eu estava profundamente deprimido. Não dormira nada e... O horror de ter matado Surbonadier cedera lugar ao medo de ser suspeito pelo seu amigo Alleyn. Você não pode imaginar que tipo de medo é. Talvez a pessoa culpada fique menos apavorada do que fiquei. Pareceu-me que eu não poderia provar que não era culpado e que, apesar de tudo que você dissera, eu era o suspeito.

— Está enganado.

— Espero que sim. Naquele momento, tinha certeza de que era assim. Não podia pensar com coerência, mas, quando você começou a perguntar sobre a ação movida por Santo, e se eu conhecera Surbonadier em Cambridge, pensei: “Ele foi mandado para indagar sobre isto. Alleyn acha que me descuidarei, com Nigel”. Não imagina como me senti mal. Não... Deixe-me continuar. E, assim, não disse toda a verdade. Disse que não conhecera bem Arthur, naqueles tempos. Não era exato. Conheci-o muito bem, durante uns tempos, antes de compreender como ele era desagradável. Eu era mais moço do que ele e talvez mais tolo do que a maioria dos moços. Quando Arthur me convidou para uma festa de viciados em heroína, achei que seria emocionante, ousado, que iria “conhecer a vida, na sua sordidez”.

— Deus do céu! Exclamou Nigel.

— Foi só uma vez e achei horrível. Não tomei tanto quanto os outros, e a droga não teve muito efeito sobre mim. Talvez eu oferecesse maior resistência. No dia seguinte, vi que tinha feito papel de tolo e resolvi não me meter mais com aquela gente. Procurei Surbonadier e disse isto. Queria ser claro. Ele estava intoxicado e se mostrou sentimental. Começou a me fazer confidências. Contou coisas a respeito do tio e de... Stephanie Vaughan.

Gardener hesitou. Depois:

— Eu já a conhecia. Ela viera representar Otelo. Se lhe disser que a amei desde este dia, você me achará bombástico. Mas é verdade. E, quando Surbonadier começou a me contar como os dois eram amigos, detestei-o. Ele me contou que seu tio Santo ia dar a Stephanie papéis principais, e que odiava o tio, e que sabia muita coisa a seu respeito. Garantiu-me que Santo estava no comércio de drogas ilícitas. Falou-me de suas amantes. Stephanie parecia tão inocente e, quando a vi naquela galeria fiquei horrorizado. Eu era muito moço; Santo me pareceu a encarnação do mal. Horrível. Não entendo de psicologia, mas creio que o fato de ter tomado heroína contribuiu para aquilo. Nenhum de nós dois estava normal. Quando Surbonadier me disse que, se quisesse, poderia dar um golpe no tio, encorajei-o febrilmente. Contou-me que Santo se recusava a lhe pagar as contas, mas que

conhecia uma maneira de obrigá-lo. Ele então falou em escrever aquele artigo e incitei-o a pôr a ideia em prática. De repente, me lembrei por que motivo fora procurá-lo e tentei dizer que não iria mais às suas festas. Ele não pareceu interessado. Obcecava-o a ideia de escrever o artigo. Saí e, dali por diante, não quis mais saber dele. Quando o artigo foi publicado, desconfiei do autor. Certa vez, quando nos encontramos, Arthur procurou me sondar. Disse-lhe que nada tinha a temer de mim e, até este momento, nunca falei a ninguém sobre isto.

— Por que resolveu me contar? Gardener não respondeu imediatamente. Depois disse, lentamente:

— Achei que a polícia iria remexer no passado de Surbonadier e descobriria que o conheci.

— Não foi isto, replicou Nigel, com pena. — Você achou que eles estavam... Seguindo outra pista. É isto, não é? Compreendeu que, a não ser que soubessem que Surbonadier estava fazendo chantagem contra Santo, poderiam suspeitar de outra pessoa. Não é isto?

— Então, suspeitam?...

— Não creio. Em todo o caso, isto esclarecerá tudo. Certamente ela não suspeita de que tenha sido você?

— Todos nós tínhamos medo... E depois, quando ela veio aqui, hoje de manhã... Meu Deus, não poderiam suspeitar dela!

— Não precisa se preocupar com isto agora. Quanto a você...

— Sim, eu?... Gardener olhou para o amigo. — Nigel, quer me dizer uma coisa? No íntimo do coração, você tem uma sombra de dúvida a meu respeito?

— Não. Dou-lhe minha palavra de honra.

— Então, sob minha palavra de honra, não sou culpado da morte de Surbonadier, e nem ela, tampouco. Há uma coisa que não posso contar... Mas, não somos culpados.

— Acredito, meu velho.

— Sinto-me melhor. Vamos jantar.

O jantar estava ótimo, o vinho excelente. Falaram sobre muitas coisas, às vezes voltando ao caso, mas com menos constrangimento. Gardener disse, de repente:

— É horrível pensar no futuro da... Família Simes.

— Então, não pense. Que está acontecendo no Unicorn?

— Sobre a peça? É inacreditável, mas ele pensou em continuar com a representação de “O Rato e o Castor”!

— Quê?!

— Sim, logo que a polícia saiu. Claro que me recusei, assim como Stephanie. Os outros não gostaram da ideia, mas não se recusaram. Depois, ele ficou imaginando se seria atração para o público, com outros artistas nos papéis principais. Talvez os jornais comentassem desfavoravelmente. Por isto, outra peça começará a ser ensaiada, na semana que vem.

— Que você vai fazer?

— Oh, vou esperar. Há outros empresários. Gardener fez uma careta. — Dizem que sou popular, que isto ajudou a publicidade. Simpatia sentimental, aliada a curiosidade mórbida, creio eu. Venha ao meu estúdio. Sentaram-se diante do fogo. A campainha da porta tocou e o criado de Gardener apareceu, com uma carta.

— Veio por mensageiro especial, disse ele. — Não há resposta. Gardener abriu o envelope e tirou de dentro o papel. Nigel acendeu um cigarro e passeou pela sala. Parará diante de uma



fotografia do irmão de Félix, quando este soltou uma exclamação.

— Pelo amor de Deus, que significa isto? Disse, mostrando o papel a Nigel. Havia um único parágrafo datilografado. Nigel leu, atônito:

*Se prezar sua vida ou seu emprego, cuide apenas do que é da sua conta, ou perderá ambos. Esqueça o que se passou, ou se verá às voltas com coisa pior do que um pé machucado.*

Nigel e Gardener se entreolharam, admirados.

— Puxa! Exclamou Nigel. — Você tem o pé machucado?

— Tenho. Conte-lhe que alguém me pisou.

— Alguém que tinha o cheiro de Jacob Santo?

— Foi o que pensei. Não tinha certeza.

— Escute aqui, isto não é brincadeira, observou Nigel. — Alleyn precisa saber desta carta.

— Oh, não.

— Precisa, sim. Vou lhe telefonar, se você não se importar.

— Onde ele está?

Nigel parou, para refletir. Provavelmente, Alleyn não queria que se soubesse onde ele estava. Nigel nem mesmo sabia se ele ainda se achava no apartamento de Surbonadier. Procurou o número na lista e discou-o.

— Pode ser que ele não esteja em casa, disse, para despistar. Ouviu a campainha tocar no apartamento de Gerald's Row. Também desta vez, não houve resposta. Nigel ficou preocupado.

— Ninguém lá? Perguntou Gardener.

— Eu poderia ligar para a Yard, murmurou Nigel. — Mas deixemos, por enquanto. Vamos olhar de novo o papel.

Ele e Gardener se puseram a especular sobre o autor da ameaça. Gardener achou que Santo não faria aquilo. Nigel replicou que, se o homem estivesse nervoso, ninguém poderia saber o que faria ou não.

— Se ele for o assassino.

— Não sei se será. Por outro lado, talvez tenha medo de que eu saiba alguma coisa sobre o que Surbonadier descobriu a seu respeito, e acho que vou fazer exatamente o que já fiz, isto é, contar.

— Ele sabia que você era amigo de Surbonadier?

— Sabia. Arthur nos apresentou, naquela época. Depois, quando entrei para o teatro, ele me viu representar no primeiro papel bom que me deram, e se lembrou de mim. Foi em parte por isto que entrei para o seu teatro. Não é agradável pensar nisto, agora. Arthur ficou aborrecido. Costumava dizer que eu invadira o território da família. Céus, que negócio sujo! Lembra-se do que lhe disse, a respeito de atores?

— Lembro-me.

— Veja como se comportaram ontem à noite, com Surbonadier morto, no palco.

— Todos representando, menos Stephanie.

Nigel olhou-o com curiosidade. Parecia estar ouvindo Alleyn dizer, com ironia: “Bela saída, hein?”, depois que Miss Vaughan deixou o palco. Lembrou-se do ar sedutor que tinha a moça, depois, ao ser entrevistada pelo inspetor. O próprio Alleyn ficara com a mão no ombro de Stephanie mais tempo do que o necessário. Nigel se lembrou, virtuosamente, de sua Ângela e se sentiu superior.

— Que Stephanie estará fazendo, disse Gardener. — Queria ir vê-la, hoje à noite, mas ela me disse que telefonaria.

— De que tem ela tanto medo? Perguntou Nigel, impulsivamente. Gardener empalideceu. A expressão que tivera aquela manhã lhe voltou ao rosto.

— Claro que tem medo, disse, finalmente. — Ela pensa que Alleyn compreendeu que Arthur a importunava e a ameaçava. Sempre me deixou pensar que era coisa sem importância. Até hoje de manhã, não percebi o que ele pretendia. Hoje ela me mostrou o ombro e me contou que, depois que a deixei, ele lhe batera... O miserável! Meu Deus, se tivesse sabido disto!

— Ainda bem que não soube, observou Nigel. — E ele está morto, Félix.

— Ela me contou que Alleyn vira o machucado. Está muito nervosa e abalada.

— E você também receou por ela?

— Sim, depois de hoje de manhã. Até então, egoísta imbecil que sou, pensei apenas em mim mesmo. Que tivessem suspeitado dela... É monstruoso!

— Não se preocupe. Não ouvi nenhum deles falar nisto. Estão seguindo outra pista. Eu estaria traíndo a confiança que eles têm em mim, se dissesse mais do que isto. E, agora, se não se importar, Félix, vou indo. Ficamos acordados até muito tarde, ontem, e você precisa dormir. Tome duas aspirinas e deixe de preocupações. Boa-noite.,

— Boa-noite, Nigel. Nunca nos conhecemos muito bem, mas espero vê-lo mais, daqui por diante. Sou-lhe muito grato.

— Tolicice. Boa-noite.

Eram dez e meia, quando Nigel voltou para Chester Terrace. Percebeu que estava muito cansado. Mas tinha uma história para escrever e não queria deixá-la para o dia seguinte. Sentou-se à máquina. Pensou por um momento e começou:

## O CRIME DO UNICORN

*Novos Acontecimentos*

*Relembrado o Processo de Jacob Santo*

Enquanto escrevia, não podia deixar de pensar em Alleyn. O inspetor precisava saber do que lhe contara Félix. Apanhou o telefone. Alleyn já devia estar em casa. Discou o número e esperou.

\* \* \*

## Quinze

*O CALCANHAR DE AQUILES*

**D**EPOIS que Nigel e o Inspetor Fox saíram e a porta se fechou, o Inspetor Alleyn ficou muito quieto, ouvindo os passos dos dois morrerem no corredor. Ouviu a ordem dada por Fox ao guarda, à porta, e depois as vozes do lado de fora. Se houvesse ali outra pessoa, poderia achar que os pensamentos de Alleyn eram muito desagradáveis. Os cantos da boca caíam e poderiam ter sido reproduzidos, por um pintor, com duas rápidas pinceladas para cima. As narinas subiam e também os lados externos das sobrancelhas escuras. Era um rosto atraente e, quando ninguém o observava, muito expressivo. Naquele momento exprimia repulsa. Poder-se-ia julgar que acabara de fazer algo que lhe repugnava, ou que ia cumprir uma tarefa desagradável.

Alleyn olhou para o relógio, suspirou, apagou as luzes e foi para a janela, tendo o cuidado de ficar atrás da cortina. Dali, poderia observar a rua, sem ser visto. Dois minutos depois de Fox e Nigel terem saído, um táxi solitário veio lentamente pela rua. Passou pelo apartamento. Alleyn teve impressão de que o ocupante do carro estava de joelhos, procurando não ser visto. O inspetor teve um sorriso de lado. Estava tentando se lembrar da localização exata do mais próximo telefone público. O táxi desapareceu e ele saiu da janela, tirou a cigareira do bolso, mudou de ideia e guardou-a de novo. Passaram três ou quatro minutos. Levou um sobressalto ao ouvir tocar o telefone a seu lado. O sorriso de Alleyn se alargou, e ele sentou na cama com as mãos nos bolsos. O telefone continuou tocando e depois parou. O inspetor voltou para a janela. A rua estava deserta, de modo que, quando uma pessoa veio vindo de Elizabeth Street, ele pôde ouvir distintamente os passos. De repente, saiu da janela e, com um suspiro desolado, se meteu em baixo da cama. Arranjou o edredom que ele notara, com repulsa, ser de tafetá rosa. Ficou imóvel.

Uma chave foi inserida na fechadura. A pessoa que chegara devia ter tirado os sapatos, pois ele ouvira um som apenas perceptível, uma ideia de movimento, contando que alguém andava pelo corredor. Ouviu a maçaneta girar e, pela borda da colcha, graças à luz que vinha da rua, viu abrir a porta. Um ligeiro ruído lhe contou que havia alguém no quarto. Outro ruído, de cortinas que se fechavam. O reflexo vindo da rua desapareceu. Quando o silêncio já se tornava intolerável, de novo o telefone tocou. A cama acima dele se abaixou, lhe tocando os ombros. O ruído do telefone foi abafado. Alguma coisa fora colocada sobre o aparelho. Alleyn contou vinte toques, antes que se fizesse silêncio. Nigel, em Chester Terrace, desligara e saíra para jantar com Gardener.

Um suspiro de alívio soou acima de Alleyn. Ele poderia ter feito eco, ao sentir o peso sobre seus ombros desaparecer. Depois, o ruído de uma cadeira sendo arrastada sobre o tapete. A porta do guarda-roupa rangeu. Uma pausa. Um clique metálico. Alleyn limpou a garganta.

— Terá que acender a luz, Miss Vaughan, disse ele. A moça não gritou, mas, pela exclamação abafada, Alleyn viu que estivera perto disto. Depois, ela murmurou, corajosamente:

— Quem é?

— A lei, respondeu Alleyn, imponentemente.

— O senhor!

— Sim, eu. Acenda a luz. Não há motivo para não acender. O comutador fica ao lado da porta. Ele espirrou violentamente.

— Saúde, Mr. Alleyn, ela disse piamente. O quarto se iluminou. Alleyn saiu do seu esconderijo.

A moça ainda estava com a mão no comutador. Na outra, tinha um estojo. Os olhos estavam dilatados, como os de uma criança apavorada. Estava fantasticamente bela. Alleyn se ergueu.

— Acho que pó de cama é o pior pó do mundo, se queixou ele. Stephanie relaxou. Quando ia cair, ele amparou-a. O estojo foi parar no chão, com um ruído. — Não, não, isto não está certo, disse ele. — A senhora não é mulher que desmaie ao ter um contratempo. A senhora, com seus nervos. Não desmaiou, não. O coração bate firme.

— O seu, ao contrário, está descompassado, murmurou ela. Alleyn ergueu-a, segurando-a pelos cotovelos.

— Sente-se, ordenou secamente. Ela sentou numa poltrona, que Alleyn adiantara.

— De qualquer maneira, o senhor me passou de susto, disse a moça, olhando-o com firmeza. — Que tola fui! Uma cilada tão clara.

— Fiquei admirado por vê-la cair. Quando a vi no táxi, compreendi que obtivera resultado, mas, depois, quando telefonou... Achei que Surbonadier teria lhe dado uma chave.

— Eu tinha intenção de devolvê-la.

— Deveras? Sinceramente, não sei qual a atração. Evidentemente a senhora escolhe mal.

— Nem sempre.

— Talvez nem sempre.

— Afinal de contas, o senhor nada tem contra mim. Por que não haveria eu de vir aqui? A sugestão foi sua,

— Às nove horas, comigo. Que estava procurando neste estojo?

— Minhas cartas, respondeu a moça, vivamente. — Queria destruí-las.

— Não estão aí.

— Então, como Ofélia, maior foi o meu engano.

— Não houve engano, disse ele amargamente.

— Mr. Alleyn... Dê-me as minhas cartas. Dou-lhe minha palavra, minha palavra de honra, que elas nada têm a ver com a morte...

— Já as li. Ela empalideceu.

— Todas?

— Todas. Até o bilhete de ontem.

— Que vai fazer? Prender-me? O senhor está só, aqui.

— Não creio que a senhora lutasse ou fizesse uma cena. Não me vejo arrastando-a para a rua, despenteada e ofegante, e tocando o meu apito de polícia, enquanto a senhora me dilacerasse o rosto com as unhas.

— Não; seria muito pouco distinto.

Ela começou a chorar, não ruidosamente, nem com contrações do rosto mas com beleza. Os olhos se encheram de lágrimas e tornaram a se encher. Por um momento, Stephanie cobriu-os com o lenço.

— Estou com frio, disse.

Alleyn tirou o edredom da cama e deu-o à moça. O edredom escorregou e ela olhou para o inspetor, com ar desamparado. Alleyn cobriu-a. De repente, ela agarrou-o pelo paletó.

— Olhe para mim! Olhe para mim. Pareço assassina? Ele lhe segurou os pulsos e procurou abaixá-los, mas Stephanie não o largou. — Juro que não queria dizer o que disse na carta. Queria assustá-lo. Ele me ameaçou. Eu queria apenas assustá-lo. Alleyn afastou as mãos de Stephanie e se endireitou. — O senhor me machucou.

— A senhora me obrigou a isto. É melhor não prolongarmos este negócio.

— Pelo menos, me deixe explicar. Se, depois de me ouvir, ainda achar que sou culpada, irei com o senhor, sem uma palavra.

— Tenho que preveni-la...

— Sei disto. Mas preciso falar. Sente-se durante cinco minutos e ouça. Não fugirei. Feche a porta a chave, se quiser.

— Muito bem. Ele fechou a porta e guardou a chave no bolso. Depois, sentou na ponta da cama e esperou.

— Há seis anos que conheço Arthur Surbonadier, disse ela. — Fui a Cambridge, tomar parte numa representação de caridade. Fiz o papel de Desdêmona. Eu era principiante e muito moça. Arthur era bonito, naquele tempo, e sempre exerceu atração sobre as mulheres. Espero que o senhor compreenda isto. Ele me apresentou a Félix, mas mal me lembrei de Félix, quando de novo o encontrei. Diz ele que nunca se esqueceu de mim. Quanto a Arthur, também se sentiu atraído por mim. Apresentou-me a Jacob Santo e foi assim que tive a verdadeira oportunidade, em minha carreira. Ambos representamos numa peça que Santo apresentou no fim do ano. Arthur estava loucamente apaixonado por mim, como se, fora de mim, nada existisse. Fiquei fascinada e... Aconteceu. Ele me pediu várias vezes em casamento, mas eu não queria me casar e logo fiquei sabendo que ele não prestava. Contou-me todas as coisas que fizera. Detestava o tio e, certa vez, em Cambridge, escrevera um artigo, desmoralizando-o. Houve um processo... O senhor deve saber... Mas Santo nunca achou que tivesse sido Arthur, pois o sobrinho estava na sua absoluta dependência. Arthur me falou de tudo isto e de seus vícios. Ainda assim, eu me sentia atraída por ele. Depois, encontrei Félix...

Ela fez um pequeno gesto, com ambas as mãos, que Alleyn poderia ter reconhecido como teatral.

— Dali por, diante, quis romper com Arthur. Ele me causava pavor e ameaçou contar a Félix... Toda espécie de coisas. Ela fez uma pausa e continuou, era tom diferente: — Félix era outro tipo. Pertencia a outra classe. Mas, de certo modo, é intolerante. É... profundamente honrado. Se Arthur tivesse lhe contado!... Fiquei com medo. Comecei a escrever aquelas cartas, quando fui para Nova Iorque, mas, depois que voltei, Arthur continuou a me dominar. Ontem, parece que foi há anos! Ele veio me procurar e houve uma cena. Pensei que poderia assustá-lo e, depois que ele saiu, escrevi

aquele bilhete.

— Onde diz: “Se você não prometer, hoje à noite, que me deixará livre, farei com que seja afastado para sempre”.

— Meu Deus, eu queria dizer que contaria a Santo o que ele fizera... Que escrevera aquele artigo!

— Há anos que ele fazia chantagem contra Santo. Certamente sabe disto? A moça pareceu atônita. — Não sabia? Perguntou Alleyn.

— Não. Ele nunca me contou.

— Compreendo. Ela olhou-o com ar desamparado. Esfregava os pulsos, onde Alleyn a agarrara. Como que num impulso, estendeu a mão.

— Não pode acreditar... E ter pena de mim? Murmurou.

Houve silêncio entre eles. Por um momento, nenhum falou ou fez um movimento. Depois, Alleyn estava perto dela, lhe prendendo a mão entre as suas. Ergueu a mão de Stephanie, de dedos entrelaçados nos seus, e ficou de cabeça baixa, como que em profunda meditação.

— Ganhou, disse, finalmente. Ela se adiantou e pôs o rosto na mão dele; depois, com a mão livre, puxou o edredom e deixou-o cair no chão.

— A noite passada, pensei que fosse beijar a minha mão, disse ela.

— Hoje à noite...

Alleyn lhe beijou a mão, deliberadamente. No silêncio que se seguiu, ouviram alguém caminhar apressadamente pela rua. O som fez com que voltassem à realidade. A moça retirou a mão e se ergueu.

— Dou-lhe os parabéns, disse ela.

— Por quê?

— Pela sua inteligência. O senhor teria cometido uma gafe, se me prendesse. Posso ir embora?

— Se tiver que ir.

— Tenho que ir. Diga-me... Por que foi que suspeitou de mim?

— O líquido que usa para o rosto estava nas balas. Ela se aproximou da janela e olhou para a rua.

— Esquisito, disse, em voz baixa. — O vidro estava no meu toucador. Arthur derrubou-o. Ela pareceu refletir por um momento. Depois, vivamente: — Quer dizer que o culpado esteve no meu camarim?

— O camarim estava desocupado, pouco antes do incidente. A senhora estava conversando com Gardener, no camarim ao lado.

— Não, não, está errado. Pelo menos, é possível que ele tenha ido lá. Não, não foi. Ele estava no palco, no momento. Arthur derrubou o vidro. O líquido lhe manchou as mãos. Quando pôs as balas na gaveta, ainda devia ter líquido nas mãos e, talvez, quando carregou o revólver, também. Ele viu que estava perdido e quis que Félix fosse acusado. Ou eu. É possível que tenha usado deliberadamente o meu líquido. Não seria de admirar, nele.

— Deveras? Pobre menina!

— Oh, eu sei que foi assim.

— Não sei se tem razão.

- Tenho certeza que sim.
- Vou estudar o caso sob esse aspecto, disse ele sem parecer saber o que dizia. Olhava para ela com ar faminto, como se nunca pudesse se cansar de olhar.
- Preciso ir, agora. Posso levar as cartas... Ou terão que figurar no processo?
- Pode levá-las. Alleyn foi ao quarto pegado e trouxe as cartas. Stephanie examinou-as.
- Mas, falta uma, disse ela.
- Não creio.
- Sim, falta. Tem certeza de que não deixou cair nenhuma?
- Só encontramos estas. A moça olhou, ansiosamente, à volta.
- Tenho que encontrá-la. Deve estar por aqui. Ele me ameaçou de mostrar especialmente aquela a Félix.
- Procuramos por toda a parte. Ele deve tê-la queimado.
- Não, não; tenho certeza que não. Por favor, me deixe procurar. Sei onde ele guardava suas coisas. Ela procurou freneticamente, por toda a parte. Depois, parou e olhou para Alleyn.
- O senhor não?...
- Dou-lhe minha palavra de honra que não guardei nenhuma de suas cartas.
- Perdoe-me, disse ela. Recomeçou a procurar, mas nada encontrou.
- Se for encontrada, pode ficar certa de que lhe será entregue, disse Alleyn.

Stephanie agradeceu, mas não estava satisfeita. Finalmente Alleyn conseguiu convencê-la a desistir.

- Vou chamar um táxi.
- Não, não faça isto. Prefiro ir a pé até a esquina e tomar um.
- Vou com a senhora. É só fechar isto aqui.
- Não. Vamos dizer boa-noite agora. Ela riu. — Não posso ser vista em sua companhia. O senhor é muito comprometedor.
- Nous avons changé tout cela.
- Acha mesmo? Boa-noite, Inspetor.
- Boa-noite, Stephanie. Se eu não fosse um policial...
- Sim?...
- Dê-me a chave, minha senhora.
- Oh, a chave do apartamento. Onde a pus? Perdi-a.
- Não estará na corrente? Ele puxou a corrente à volta do pescoço de Stephanie, escondida sob o vestido, encontrou a chave e tirou-a. Isto os aproximou e Alleyn viu que ela estava trêmula.
- Está muito abalada, disse ele. — Não quer que eu a acompanhe? Dê-me esse prazer.
- Não, por favor. Boa-noite, novamente. Ele lhe tocou a mão.
- Boa-noite. Ela deu um passo à frente, olhou dentro dos olhos dele e sorriu. No momento seguinte, Alleyn apertava-a com força nos braços.
- Que é isto? Disse Alleyn, em voz rouca. — Sei que você é tudo o que mais deploro... E no entanto... Olhe para isto. Devo beijá-la?
- Por que não?
- Há todos os motivos para não.
- Como você me olha estranhamente! Como se quisesse examinar meu rosto, palmo a palmo. Ele soltou-a bruscamente.

— Vá, por favor.

No momento seguinte, ela partira. Alleyn ficou a janela, vendo-a, na rua. Stephanie se dirigiu para South Eaton Place. Segundos depois, um homem saiu de uma beco ao lado do apartamento, acendeu um cigarro e seguiu na mesma direção. Alleyn fechou a janela e apagou a luz. Tropeçou no estojo que ela deixara cair. Abaixou-se e abriu-o. No seu rosto surgiu expressão de grande alívio. Apanhou-o e saiu.

O telefone tocou de novo, insistentemente.

\* \* \*



## Dezesseis

*O INQUÉRITO*

**D**EZ MINUTOS depois de ter Alleyn chegado ao seu apartamento, o telefone tocou.

- Encontrei-o, finalmente, disse Nigel.
- Você telefonou mais ou menos vinte minutos depois de ter saído do apartamento de Surbonadier?
- Telefonei. Como sabe?
- Ouvi a campainha.
- Então, por que diabo não atendeu?
- Eu estava em baixo da cama.
- Quê? O telefone não está bom.
- Não tem importância. Que houve?
- Fui ver Félix. Ele me convidou. Você tinha razão.
- Bom, nada pelo telefone. Venha à Yard amanhã, às nove horas.
- Está certo, disse Nigel. — Boa-noite.
- Durma com os anjos, disse Alleyn.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Nigel apareceu na Scotland Yard com seu artigo e um mensageiro.

— Isto está se tornando um hábito, disse Alleyn. Fez a censura do artigo e o que restou foi mandado para o jornal.

— Agora, escute, disse Nigel. Contou a história de Gardener e mostrou o bilhete anônimo. Alleyn ouviu com atenção e examinou o bilhete.

— Estou satisfeito por ele ter confessado tudo isto. Acha que assinaria uma declaração, neste sentido?

— Creio que sim. Pelo que percebi, depois do choque de ter atirado em Surbonadier, ele começou a refletir que poderia ser acusado. Mais tarde, depois de eu ter ouvido Stephanie dizer que não repetisse fosse lá o que fosse, ele compreendeu que era ela que estava em perigo, e que devia contar a você tudo que pudesse afastar dela as suspeitas. Ele compreende que o que contou implica Santo e pode, também, implicá-lo. Não acha que tenha sido Santo. Julga mais provável que tenha sido suicídio.

— Então, talvez seja Mr. Santo... Disse Alleyn, tocando a campainha sobre a mesa. — Chame o Inspetor Fox, disse ao guarda que apareceu. Continuou a examinar o bilhete, até Fox chegar.

— Boas notícias, Fox. Nosso assassinozinho começa a escrever bilhetes. Surge um raio de luz.

— Surge mesmo? Perguntou Nigel.

— Certamente. Fox, este bilhete foi entregue em casa de Gardener, por mensageiro, às oito e meia, na noite passada. Aqui está o envelope. Procure todas as agências de mensageiros. Mande examinar o envelope, para ver se há nele impressões digitais. Encontrará as de Gardener e as de um “desconhecido”. Tenho um palpite sobre esse desconhecido.

— Posso perguntar quem é? Aventurou-se Fox a dizer, ansiosamente.

— Um homem de quem nunca desconfiamos, neste crime; um homem que, pelo seu aparente interesse em ajudar a polícia, por suas frequentes sugestões, assim como por suas encantadoras maneiras, conseguiu até agora escapar à nossa atenção. O seu nome é...

— Não tenho a mínima ideia.

— Nigel Bathgate.

— “Seu” grande farsante! Exclamou Nigel, furioso. E ao ver a expressão escandalizada de Fox: — Peço perdão, Inspetor Alleyn. Assim como Mr. Santo, nem sempre aprecio o seu senso do humor. É verdade, Inspetor Fox... Acrescentou, com dignidade —... A verdade é que encontrará nele as minhas impressões, mas não em todo ele. Somente na beirada; depois me lembrei.

— Desta vez nos escapará, creio eu, disse Fox, solenemente. — Sua expressão foi um espetáculo, Mr. Bathgate.

— Muito bem. Agora que fiz a minha pilhéria profissional, mãos à obra, disse Alleyn. — Em sua lista dos objetos do teatro, há uma máquina de escrever?

— Há. Uma Remington, usada no primeiro e no último ato.

— Onde está?

— Na sala dos acessórios. Creio que, depois do espetáculo, preparam o cenário para o primeiro ato do dia seguinte, de modo que, em geral, a máquina está no palco, quando todos chegam ao teatro, e vai para a sala dos acessórios, depois do último ato. Já foi examinada, por causa de impressões digitais. Havia as de Mr. Gardener, nas teclas; e as de Props, dos lados, pois é ele quem a leva para o palco.

— O sistema de impressões digitais está muito conhecido, de modo que qualquer criminoso toma suas precauções. Quem usa a máquina, no terceiro ato? Oh, me lembro... Gardener. Tire uma cópia da carta anônima, para mim e, depois, entregue o envelope a Bailey, sim, Fox? E faça com que ele examine de novo a máquina. Não, não estou de miolo mole. Agora, preciso preparar tudo para o inquérito. Graças a Deus, temos um juiz apresentável.

— Ah, é verdade, concordou Fox, pesadamente.

— Que quer dizer com isto? Perguntou Nigel.

— Alguns guardam a beca negra no bolso, creio eu, disse Alleyn. — Sujeitos cansativos. Mas este aqui é um homem sensato e creio que tudo acabará cedo.

— Tenho que voltar à redação, disse Nigel. — Vou ao inquérito com Gardener. Seu advogado estará presente.

— Espero uma legião. Meus espíões me contam que Santo tomou Phillip Phillips, para acompanhar o caso. É irmão de Phillips, K. C., que tão bem defendeu Santo Jacob, no célebre processo. Grandes nomes.

— Então nos encontraremos...

— Nos Phillips, brincou Alleyn. — Au revoir, Bathgate.

Nigel passou duas horas na redação, fazendo o retrato das principais personagens, no caso. Seu chefe declarou que não estava descontente com seus artigos. Às onze menos vinte, Nigel se dirigiu

para o apartamento de Gardener. O advogado, moço e precocemente solene, já estava lá. Tomaram um cálice de sherry e Nigel procurou pilheriar, mas sem grande sucesso. O advogado, que se chamava inadequadamente Mr. Reckless (Temerário), olhou-o com ar de censura e Gardener estava nervoso demais para achar graça.

Tomaram um táxi. O inquérito foi uma decepção para o grande número de pessoas que a ele compareceram. Foram dadas poucas informações a respeito das atividades policiais. Alleyn descreveu rapidamente a cena, no palco, e foi tratado com muita consideração pelo juiz. Nigel observava o amigo com certa emoção. Alleyn descreveu o revólver: 455.

— Notou algo de extraordinário no revólver, ou nas balas? Perguntou o juiz.

— Eram as habituais 455 usadas com aquele tipo de Smith & Wesson. Não havia impressões digitais.

— Fora usada uma luva?

— Provavelmente.

— E, quanto às balas falsas? Alleyn descreveu-as, dizendo que encontrara sinais de areia, da bala defeituosa, na caixa do ponto e em ambas as gavetas.

— Que deduz disto?

— Que o zelador deu as balas falsas ao diretor de cena e que este as colocou, como de costume, na gaveta de cima.

— Sugere que, depois, outra pessoa tenha mudado as balas falsas para a segunda gaveta, colocando as verdadeiras na de cima?

— Sim, senhor.

— Notou mais alguma coisa, em relação às balas?

— Notei manchas esbranquiçadas.

— Tem explicação para isto?

— Creio que se trata de um cosmético, usado pelas atrizes.

— Não por atores?

— Creio que não. Não havia deste tipo, nos camarins dos homens.

— Encontrou vidros desses cosméticos nos camarins das atrizes?

— Encontrei.

— E o conteúdo dos vidros é igual?

— Não exatamente.

— Posso saber de que vidro vieram as manchas?

— A análise provou que o cosmético era do camarim da estrela. Um vidro fora ali virado, antes do início da peça.

— O camarim da estrela é usado... Por quem?

— Por Miss Stephanie Vaughan e sua camareira. Miss Vaughan foi visitada por todos os membros da companhia, durante a noite. Eu mesmo estive lá, antes do primeiro ato. Nesta ocasião, o vidro ainda não fora virado. No camarim, encontrei a vítima, que parecia sob a ação do álcool.

— Quer descrever ao júri suas investigações, imediatamente após a tragédia?

Alleyn explicou o que fizera.

— O senhor examinou o palco. Encontrou algo que possa esclarecer o caso?

— Encontrei um par de luvas, numa sacola que fora usada na peça, e encontrei as balas falsas na gaveta debaixo da mesa.

— Que foi que observou nas luvas?

— Uma delas tinha uma mancha branca, que a análise provou ser igual às encontradas nas balas.

Esta declaração provocou um sussurro. Alleyn continuou. Descreveu as entrevistas com os atores, dizendo que todos tinham assinado as declarações feitas na ocasião. Isto era novidade para Nigel, que ficou imaginando qual teria sido a reação deles. Alleyn pouco falou das subsequentes investigações e não foi interpelado pelo juiz, que lhe dava ampla liberdade. Félix Gardener foi chamado. Estava muito pálido, mas depôs com clareza. Admitiu ser o dono do revólver, disse que fora de seu irmão, acrescentou que fornecera as balas ao zelador e que este as transformara em balas falsas.

— Esteve no camarim de Miss Vaughan, antes da tragédia?

— Sim, estive lá com o Inspetor-Chefe Alleyn, que me visitara com um amigo, antes do primeiro ato. Não voltei lá, depois do primeiro ato.

— Notou o vidro de cosmético, virado no toucador?

— Não, senhor.

— Mr. Gardener, quer descrever a cena em que detonou o revólver? Gardener obedeceu. Sua voz tremia e ele estava muito pálido. — Compreendeu imediatamente o que acontecera?

— Não imediatamente, creio eu. Estava atordoado com a detonação. Creio que me ocorreu que um dos cartuchos de pólvora seca, entre os usados para a detonação nos bastidores, viera parar no revólver.

— Continuou a representar?

— Continuei, disse Gardener em voz baixa. — Automaticamente. Depois, comecei a compreender. Mas nós continuamos.

— Nós? Gardener hesitou.

— Miss Vaughan também estava no palco. Foi apresentado um par de luvas, com grande satisfação dos presentes.

— São suas?

— Não, respondeu Gardener, entre surpreso e aliviado.

— Viu-as, antes?

— Não; não, que me lembre. A carta anônima foi apresentada e identificada por Gardener, que descreveu como fora ela entregue e explicou a referencia ao “pé machucado”.

— Teve alguma impressão da identidade da pessoa que lhe pisou o pé? Gardener hesitou, olhando para Alleyn.

— Tive uma vaga impressão, mas depois achei que não era bastante forte, para ter valor.

— Que impressão foi esta?

— Preciso responder? Gardener olhou de novo para Alleyn.

— O senhor falou ao Inspetor-Chefe Alleyn sobre isto?

— Falei, mas acrescentei que não tinha valor.

— Que nome mencionou?

— Nenhum. O Inspetor Alleyn me perguntou se eu tinha notado um cheiro. Respondi que achara que sim.

— Quer dizer uma espécie de perfume?

— Sim, senhor.

— A quem o associou?

— A Mr. Jacob Santo. Mr. Phillip Phillips se pôs de pé, indignado. O juiz acalmou-o e se voltou para Gardener.

— Obrigado, Mr. Gardener.

Stephanie Vaughan foi a seguinte. Estava calma e digna, depondo com clareza. Confirmou tudo o que Alleyn dissera, em relação ao cosmético, acrescentando que Surbonadier derrubara o vidro, depois que os outros se tinham retirado. Ela disse que achava ser um caso de suicídio. O júri pareceu condoído e em dúvida.

Vieram os outros. Barclay Crammer desempenhou bem o papel de cavalheiro de coração partido, da velha escola. Janet Emerald conseguiu o feito conhecido como “percorreu toda a gama de emoções”. Inquirida sobre a discrepância entre seu depoimento e os de Miss Max e do diretor de cena, chorou sinceramente e declarou que tinha o coração partido. O juiz olhou-a friamente, dizendo que era uma testemunha pouco satisfatória. Miss Deamer foi juvenilmente sincera e usou um tom de voz eficientemente ofegante. Seu depoimento foi sem valor. Os de Miss Max e de Simpson foram diretos e sensatos. A atitude de Props de tal modo lembrou a de um assassino, que ele saiu sob uma nuvem de suspeita. Trixie Beadle fez o papel de “donzela inocente”, mas estava visivelmente amedrontada e foi tratada com bondade.

— A senhora declarou que conhecia bem o morto. Quer dizer que estavam em termos de intimidade?

— Creio que se poderia dizer que sim, respondeu a pobre Trixie.

Seu pai foi lacônico, respeitoso e um tanto patético. Howard Melville foi sincero e nada contribuiu para a verdade. O velho Blair tinha um ar teimoso. Pediram-lhe que dissesse os nomes das pessoas que passaram pela porta dos fundos e foi o que ele fez, mencionando o Inspetor Alleyn, Mr. Bathgate e Mr. Jacob Santo. Notara alguém com aquelas luvas, perto do palco?

— Notei, respondeu Blair, em tom aborrecido.

— Quem?

— Mr. Santo.

— Mr. Jacob Santo? Se o barulho se repetir, farei evacuar a sala. Tem certeza?

— Tenho, disse Blair. E foi dispensado.

Mr. Jacob Santo declarou que era proprietário do teatro, que o morto era seu sobrinho e que o vira antes da representação. Reconheceu as luvas como suas, dizendo que as deixara nos bastidores. Não sabia onde. Visitara o camarim de Miss Emerald, mas achava que não as usava, na ocasião. Com grande surpresa de Nigel, não se falou da tensão existente entre tio e sobrinho. Mincing, o lacaio, não foi chamado. Mr. Santo disse que não voltara ao palco, a não ser depois da tragédia. O juiz falou, então. Referiu-se à possibilidade de suicídio, mas quase não a levou em consideração. Dirigiu o júri discretamente para o veredicto. Após uma ausência de vinte minutos, voltaram os jurados. O veredicto foi “assassinato, por pessoa ou pessoas desconhecidas”. Ao sair do tribunal, Nigel ia atrás do Inspetor Alleyn e logo à frente de Janet Emerald e de Santo. Ia se reunir ao inspetor, quando Miss

Emerald passou por ele e agarrou o braço de Alleyn.

— Inspetor Alleyn, disse ela. Alleyn parou e olhou-a. — O senhor estava atrás de tudo, disse ela, com reprimida violência. — O senhor disse àquele homem que me tratasse daquela forma. Por que fui escolhida para ser maltratada e suspeita? Por que deixaram Félix de lado? Por que não foi preso? Ele atirou em Arthur. É infame! Sua voz se tornara histérica. Muitas pessoas que passaram por eles pararam, para olhar para trás.

— Janet, você está louca? Disse Santo. — Vamos embora. Ela se virou para Santo, começou a soluçar e permitiu que ele a levasse. Alleyn olhou-a, pensativo.

— Louca, não, Mr. Santo. Não creio que Miss Emerald esteja louca. Digamos venenosa, a ponto de se tornar temerária?

Continuou seu caminho, sem notar a presença de Nigel.

\* \* \*

## Dezessete

*DE SLOANE STREET PARA SCOTLAND YARD*

**N**IGEL passou a tarde escrevendo seu relatório sobre o inquérito. Estava intrigado com o grande número de informações que não tinham vindo à luz. O juiz perguntara ligeiramente sobre a ação movida por Santo, não comentara o estado alcoolizado de Surbonadier e não se preocupara com o camarim de Miss Vaughan. O júri, excepcionalmente dócil, não fizera perguntas. Nigel imaginava que, nos poucos minutos em que se retiraram para deliberar, tinham discutido a possibilidade de suicídio, achando-a pouco provável e voltando à sala para dar o veredicto habitual. Nigel notara a satisfação de Alleyn e agora, mais uma vez, examinava o caso sob seu próprio ponto de vista.

Em sua opinião, Santo era o responsável. Mas Santo tinha o melhor dos álibis. Estivera só, na sala de espetáculos, mas o velho Blair jurara que ele não voltara aos bastidores, nos intervalos. Santo estivera num camarote e era possível que tivesse saído, durante a cena no escuro. Neste momento, Nigel teve uma ideia luminosa. Suponhamos que Santo tivesse saído do camarote, passando pela porta do proscênio e entrado no palco. Aquela porta estivera fechada, quando Stavely e Nigel passaram por ela, mas Santo poderia ter uma chave. Lá estava ele, no seu camarote, antes que se apagassem as luzes. Depois, completa escuridão. Santo saíra do camarote, passara pela porta que ele talvez tivesse aberto antes, se dirigira para a mesa, colidindo com Gardener, abrira a gaveta e fizera a substituição das balas. Quando se acenderam as luzes, E estava ele de novo no camarote. Nigel ficou emocionado e telefonou para Scotland Yard. Alleyn não estava, mas dissera que voltaria às quatro horas. Nigel avisou que estaria lá às quatro e meia.

Estava nervoso e incapaz de fazer qualquer coisa. Achava formidável a sua teoria. Lembrou-se de Gardener e resolveu ir a Sloane Street, conversar com o amigo. Não telefonou. Se Gardener não estivesse era casa, andaria um pouco e depois tomaria um ônibus para a Yard. Estava precisando de exercício.

Sloane Square tinha um ar amigável e ensolarado. Nigel comprou um cravo para a lapela, mandou um telegrama tolo para Ângela e caminhou com despreocupação. Sloane Street estava movimentada. Nigel teve vontade de correr, assobiar. As janelas de Gardener, no primeiro andar, estavam abertas. Nigel não quis tomar o elevador e subiu os degraus, dois a dois. A porta estava aberta e Nigel entrou, sem tocar a campainha. Ia chamar, alegremente, quando ouviu uma voz de mulher, no escritório.

— Se fiz isto, foi por você, Félix. Ele era seu pior inimigo. Nigel ouviu Gardener dizer, lentamente:

— Não posso acreditar. Não posso acreditar. A mulher começou a rir.

— Tudo em vão... Não se incomode; não me arrependo. Está ouvindo? Mas acho que você não mereceu. Sem saber o que fazia, se sentindo apavorado, Nigel bateu a porta de entrada e gritou:

— Alô, Félix, está em casa? Silêncio profundo. Depois, som de passos e a porta do escritório se abriu.

— Oh, é você, Nigel, disse Félix.

Nigel não olhou para ele e sim para a mulher. Stephanie Vaughan, muito atraente, sentada numa poltrona perto da janela. Ela estava com um lenço nos lábios.

— Oh, é Nigel Bathgate, disse, com a exata intonação com que diria: “Olá, todos vocês”, ao entrar no palco.

— Vocês já se conhecem, disse Gardener. Nigel conseguiu dizer qualquer coisa e até mesmo segurar a mão que ela lhe estendia cordialmente.

— Vim apenas por um momento.

— Tenho a certeza que não, disse Miss Vaughan, alegremente. — Veio para uma conversinha entre amigos, do tipo que consiste de bebidas, cigarros, longos silêncios e algumas anedotas escabrosas. Já estou de saída, de modo que não precisa se preocupar comigo. Ergueu-se com flexibilidade. Olhou para Nigel de frente e favoreceu-o com o seu célebre sorriso de lado. — Faça com que Félix o leve para me visitar. Simpatizo com você, Nigel Bathgate. Está ouvindo, Félix? Leve-o à minha casa.

— É esta a sua bolsa? Perguntou Félix. Nigel viu-o colocar a bolsa na mesinha perto dela e percebeu que Félix não queria tocar a mão de Stephanie. A moça saiu, ainda falando. Gardener acompanhou-a, fechou a porta e Nigel ouviu a voz da atriz, muito baixa, lá fora. Logo Gardener voltou.

— Foi muita bondade sua ter vindo, Nigel. Estou esgotado. E de fato dava esta impressão. Sentou-se diante do fogo e estendeu as mãos, para aquecê-las. Estavam trêmulas.

— Acho que você devia ver um médico, Félix.

— Não, não. É só a reação, após o choque. Logo me sentirei bem. Creio que vou tentar dormir, daqui a pouco.

— Boa ideia. Por que não vai agora? Tome uma aspirina e uma boa dose de uísque.

— Oh, daqui a pouco. Há novidade?

Tinham ambos evitado falar em Stephanie. Nigel se lembrou de sua teoria, a respeito de Santo. Sorriu de seu recente entusiasmo. Estaria Gardener imaginando se ele teria ouvido alguma coisa? Nigel achava que tal ideia não entrara na cabeça do amigo. Como o próprio Félix dissera, estava ainda sob o efeito do choque. Nigel procurou falar, mas era difícil encontrar assunto. Ele, que mal tivera contato com o teatro, se via agora puxado para dentro dele. Sentiu-se, de repente, cercado por aquela gente; era como se, contra a vontade, tivesse que assistir a uma peça, se vendo obrigado a deixar sua cadeira na plateia para tomar parte na representação. Deviam ter ficado em silêncio durante algum tempo, pois Nigel ficou sobressaltado, ao ouvir a voz do amigo.

— Ela depôs muito bem, não?

— Quem?

— Stephanie.

— Muito bem. Qualquer coisa, na voz de Nigel, chamou a atenção de Félix, que olhou para ele,



com expressão agoniada. — Nigel... Você se lembra do que eu disse. Nenhum de nós dois é culpado. Dei-lhe minha palavra de honra e você acreditou.

— Sei disto, respondeu Nigel, com ar infeliz.

— Está começando a... Imaginar?

— Você tem certeza, Félix? Oh, céus! Gardener riu.

— Você está começando a imaginar. Meu Deus, se soubesse que heroína ela é!

— Não pode dizer a verdade, Félix?

— Não posso, não posso. Não, a respeito de Stephanie. Oh, creio que não posso culpá-lo, Nigel. É de fato suspeita a nossa posição... Que diz Alleyn da teoria do suicídio?

— Ele me diz muito pouco.

— O veredicto não foi certo. Trata-se de suicídio. Vou procurar Alleyn e tentar... Ele tem que aceitar a teoria do suicídio.

— Tenho que ir, agora. Procure dormir, Félix.

— Dormir! “O sono, que tudo apaga”. Ah, eis o ator, novamente. Adeus, Nigel.

— Não precisa me acompanhar. Até logo.

Nigel saiu. Viu que tinha uma terrível decisão a tomar. Deveria contar a Alleyn a conversa que ouvira? Uma mulher? Desagradou-lhe a lógica consequência de sua declaração; mas, desprezando a si próprio, tornou a pensar naquilo. Se se calasse, que aconteceria? Félix, que a amava, permitiria que Santo fosse acusado de assassinato? Lembrou-se da atitude de Alleyn, em relação aos seus escrúpulos e, de repente, compreendeu que estava apenas querendo defender sua paz de espírito. Tomou uma decisão: não podia deixar de contar a Alleyn. Com o coração pesado, chamou um táxi.

— Scotland Yard, disse.

Ainda não eram quatro horas, quando chegou, mas Alleyn estava lá e mandou dizer que o receberia.

— Olá, Bathgate, que aconteceu com você? Encontrou o assassino, de novo?

— Por favor, não me atormente. Não é uma teoria que vou apresentar. Venho fazer uma declaração.

— Sente-se. Que há?

— Creio que você não compreende como isto é horrível, Alleyn. Para você, é impessoal. Eu já não posso dizer o mesmo. Foi um sacrifício, vir procurá-lo. Pode parecer teatral, mas, você sabe, foi uma mulher.

— Que quer dizer? Perguntou Alleyn, asperamente. — Que informação é esta? Você diz que tem uma declaração a fazer. Pois bem, faça-a. Perdoe-me, Bathgate, ando insuportável esses dias, não? Nigel engoliu em seco.

— Ouvi uma confissão. Alleyn esperou um pouco, depois apanhou um lápis.

— Quando?

— Hoje à tarde, há uma hora.

— Onde?

— No apartamento de Félix.

— Está certo. Continue.

— Quanto mais depressa, melhor. Entrei no vestíbulo, sem bater, e ouvi vozes no escritório.

Uma mulher disse: “Se fiz isto, foi por sua causa, Félix. Ele era seu pior inimigo”. Félix disse: “Não posso acreditar, não posso acreditar”. E ela riu, horrivelmente, dizendo: “Foi tudo em vão. Não se incomode, não tenho remorso. Está ouvindo? Não creio que você merecesse”. Depois, fechei com força a porta da frente e chamei Félix. Ele apareceu e me fez entrar. Ela estava lá.

— Era?...

— Stephanie Vaughan.

— Impossível, disse Alleyn, ferozmente.

— Acha que poderia me enganar, numa coisa destas? Garanto que nunca me esquecerei daquelas vozes, enquanto viver. Alleyn ficou quieto durante tanto tempo, que Nigel o olhou, preocupado.

— Afinal de contas, Bathgate, isto não é conclusivo. “Se fiz isto, foi por você”. Suponhamos que ela tivesse dito a Gardener que ameaçara Surbonadier, levando-o ao suicídio? Suponhamos que não estivessem falando de Surbonadier?

— Se tivesse visto, Félix, não diria isto.

— Que quer dizer?

— Ele estava aniquilado.

— Aniquilado! Você está ficando tão teatral quanto eles! Barclay Crammer estava “aniquilado”, quando depôs, hoje de manhã, o idiota! Nigel se levantou.

— Pois bem, é isto. Se você acha mesmo que não é conclusivo, sinto grande alívio. Alleyn se inclinou sobre a mesa, olhando-o como se ele fosse peça de museu.

— Se Diógenes tivesse encontrado você, teria saído de sua barrica, enchendo-a de bebida e dizendo: “Olá!”...

— Creio que você está querendo ser bonzinho, disse Nigel, aliviado.

— Creio que sim. Que aconteceu, depois?

— Tivemos uma conversa horrível. Posso dizer que ela representou admiravelmente.

— Não duvido.

— Convidou-me a visitá-la, disse Nigel, estremecendo.

— Você não vai.

— Acha que tenho vontade de ir?

— Escute. Você não vai visitar mais nenhuma dessas pessoas, está ouvindo?

— Estou. Mas, por quê?

— Não irá, a não ser comigo. Escreva seus artigos e cuide de sua vidinha.

— É o que ganho por ter feito o pior serviço de minha vida.

— Caro Bathgate, honestamente compreendo suas dificuldades e lhe sou muito grato, disse Alleyn, com um de seus encantadores acessos de cerimônia. — Mas peço que me obedeça. Posso recompensá-lo com uma notícia interessante.

— Qual é?

— Pode informar o público que Mr. Jacob Santo foi preso e que o motivo da acusação ainda não foi divulgado.

## Dezoito

PRISÃO

**A** O NOTAR o espanto de Nigel, Alleyn continuou:

- Para ser exato, Mr. Santo ainda está solto. Vou agora cumprir o meu dever. Quer vir?
- Claro que quero. Posso telefonar para a redação? Creio que ainda alcançarei a última edição.
- Está certo. Não diga mais do que lhe contei. É melhor pedir que esperem mais vinte minutos. Se ele não for preso, você telefonará. Não sou bonzinho?
- Muito, disse Nigel, com fervor. Telefonou e a notícia foi bem recebida.
- Vamos sair, assim que eu receber um aviso. Não me deixe esquecer as algemas. Meu caro, como estou excitado!
- Há cinco minutos, você dava impressão de ter levado um soco. Que há com você?
- Refleti e não sou mais Idiota.
- Vai prender Santo como assassino?
- Como você gostaria de saber! Bateram à porta e o Inspetor Fox entrou.
- Nosso homem acabou de telefonar. O cavalheiro está no escritório, no Unicorn. Boa-tarde, Mr. Bathgate.
- Então, vamos! Exclamou Alleyn.
- Algemas, lembrou Nigel.
- Que faria eu sem você! Algemas, Fox?
- Estão comigo. Melhor levar o sobretudo, Chefe. Faz muito frio.
- Aqui está a ordem de prisão, disse Alleyn. Vestiu o sobretudo e pôs o chapéu num ângulo elegante. — Estou bem? Causa má impressão, a gente não estar em ordem, ao efetuar uma prisão.

Nigel achou que ele estava muito belo e ficou a imaginar se o inspetor teria it. “Preciso perguntar a Ângela”, pensou. No corredor, Fox disse, em voz baixa:

- Ele está aborrecido com o caso, Mr. Bathgate. Fox parecia uma ama, falando sobre o seu bebê. Um guarda e dois detetives, à paisana, esperavam por eles.
- Teatro Unicorn, disse Alleyn.
- Há dois desses malditos repórteres à porta do teatro, disse Fox. — Com o seu perdão, Mr. Bathgate.
- Oh, entramos pelo beco, aos fundos, disse Alleyn. — Bathgate, você pode ir até a porta e conversar com seus coleguinhas, depois venha, com naturalidade, para a porta do beco. Mostre este cartão ao guarda, que ele o deixará entrar. Chegará lá quase que conosco. Invente uma história para os seus amigos.
- Deixe por minha conta! Disse Nigel, com entusiasmo.

Alleyn contou a Fox o que Nigel ouvira no apartamento de Félix. Fox olhou para o jornalista, como se este fosse uma criança aventureira. O carro seguiu. Dali a pouco, Fox bateu no vidro e o carro parou.

— Aqui ficam os fundos do Unicorn, disse Alleyn. — Desça, Bathgate. Vá por ali, vire à esquerda, que chegará à frente. Dou-lhe uns minutos de dianteira.

Nigel sentiu o coração bater mais forte, ao correr pela rua lateral. Moderou o passo, quando se aproximou da frente do teatro. Lá estavam, sem a menor dúvida, os dois colegas, que ele conhecia ligeiramente.

— Xeretando? Perguntou Nigel, alegremente.

— Você está? Disse um deles, cortesmente.

— Tenho um encontro com a comediante. Se vocês ficarem de olho neste lado, verão algo de interessante

— Que está você tramando? Perguntou um deles desconfiado. — Você, com seus amigos da policial

— Observe e verá.

Nigel caminhou despreocupadamente, até chegar a uma porta lateral. Ali encontrou um policial. O homem teve uma expressão de censura, quando Nigel o chamou para um lado, mas, ao ver o cartão de Alleyn, sorriu e abriu a porta.

— É só subir estas escadas, disse o guarda. Nigel olhou de lado para os amigos e entrou. A escada, com tapete grosso, levava ao foyer. Ali Nigel encontrou Alleyn, Fox, dois detetives e um quinto homem, que ele não conhecia.

— Ele chegou há um quarto de hora, disse este último, em voz baixa. — Eu estava aqui, mas disse ao guarda, lá em baixo, que o deixasse entrar. Ele me olhou de lado e perguntou quando é que a polícia ia desocupar a sua propriedade; disse que precisava cuidar da correspondência. Procurei opor obstáculos, retendo-o. Nosso homem lá embaixo tinha ordem de telefonar para a Yard, assim que Santo caísse na armadilha. Ele está agora no escritório, no fundo do corredor.

— Muito bem, disse Alleyn. — Vamos.

— O senhor está armado? Perguntou Fox.

— Não. Sabia que você estaria, “seu” sanguinário. Bathgate, você vem por último, sim?

Caminharam em silêncio pelo corredor. Nigel teve uma impressão de ato oficial. De repente, aqueles homens que ele conhecia e de quem gostava se tinham transformado em simples policiais. “Creio que estão andando com passo cadenciado”, pensou Nigel. Pararam diante de uma porta. Alguém se movia, lá dentro. Alleyn bateu uma vez, virou a maçaneta e entrou. Os outros seguiram-no, Fox com a mão no bolso, Por entre os ombros dos companheiros, Nigel viu Jacob Santo. Estava de chapéu coco, charuto na boca. Virou-se, dando as costas à mesa cheia de papéis.

— Que é isto? Perguntou. Os homens se separaram. Alleyn se aproximou de Santo.

— Mr. Santo, tenho um mandado de prisão... Santo soltou uma exclamação incoerente. Alleyn

parou.

— O senhor está louco, disse Santo. — Não fui eu. Eu não estava lá. Estava na sala.

— Antes de continuar, é melhor ouvir a acusação. Santo caiu na cadeira giratória. Olhou rapidamente de um homem ao outro. Sua mão remexeu na mesa.

— O senhor está coberto, Mr. Santo, disse Fox, de repente. Com um rosar colérico, o dono do Unicorn deixou cair as mãos.

— Qual a acusação? Perguntou.

— É acusado de estar metido no comércio de drogas ilícitas. Leia, Fox. Eu atrapalho as palavras. Fox leu em voz monótona.

— É infame, disse Santo. — É infame. Você, Alleyn, você servirá de risota a todo o mundo. Perderá o emprego.

— E isto me servirá de lição, disse Alleyn. — Venha, Mr. Santo.

Santo tirou a mão da boca e deixou-a cair até a lapela do paletó. Ergueu-se pesadamente, se virando a meio. No momento seguinte, Alleyn agarrava-o pelo pulso. Os dedos grossos de Santo seguravam um pedaço de papel.

— Por favor, Mr. Santo, disse Alleyn. — Não podemos permitir que ande comendo papel, sabe?

Lutaram. Santo parecia ter ficado louco. A cadeira caiu. Os dois homens bateram contra a mesa. Um tinteiro tombou ao chão, manchando as calças de Santo. Os outros homens agarraram-no. Alleyn ainda lhe segurava o pulso. Ele parou de lutar, repentinamente.

— Apanhem aquela cadeira, ordenou Alleyn. Nigel, que se conservara impotente fora da luta, apanhou a cadeira. — Façam-no sentar, com cuidado. Logo ficará bom, Mr. Santo. Abram a janela. Santo sentou. Estava roxo e ofegante. Alleyn lhe desabotoou as roupas, tirou a gravata e abriu o colarinho. Depois, apanhou o telefone sobre a mesa e discou um número. — Scotland Yard? Aqui o Inspetor Alleyn. Mande o médico ao Teatro Unicorn, imediatamente. Ataque de coração. Entendeu? Em cima. O guarda à porta mostrará o caminho. Imediatamente. Obrigado. — É melhor vocês saírem, disse Alleyn. — Ele precisa de sossego. Fox, quer ficar aqui? Os três detetives saíram silenciosamente. Fox ficou imóvel. Nigel foi para o canto mais escuro e sentou, esperando passar despercebido.

— Ataque de coração? Perguntou Fox.

— Evidentemente. Mas creio que ficará bom. Olharam em silêncio para o rosto purpúreo. Alleyn ligou um ventilador e puxou-o para mais perto. Os cabelos ralos de Santo esvoaçaram. Ele abriu os olhos. Estavam injetados.

— Não fale, recomendou Alleyn. — Um médico chegará aqui, dentro de alguns minutos.

Puxou outra cadeira, pôs ali os pés de Santo e moveu-o um pouco, até ele ficar quase deitado. Fez tudo isso depressa e com eficiência, erguendo o corpo volumoso sem aparente esforço. Foi depois para a janela. Nigel viu que ele segurava um pedaço de papel. Alleyn se inclinou sobre a janela, olhou o papel e guardou-o no bolso. Havia silêncio, na sala. Santo respirava com mais facilidade. Soltou um suspiro e fechou de novo os olhos. Fox se aproximou de Alleyn, que lhe falou em voz baixa. Nigel olhou para Santo e ficou imaginando se teria o rosto de um assassino.

Pouco depois, ouviram vozes, fora. Abriu-se a porta e entrou o médico. Aproximou-se de Santo para o exame. Tomou-lhe o pulso. Depois, lhe aplicou uma injeção. Santo entreabriu os lábios.

— Melhor, murmurou.

— Creio que sim, disse o médico. — Fique quieto mais alguns minutos, depois o levaremos para um lugar onde terá mais conforto. Olhou para Alleyn e para os outros. — Vamos deixá-lo, por um momento. Saíram. Nigel acompanhou-os. Só ficou Fox, que fechou a porta. Afastaram-se um pouco. — Coração, disse o médico. — Muito grave. Um homem doente. Quem é seu médico?

— Sir Everard Sim, disse Alleyn.

— Oh, conheço-o. Melhor avisá-lo. O homem está preso?

— Está.

— Hum... Aborrecido. Vou chamar uma ambulância e ficarei com ele. Deixe uns dois homens. Vou telefonar para Sir Everard. Santo está mal, mas creio que não irá, desta vez.

— Está certo, disse Alleyn. — Fica, então, por sua conta? Fox tomará as providências.

— Oh, enquanto me lembro, disse o médico. — Há um recado para o senhor, na Yard. Pediram-me que o avisasse. Um tal Albert Hickson está aflito para vê-lo. Não quer falar com mais ninguém.

— Albert Hickson, disse Nigel. — Oh, é Props!

Nigel se afastou, mas conseguiu entrar inocentemente no carro, atrás de Alleyn, que não protestou. O inspetor estava muito quieto. Quando chegaram perto da Yard, ele se voltou para Nigel.

— Bathgate, a notícia, que você mandou sobre a prisão, já saiu?

— Já, disse Nigel. — Não telefonei, suspendendo-a... Londres toda já sabe disso. Formidável, não? Acrescentou modestamente.

— Toda Londres. Sim. Deve ser isto.

Nigel seguiu Alleyn, como um cão, quando o inspetor entrou em Scotland Yard. O homem que recebera Props foi chamado.

— Ele trazia um jornal?

— Sim, senhor.

— Sabe qual era? O guarda sabia e estava ansioso por dar a informação. Fora o jornal de Nigel.

— Você está perdido neste posto, disse Alleyn. — Você sabe se servir dos olhos. O guarda corou de prazer e lhe apresentou um papel.

— Ele deixou este recado, dizendo que voltaria.

— Obrigado. Ainda esperançoso, Nigel acompanhou Alleyn à sua sala. Quando chegaram à porta, o inspetor parou, cortesmente.

— Posso entrar? Perguntou Alleyn. — Ou você quer ficar só?

Nigel assumiu a atitude franca e ansiosa de um jovem americano, num filme de gangsteres. Olhou com adoração para Alleyn, pôs a cabeça de lado e disse com emoção:

— Puxa, Chefe, o senhor é... É um sujeito igual.

— Oh, diabo, amigo, vá entrando, rosnou Alleyn. Na sala, abriu um arquivo e tirou uns papéis, que colocou ao lado do papel que tomara a Santo e do que Props deixara na Yard.

— Que é isso? Perguntou Nigel.

— Com sua paixão pela palavra, você chamaria a isto dossiê. É o arquivo do caso Unicorn.

— Vai juntar todos esses novos documentos? Perguntou Nigel, se aproximando da mesa.

— Pode ler daí? Perguntou Alleyn ansiosamente. — Ou quer que eu ponha mais perto? Nigel nada disse. — O papel tirado a Santo é uma segunda carta de Morlake, que faz com que Santo Jacob caia da escada. O bilhete de Props...

— Sim?

— Oh, lá vem você de novo. Nigel leu as frases escritas em letra infantil: “Sei quem foi, e os senhores apanharam o homem errado. Jacob Santo nunca fez aquilo e os senhores prenderam um inocente. Respeitosamente, A. Hickson”.

— Que quer dizer isto? Perguntou Nigel.

— Quer dizer que Props em seguida irá fazer uma visita ao assassino.

\* \* \*

## Dezenove

*NIGEL É PREVENIDO*

— Agora, não me bombardeie com perguntas, pediu Alleyn. — Se quer ficar, fique, mas calado. Tenho que trabalhar. Tocou a campainha e acendeu um cigarro. Depois apanhou o fone. — Quero falar com o Inspetor Boys. Alô, é você, Boys? Quem é que está seguindo Hickson? Oh, Thompson, não é? Quando vai ser substituído? Daqui a um quarto de hora. Ele telefonou? Ah, sim? Obrigado. Ao guarda que atendeu à campainha, Alleyn disse: — Mandé aqui o homem que falou com Hickson. O homem apareceu e ficou atento, como um soldado. Nigel se lembrou de Props. — Como você se chama? Perguntou Alleyn.

— Naseby, Sr. Inspetor.

— Muito bem, Naseby, tenho um serviço para você. Conhece Thompson?

— Sim, senhor.

— Ele está seguindo Hickson, o homem com quem você falou hoje à tarde. Neste momento, estão ambos num restaurante, na esquina do Westbourne Street e Pimlico Road. Vá lá, de táxi. Espere até que Hickson saia, se encontre com ele como que por acaso. Diga que vai ficar de folga e procure entabular conversa, sem que ele desconfie de você. Diga-lhe que me entregou o bilhete e que não acha que seja necessário ele voltar à Yard. Diga que me ouviu dizer a Mr. Bathgate que acho que ele é meio tonto e que estamos certos de que prendemos o verdadeiro culpado. E que não o receberei, se voltar aqui. Quero que ele pense que não me interessa pela sua informação. Ele acaba de entrar no restaurante, de modo que talvez haja tempo de você entrar lá e lhe pagar um trago. Diga que, em sua opinião, Santo será enforcado. Não procure lhe arrancar informações, dê o caso por resolvido. Depois, deixe-o ir. O detetive que vai substituir Thompson continuará o serviço. Diga-lhe de minha parte que, se ele perder Props de vista, eu o matarei. Não deve voltar a não ser depois que tiver certeza de que Hickson está na cama, pronto para dormir. Depois, pode telefonar, que será substituído. Ele tem que tomar nota de todas as casas que Hickson visitar. Quanto maior o número de informações, mais satisfeito ficarei. Compreendeu? Naseby repetiu rapidamente e com exatidão as instruções recebidas.

— Sim, senhor. Vou agora, se me permitir.

— Isto, disse Alleyn. — Agora, vá. Volte depois aqui. Depois que o homem saiu, Alleyn continuou: — É um sujeito vivo. Depois pediu o relatório sobre as agências de mensageiros.

A carta anônima a Gardener viera de uma agência, em Piccadilly. Estavam muito ocupados, na ocasião, e não tinham notado o homem que a levava. Usara sobretudo, cachecol, chapéu mole e luvas. Pusera a carta no balcão, dizendo: “Faça com que seja entregue imediatamente. O menino pode guardar o troco. Estou com pressa”. E saíra. Altura? Mediana. Voz? Não se podia dizer. Barbeado? Achava que sim. Vulto? Talvez um pouco atarracado.



— Hum... Murmurou Alleyn. — O homem da rua. Pode ser qualquer um. Mandou chamar Bailey, que veio, meio perplexo.

— A respeito da máquina de escrever... É esquisito, disse ele. — Não há dúvida: a carta foi escrita na máquina do teatro. Examinamos a máquina, na noite do crime, e só encontramos as impressões de Gardener e de Props, como era natural. De acordo com suas instruções, ela foi examinada novamente, e não tem impressões, agora, a não ser uma, na letra Q, e é ainda de Gardener. Não entendi, a princípio, mas creio que agora sei.

— Sim? E o que é, Bailey?

— Pois bem, depois de examinada, a máquina foi guardada na sala dos acessórios. Todos os atores, como o senhor sabe, estavam na sala do guarda-roupa. Mas Mr. Santo não estava. Veio mais tarde. Agora, suponhamos que tivesse ido à sala dos acessórios e escrito isto à máquina? As portas estavam fechadas. Não o teríamos ouvido, do palco, e levaria apenas alguns minutos. O papel estava na máquina. Ele poderia ter guardado o bilhete no bolso, ele já fora revistado, e sair sossegadamente. A letra Q fica na ponta, de modo que ele pode ter esquecido de limpá-la.

— Onde é a sala dos acessórios? Perguntou Nigel.

— No fundo do corredor. Há portas duplas, dando para o palco e, além do poleiro de Blair, há outras portas, dando para a área. Compreende o que quero dizer? Quando saiu com Miss Emerald, Santo passou pelo nosso guarda, à porta dos artistas, foi para a área, entrando na salinha dos acessórios pela portinha que fica entre as maiores. As portas duplas, do palco, estavam fechadas. Ele entra, acende a luz, Bate a carta à maquina, limpa as teclas e sai sorrateiramente. E aquela senhora sabe o que ele está fazendo e fica vigiando.

— Ainda atrás de Miss Emerald! Brincou Alleyn.

Nigel se lembrou de sua teoria a respeito de Santo e da porta do proscênio. Sugeriu-a, modestamente, e foi ouvido pelo Detetive Bailey, com uma espécie de respeito concedido de má vontade, peculiar àquele detetive.

— Sim, é possível, Bailey, disse Alleyn. — Mas qualquer um dos outros poderia ter escrito aquela carta, ou alguns, pelo menos. Simpson, por exemplo. Pense um pouco. Quem estava mais perto da porta do palco e poderia sair sem ser notado? Bailey olhou-o.

— Puxa! Exclamou.

— Quer dizer... O velho Blair? Perguntou Nigel.

— Que estava dormindo, acrescentou Alleyn, placidamente. Os outros dois fitaram-no de boca aberta. — Muito bem, nada é conclusivo, disse Alleyn. — Mas tudo parece mais claro. As coisas começam a ter sentido.

— Ainda bem que está satisfeito, disse Bailey, com inesperado sarcasmo.

— E, quanto às impressões, na carta?

— Somente as de Mr. Gardener e de Mr. Bathgate.

— E o papel, do quarto de Surbonadier? Aquele que tem a falsificação da assinatura?

— Havia muitas de Surbonadier; e há outra coisa imprecisa e antiga. Mandei tirar uma fotografia ampliada e só depois poderei dar minha opinião.

— Avise-me, depois, Bailey. Gostaria de ver a fotografia.

— Perfeitamente. Bailey já estava à porta, quando Alleyn o chamou.

— Por pensar nisto, Bailey, creio que você sabe que nada conseguimos, a respeito das balas. Fox me disse que todas as casas de armas foram procuradas.

— É verdade. Muito pouco satisfatório, disse Bailey. E saiu. Nigel disse:

— Alleyn, você não pode forçar Props a dizer quem ele viu, se movendo, no escuro?

— Posso tentar, mas ele pode dizer que não sabe quem era. Suas palavras foram as seguintes: “Se pensei que vi um sujeito, ou podia ter sido uma mulher, se movendo, no escuro...” Não adianta muito.

— Mas agora que ele acha que você prendeu um inocente, há de dizer quem é, para salvar Santo.

— Ele está ansioso... Para salvar o assassino.

— Que, provavelmente, é Santo, disse Nigel. — Compreendo. Mas, e Stephanie? Alleyn, se você a tivesse ouvido, como eu... Oh, Meu Deus, acho que foi ela, acho que foi ela.

— Escute aqui, Bathgate, pode tirar folga, amanhã para fazer um serviço para mim, fora da cidade?

— Impossível, disse Nigel, admirado. — Que espécie de serviço? Tenho o meu emprego, você sabe.

— Quero que vá a Hig Wycombe, e procure descobrir um homem chamado Septimus Carewe.

— Você quer se livrar de mim, disse Nigel, indignado. — Septimus Carewe, uma ova!

Acrescentou com convicção.

— É verdade.

— Para quê?

— Estou preocupado com você.

— Balela.

— Como quisier.

— Que você vai fazer amanhã, se me permite perguntar?

— Vou promover uma representação, no Unicorn.

— Que diabo quer dizer com isto?

— A companhia foi notificada que deve comparecer no Unicorn, amanhã, às onze horas.

Quero uma reconstituição do crime.

— Como fez no caso Frantock?

— As circunstâncias são muito diferentes. No caso atual, estou apenas me servindo das personagens, para provar a minha teoria. No caso Arthur Wilde, forcei uma confissão. Agora será menos teatral, a não ser que os mascarados insistam em dramatizar a situação.

— Estarei lá, em todo o caso.

— Não quero que você vá.

— Por que não?

— É um negócio muito desagradável. Abomino casos de assassinato e o resultado desta investigação será detestável.

— Se aguentei o caso Frantock, onde meu próprio primo foi assassinado, posso aguentar este aqui.

— É melhor ficar afastado.

— Acho você muito cruel. Fox entrou.

— Olá, tudo em ordem? Perguntou Alleyn.

— Tudo. Santo está deitado na cama e o especialista foi chamado.

— Acabo de dizer a Mr. Bathgate que não o quero no teatro, amanhã, e ele ficou todo encrespado.

— O Inspetor Alleyn tem toda a razão, disse Fox. — É melhor o senhor ficar fora deste

negócio. Ainda mais depois do que o senhor ouviu, hoje de manhã.

— Acha que Miss Vaughan vai me impingir pela garganta um chocolate envenenado? Os dois detetives se entreolharam. — Oh, vou embora, declarou Nigel, zangado.

— Boa-noite, disse Alleyn, alegremente.

Nigel se permitiu o duvidoso luxo de bater a porta. Na rua, se sentiu tolo; mais zangado ficou com Alleyn, por fazê-lo se sentir assim. Eram sete horas e Nigel estava com fome. Caminhou rapidamente por Regent Street e foi para o restaurante térreo do Hungaria, onde se deu ao luxo de um jantar demorado e extravagante. Encomendou conhaque, e um charuto que ele não desejava realmente, não o apreciando. Depois, pediu a conta, pagou-a e saiu.

— Com os diabos, vou lá amanhã, quer ele queira ou não. Tomou um táxi, para o seu apartamento em Chester Terrace.

\* \* \*

O Inspetor-Chefe Alleyn também jantou só, num restaurante perto da Yard. Foi para casa pouco antes das oito, abriu o dossiê do Unicorn e estudou-o com Fox. Levaram duas horas. Naseby apareceu, para fazer seu relatório. Encontrara Props e dera conta do recado. Props ficara impressionado e, quando se despediram, Naseby vira-o se dirigir para King's Road. Naseby vira-o entrar numa cabine de telefone público e deixara-o sob as vistas do Detetive Thompson. Alleyn e Fox voltaram ao dossiê. Pouco a pouco, foram ligando os acontecimentos dos três últimos dias. Alleyn falava e Fox ouvia. E dado momento, se reclinou na cadeira e encarou seu superior durante dez segundos.

— Concorda? Perguntou Alleyn.

— Oh, sim, concordo. Pensou por um momento, depois disse: — Tenho pensado que, num difícil caso de morte, a gente encontra ou não móvel do crime, ou encontra demais. Neste caso, há demais. Santo estava sendo explorado pela vítima; Miss Vaughan era importunada e ameaçada. Trixie Beadle fora provavelmente desonrada por ele; Props estava se sentindo “profundamente lesado”, como dizem os advogados. O mesmo, quanto ao pai da moça. A tal Emerald vai herdar o dinheiro de Santo. Confesso que pensei em cada um deles, por sua vez.

— Compreendo, disse Alleyn. — O mesmo se deu comigo. Escute aqui, Fox. Parece-me que há uma ou duas peças principais, neste quebra-cabeça. Uma é o fato, para mim inexplicável, de Surbonadier guardar o pedaço de papel, com a falsificação da assinatura de Wakeford. Digo inexplicável, à luz das teorias que ventilamos. Outra é a impressão digital na máquina de escrever. Outra, o comportamento de Miss Vaughan ontem, no apartamento de Surbonadier. Por que fingiu que faltava uma carta e me fez procurá-la? Você não sabe que deixei um pedaço de papel em branco, dobrado, no cofrezinho. Quando saí do quarto, ela apanhou este papel. Por quê? Porque achou que era o documento que procurava.

— A carta de Morlake, ou a falsificação da assinatura?

— A carta de Morlake, não. Por que se arriscaria tanto, por causa de Santo?

— Então, a falsificação da assinatura de Wakeford?

— Creio que sim. Junte isto aos fragmentos da conversa que Nigel ouviu no apartamento de Gardener e, que temos nós?

— O fragmento da conversa, disse Fox, lentamente.

— Exato.

— Creio que tem razão. Mas é bastante, para apresentar ao júri?

— Temos um homem, agora, em Cambridge, remexendo no passado. A reconstituição, amanhã, nos ajudará.

— Mas Santo não estará lá.

— Você vai subir amanhã a escada de Jacob, para mim, meu Foxzinho. O telefone tocou. Alleyn atendeu. — Sim? Onde? Mas, e os nossos homens, à porta? No beco Simon? Sei. Volte para lá e, se ele sair, prenda-o. Irei logo. Não, não vá sozinho. Há quanto tempo você saiu de lá? Sei. Volte depressa. Alleyn largou o fone. — Fox, vamos para o Unicorn, disse.

— Agora?

— Agora, e depressa. Conto-lhe o que houve, no caminho.

\* \* \*

## Vinte

*SAI PROPS*

— Depois que Naseby saiu de King's Road, Thompson ficou vigiando Props, que telefonava, contou Alleyn, no carro. — Props fez duas ligações. Assim que ele saiu, Thompson entrou e pediu os números à telefonista. Ela não soube informar. Thompson saiu e conseguiu ver de novo Props. Ele vagueou pelas ruas, mas sempre vindo para este lado. Pouco antes de Thompson me telefonar, Props levava-o para um rendilhado de ruas, atrás do Unicorn. Nosso homem manteve Props sob suas vistas, até ele entrar no beco Simon. Thompson seguiu-o e chegou a um portão, que dava para uma área. Olhou à volta e achou que devia estar nalgum ponto, atrás do teatro. Galgou o portão e viu uma janela aberta, a qual, em sua opinião, devia ser do Unicorn. Dentro, estava escuro como breu. Thompson ficou num dilema. Resolveu me telefonar. Primeiro, procurou um de nossos homens e contou o que houvera. Isto levou tempo. O homem chamou um guarda e deixou-o no seu lugar, enquanto ele ia até o portão. Isto levou ainda mais tempo. Thompson, que Alá o proteja, pois eu não!..., fez uma “excursão”, à procura de um telefone, e, finalmente, me chamou. Deus sabe quanto tempo o portão ficou sem ser vigiado. No mínimo cinco minutos, se não mais.

— Pois bem, fosse o que fosse que Props ia fazer, levaria mais tempo do que isto.

— De fato. Claro que era difícil para Thompson. Ele não queria tocar o apito. É aqui que descemos, para procurar o beco Simon. Vou falar com os outros.

Desceram e se aproximaram do ponto onde estava um carro de polícia. Alleyn deu instruções aos seis guardas que se achavam lá. Deviam se separar, ir para cada uma das portas do teatro e entrar, deixando os homens que já estavam de guarda nos seus lugares.

— Não sei o que vamos encontrar, disse Alleyn. — Mas acho que será na parte do teatro onde se acha o palco. Vocês quatro venham silenciosamente pela plateia, entrando por portas diferentes, e esperem no lugar da orquestra. Não usem as lanternas, a não ser que seja necessário. Vocês, aí, venham pela entrada dos fundos e pela porta do palco. Não se movam, antes de receber ordem minha, ou do Inspetor Fox. Se encontrarem alguém, agarrem-no. Compreendem?

— Sim, senhor.

— Então, sigam. Venha, Fox.

Tinham parado num ponto atrás do Unicorn. Alleyn conduziu Fox por uma confusão de ruazinhas, até a rua escura e feia atrás do teatro. Finalmente chegaram a uma rua estreita, sem saída. Alleyn apontou para a casa da esquina e Fox leu: “Beco Simon”. Caminharam silenciosamente. O telhado do Unicorn, gigantesco, se desenhava no céu azul escuro. Não havia ninguém no beco e o trânsito em Piccadilly e Trafalgar Square parecia remoto. Ouviram o Big Ben dar onze horas. Dali a pouco, notaram um vulto de homem, imóvel, nas sombras.

— É você, Thompson? Perguntou Alleyn, baixinho.

— Sim, senhor. Sinto muito, se agi erradamente.

— Não foi de todo sua culpa, mas teria sido melhor se tivesse conservado com você o homem que veio para substituí-lo. Tem certeza de que Hickson entrou aí?

— Tenho, sim, senhor. Tive que deixar o portão sem vigia, até encontrar um guarda. O caminho é longo, mas não levei mais do que oito minutos. Espero que Hickson ainda esteja lá dentro.

— Fique aqui. Não saia, a não ser que ouça meu apito. Venha, Fox.

Alleyn pôs o pé no trinco do portão e subiu. Por um momento, sua silhueta se delineou contra o céu. Fox seguiu-o. A área estava cheia de entulho. Caminharam cuidadosamente, em direção à parede à frente deles. Deram a volta e encontraram uma janela aberta. Alleyn notou a veneziana quebrada e o buraco que permitia que se alcançasse o trinco. Pôs as mãos no peitoril e entrou. Fox seguiu-o. Os dois tiraram os sapatos e ficaram à escuta. Os olhos de Alleyn se habituaram à escuridão. Ele viu que estava num quarto de despejo, que a única porta estava aberta e que havia uma parede, além. O quarto cheirava a umidade e a mofo. O Inspetor acendeu a lanterna, por um momento. Caminharam por um corredor de pedra, subiram seis degraus e atravessaram outra porta. Dobraram à direita e passaram por uma fileira de portas, todas fechadas. O corredor fez outra curva. Alleyn bateu no ombro de Fox, e este inclinou a cabeça. Estavam em terreno conhecido. Ali ficavam os camarins. Moviam-se agora com a maior cautela e chegaram ao cotovelo do corredor, onde Alleyn e Nigel tinham encontrado Simpson, na noite do crime. Ali estava o camarim de Gardener; ao lado, a porta com a estrela apagada. Um tênue fio de luz veio ao encontro deles. Props deixara uma luz acesa, nos lados do palco. Alleyn foi adiante, se agarrando à parede. Ergueu a mão. De algum ponto do palco, veio estranho som. Era uma espécie de assobio, como se duas superfícies encostassem uma no outra, se separando e se encontrando de novo. Os dois homens ficaram imóveis, à escuta, e dali a pouco acharam que o ruído era acompanhado por um ranger.

— Cenário, disse Fox. — Dependurado.

— Talvez.

Alleyn se adiantou pelo corredor, até poder ver parte do palco. Estava muito mal iluminado. Ele achou que a luz devia vir da lâmpada sobre o livro, na caixa do ponto. Esperaram durante alguns minutos. Alleyn podia ver que o pano estava levantado. Além, na escuridão, dois de seus homens deviam estar esperando. À esquerda, no corredor da entrada dos artistas, outro homem aguardava, à escuta, e um quarto entrara pela porta dos fundos. Alleyn sabia que todos ali estavam silenciosos como ele e como Props. Finalmente o inspetor foi para o palco. Ficou à porta, sabendo que o seu auxiliar podia vê-lo. Dali a pouco, uma mão lhe tocou o braço.

— Não há ninguém aqui, disse o homem.

Fox fora para os bastidores. Alleyn lhe deu alguns minutos, se dirigindo em seguida para a caixa do ponto. Continuou, sabendo que seus homens, na plateia, poderiam vê-lo. Acendeu a lanterna, dirigindo-a para a sala, e um rosto surgiu no facho iluminado. Era um dos investigadores. Alleyn deu busca, no palco. Seu pé, só de meia, pisou num pedaço de vidro, que devia ter ficado esquecido,

quando o candelabro se partira. Durante todo este tempo, o barulho sibilante e o ranger intermitente persistiam. Ele agora percebeu que vinham de cima. Talvez Props estivesse na plataforma. Talvez esperasse, com uma corda nas mãos, pronto a deixar cair outro peso. Mas, por que Props permitiria aquele barulho, lá em cima? Não havia corrente de ar.

Do centro do palco, Alleyn falou em voz alta.

— Fox, onde está você?

— Aqui, respondeu Fox, perto da caixa do ponto. — Pegue aquela escada de ferro e suba à plataforma. Acenda todas as luzes. Não quero saber de brincadeira com Mr. Hickson. Fox subiu a escada, lentamente.

Clique. Clique. Clique. A casa se iluminou. Luzes, aqui, acolá. O teatro criara vida. No centro do palco, Alleyn ficou momentaneamente cego, por tanta luz. Dois guardas vieram dos bastidores. Lá em cima, Fox disse:

— Esta luz basta, para se ver um homem invisível. Alleyn se dirigiu aos seus homens, na plateia.

— Vocês dois, aí, deem uma busca completa, nos escritórios, lá em cima, nos vestiários, em tudo. Nós tomaremos conta daqui. Virou-se para os homens, no palco: — Vamos fazer isto, aos pares. Ele sofre de choque de guerra e está desesperado. Acha-se escondido nalgum lugar. Creio que deve estar no seu departamento, atrás dos bastidores. Vamos esperar até esses dois voltarem.

Acenderam cigarros e ficaram no palco, mal à vontade. O som de portas que se fechavam anunciou a atividade dos dois investigadores.

— Lugar esquisito, quando vazio, observou Fox.

— Sim, tem um ar expectante, disse Alleyn.

— Tem alguma ideia, sobre o motivo que o trouxe aqui? Perguntou Fox.

— Infelizmente tenho. Uma ideia muito sórdida. Os outros ficaram atentos, em expectativa. Alleyn esmagou o cigarro no chão. — Creio que ele tinha um encontro marcado, disse. — Um encontro com o assassino. Fox pareceu escandalizado e perturbado. — Ou assassina, disse Alleyn.

— Mas todos estão vigiados, observou Fox.

— Sei disto. O homem vigiado por Thompson conseguiu fugir. É possível que outro de nossos maravilhosos polícias tenha perdido sua ovelha. Que horas são?

— Onze e vinte.

— Que diabo de barulho sibilante é este? Perguntou Alleyn.

Olhou para a plataforma. Um pano imitando céu estava estendido abaixo da galeria inferior e as grades estavam escondidas.

— Notei qualquer coisa, na noite do crime, disse Fox. — Deve haver uma corrente de ar, fazendo a lona balançar. Alleyn não pareceu ouvi-lo. Dirigiu-se para a escada que levava à plataforma. Ali ficou, imóvel, por um momento. Quando falou, sua voz teve um som esquisito.

— Creio que começaremos pela grade, disse ele. Os dois homens voltaram da frente da casa. Alleyn se dirigiu para a porta do proscênio, que estava fechada. A chave se achava num prego, ao

lado. Abriu a porta, que rangeu.

— Lá se vai a teoria de Bathgate, disse o inspetor. Os dois investigadores chegaram.

— Esperem aqui, disse Alleyn. — Vou subir.

— Não sozinho, interveio Fox. — Aquele homem talvez esteja lá em cima, pronto para atacá-lo.

— Não creio. Siga-me, se quiser.

Alleyn subiu pela escada contra a parede. Lentamente, a sombra do pano imitando céu envolveu-o. Fox seguiu-o. Os outros quatro homens estavam de rosto virado para cima, olhando. Os pés de Alleyn desapareceram acima do pano-céu. A escada vibrava levemente.

— Espere um momento, Fox.

A voz de Alleyn soou estranha, acima deles. Fox parou. Os passos abafados de Alleyn ecoaram na galeria. O pano estremeceu e caiu. Alleyn soltara as cordas que o prendiam. Com um suspiro, a borda tombou e o pano veio parar em baixo, no meio de uma nuvem de pó. Quando o pó assentou, os homens viram, no alto, as solas de um par de sapatos de borracha. Os sapatos foram lentamente para a direita e, depois, lentamente, para a esquerda. Tendo a lona sido retirada, os sapatos não mais a tocavam com um ruído sibilante, mas, todas as vezes que se moviam, a corda à volta do pescoço de Props rangia, no suporte de madeira, em cima.

\* \* \*



## Vinte e Um

*A INEFÁVEL DESFAÇATEZ*

**O** INSPECTOR FOX estava habituado com coisas desagradáveis, mas, por um momento, quase perdeu o equilíbrio, na escada de ferro.

— Props, disse ele. — Então, era Props, afinal de contas.

— Venha cá, disse Alleyn.

Estavam agora juntos, na primeira galeria, com o rosto à altura dos ombros do morto. A corda que o enforcara era a ponta solta da roldana que sustentara o candelabro. Estava presa num suporte, na galeria de cima. Fox se inclinou e segurou a mão do morto.

— Ainda está quente, observou.

— Aconteceu pouco antes de Thompson telefonar para a Yard, disse Alleyn, agarrado à balaustrada, olhando o corpo, como que contra a vontade. — Eu devia ter previsto isto, continuou. — Devia ter efetuado a prisão hoje à tarde.

— Não acho, disse Fox. — Não sei como poderia ter previsto...

— A inefável ousadia, disse Alleyn. — Pobre Props.

— Esse tipo de pessoa se inclina ao suicídio.

— Suicídio? Isto não é suicídio.

— Não?...

— É assassinato. Venha aqui na galeria. Subiram pela escada. Alleyn parou, com a cabeça e os ombros acima da galeria superior, e acendeu a lanterna.

— Varrido! Exclamou. — Agora, beleza... Agarrei-o!

— Que houve? Perguntou Fox, em baixo.

— A galeria foi varrida. Será que os suicidas se preocupam com isso, antes de morrer? Há uma camada grossa de pó, mais adiante. A máquina de escrever estava demasiadamente em ordem e assim também isto aqui. Não haverá impressões, mas a marca do criminoso está em toda a parte. Podemos agora retirar o corpo. Fico aqui mais alguns minutos, Fox. Vocês podem ir.

Não foi fácil trazer o corpo para baixo. Finalmente, Props foi posto no chão do palco, no seu costumeiro ambiente. Ao apito de Fox, os outros homens tinham chegado. Thompson estava lívido e nada dizia. Alleyn se virou para ele.

— Tivemos azar, Thompson. Eu devia ter tido mais cuidado.

— A culpa foi minha, senhor Inspetor.

— Não. O coitado foi mais rápido do que você.

— Ainda não sei como aconteceu.

— Suponhamos que eu dissesse que viria encontrar você aqui. Suponhamos que você soubesse que eu matara um homem. Chego primeiro. Vou para a plataforma, faço um laço na corda, prendendo a outra ponta. Depois, deço. Você chega, muito nervoso. Diz que estava sendo seguido, mas que conseguiu despistar os seguidores. Começamos a conversar. Depois, digo que estou ouvindo alguém, no corredor. “Meu Deus, estão atrás de nós!” digo eu. “Suba depressa a escada”. Subo na frente, vou além da primeira galeria. Espero em cima, com o laço nas mãos. Quando a sua cabeça aparece, atiro o laço. Uma puxada forte. Você larga a escada, para levar as mãos ao pescoço. Depois, um empurrão... Foi o que aconteceu.

— Deus do céu! Exclamou Fox.

— Sim... Mas tenho ali uma vassoura, pois sei que meus pés deixarão marcas, no pó. Assim sendo, enquanto Props se contorce no ar, varro o chão. Props está oculto pelo pano-céu. Sua ausência só será notada no dia seguinte. O prédio é velho, amanhã haverá mais pó, aqui. Não encontrarão Props imediatamente e, se o encontrarem, pensarão em suicídio. Assim sendo, apanho a vassoura e deixo-a no palco, no lugar habitual. Depois, corro pelos corredores, em direção ao quarto de despejo. Thompson está lá fora, na área. Espero. Minutos depois, ouço-o sair, à procura do guarda que está na frente do teatro. É a minha oportunidade. Quando ele volta, não estou mais aqui.

— Compreendo, disse Fox. — Compreendo. Alleyn se inclinou sobre o corpo.

— Agora, veja isto. O corpo e os ombros estão cobertos de pó, que veio da galeria, quando foi varrida. A análise provará isto. Temos que nos tornar científicos, Fox.

— Não pode ser Santo e não foi Props. Duas pessoas afastadas, em favor de sua teoria, Inspetor Alleyn.

— Verdade.

— Que fazemos, agora?

— Chame os homens que estão vigiando o resto do bando.

— Vou telefonar para a Yard. Lá, já devem ter recebido notícias.

— Sim, faça isto, Fox. Estou ansioso pelo relatório de Cambridge.

— Muito bem.

— E chame... Como é mesmo o nome?... Oh, Detetive-Sargento Watkins. Veja se ele foi substituído e, se foi, que venha para cá.

— Muito bem.

— Telefone a Bailey. Ele deve estar na cama, coitado, mas temos que acordá-lo. E o médico legista. Oh, céus... Começamos tudo de novo.

Fox desapareceu pela porta do proscênio. Alleyn voltou pelo corredor de pedra. Acendeu as luzes e examinou cuidadosamente o chão e as paredes. Foi até o quarto da janela quebrada. Ali, examinou o chão, as paredes, o peitoril da janela. Foi para a área. Dirigiu a lanterna para o portão, examinando-o, em cima. Ali encontrou um pedacinho de fazenda preta. Guardou-o. Voltou para o palco. Sacudiu um pouco de pó, dos cabelos de Props, dentro de um envelope e fechou-o. Apanhou outro envelope, dando sua atenção aos ombros e ao paletó. Subiu a escada, para a galeria superior, onde apanhou amostras de pó. Servindo-se da lente de bolso e da lanterna, examinou a corda e, principalmente, o laço. Examinou também o gradil e o chão da galeria, além do ponto onde chegava a escada. Mediu a extensão da queda. Voltando ao palco, encontrou uma vassoura, sob a galeria do electricista, e dela também tirou amostra de pó. Examinou o corpo, as mãos. Bailey e o médico chegaram, enquanto ele ainda investigava.

— Não encontrará impressões, a não ser as do morto, disse Alleyn. O medico fez o exame.

— Ouvi dizer que o veredicto foi assassinato, disse ele. — Não sei qual o seu diagnóstico, Inspetor, mas ele morreu por estrangulamento. Não vejo outros sinais, a não ser um machucado na nuca.

— Poderia ter sido causada por um pontapé, com um pé só de meia? Perguntou Alleyn.

— Poderia, respondeu o médico. Olhou para cima, onde a escada chegava às galerias. —  
Compreendo.

— Onde está Watkins? Fox, que voltara ao palco, respondeu:

— Ele já fora para casa, mas mandaram chamá-lo.

— Há notícias de Cambridge?

— Uma longa declaração de um criado, em Peterhouse. Vão mandá-la, com o investigador que foi lá. O rabeção chegou. Fox saiu e voltou com dois homens carregando a maca. Props foi levado do Unicorn, exatamente à meia-noite.

— Sinto-me como Hamlet, quando matou Polônio. Disse Alleyn.

— Shakespeare. Não leio essas coisas, declarou Fox. Mas o médico, de pé, no palco, disse serenamente:

— “Oh, tolo, infeliz, temerário e intrometido, adeus!” Com certeza essas palavras já foram pronunciadas aqui.

— Em outras circunstâncias, observou Alleyn, roucamente.

— Aqui está Watkins, disse Fox. O Detetive-Sargento Watkins era um homem atarracado, de cabelos louros. Parecia preocupado.

— Mandou me chamar, Sr. Inspetor?

— Quero um relatório de seu dia, hoje, disse Alleyn.

— Foi muito monótono. A pessoa que eu vigiava ficou em casa, desde o momento em que entrei de serviço, até eu ser substituído.

— Tem certeza? Watkins corou.

— Fiquei sentado num banco, no jardim fronteiro, perto do lampião. Não tirei os olhos daquela porta, senhor.

— Quem passou por lá?

— Alguns moradores do prédio. Vi a pessoa que eu vigiava, várias vezes, à janela.

— Qual foi a última vez que você a notou?

— Às quinze para as dez, disse Watkins, triunfante.

— Quem saiu do prédio, depois disto?

— Muitas pessoas, indo a jantares e essas coisas. Reconheci quase todos, como moradores.

— Alguém que não tenha reconhecido?

— Uma mulher. Parecia uma operária. Vi também duas criadas e, antes, um cavalheiro de chapéu, mole e traje de rigor, de capa negra. Era um pouco manco. O zelador chamou um táxi, para ele. Ouvi-o dizer: “Teatro Plaza”, ao chofer. Perguntei ao zelador quem eram aquelas pessoas, só para ficar tranquilo. Ele é um sujeito tapado. Disse que achava que a mulher estivera fazendo limpeza, num dos apartamentos. O cavalheiro ele não conhecia, mas disse que vinha do andar superior e que provavelmente jantara lá. As criadas vinham do andar térreo.

— É só?

— Não, senhor. Chegou um rapaz de terno xadrez, chapéu de feltro e gravata azul-marinho com listras em azul-claro. Atravessei a rua e ouvi-o dar ao ascensorista o nome da pessoa que eu

vigiava.

— Tinha bigode louro e cravo vermelho na lapela?

— Sim, senhor.

— Ele voltou? Perguntou Alleyn, bruscamente.

— Saiu dali a cinco minutos e se dirigiu para o largo. Só esses. Fui substituído às dez e quinze, pelo Detetive-Sargento Allison. Ele ainda está de serviço.

— Obrigado, Watkins. É só.

— Cometi algum erro, Sr. Inspetor?

— Cometeu. Tomou um assassino por um inocente. Não o culpo. Mande um desses homens substituir Allison e que este venha aqui imediatamente.

Watkins nada disse, mas tinha um ar infeliz. Ele e Thompson conferenciaram amistosamente. Dali a momentos, Watkins disse a Alleyn:

— Se me permitir, gostaria de ir eu mesmo substituir Allison.

— Muito bem, Watkins. Se alguma pessoa, homem ou mulher, sair do prédio, faça-a parar, fale com ela, tome seu nome e endereço e verifique se é o que diz ser. Thompson, você pode ir também, se quiser. Não fiquem assim aborrecidos. Todos nós erramos, neste caso. Thompson disse, de cabeça baixa:

— Nós dois preferíamos voltar a ser guardas de ronda, a prejudicá-lo de qualquer forma, Sr. Inspetor.

— É a pura verdade, confirmou Watkins, com fervor.

— Vão andando, “seus” bobos, disse Alleyn. E, se voltando para Fox: — Vou telefonar. A declaração que vem de Peterhouse deve chegar daqui a momentos. Se Allison aparecer antes de eu voltar, veja o que ele tem a dizer.

— Vai providenciar o mandado de prisão para hoje? Perguntou Fox.

— Acho que não. Quero a minha cena representada aqui, amanhã cedo.

Alleyn foi ao escritório, telefonar. Nas paredes, fotografias ampliadas das atrizes, com dedicatórias, sorriam ou tinham um ar espiritual. No centro, uma bela fotografia de mulher, diante de uma janela aberta. Em letra firme, havia apenas duas palavras: “Stephanie Vaughan”. Depois de ter discado o número, Alleyn olhou demoradamente para a fotografia.

— Alô, disse uma voz sonolenta.

— Alô. Pensei que não ia haver mais visitinhas.

— Oh... É você.

— Sou eu, disse Alleyn, secamente.

— Tive uma ideia. Não precisa ficar encrespado, não falei com ninguém. Toquei a campainha durante cinco minutos, depois saí. Até o criado estava fora.

— Tocou durante cinco minutos, hein?

— Toquei. Escute, está tudo em ordem?

— Tudo ótimo. Houve outro assassinato, no Unicorn.

— Quê?

— Vá para a cama e fique quietinho, disse Alleyn, desligando. Atravessou a sala e olhou de perto a fotografia.

— Oh, diabo! Exclamou. Voltou para o palco.

\* \* \*

## Vinte e Dois

*DESCE O PANO*

**N**O DIA 7 de junho, as quinze para as onze, o velho Blair dependurou o surrado chapéu no cabide de seu cubículo, atrás da porta dos artistas. Olhou para o relógio sujo e sacudiu a cabeça, com ar desaprovador, quando notou que o tinham deixado parar. Olhou na prateleira das cartas e viu que havia um cartão para Miss Susan Max. Leu: “Susan querida, como é horrível para ti, meu coração está contigo, nesta terrível prova, deve ser horrível para ti, querida, nossa companhia está fazendo sucesso, aqui, querida, e estamos ganhando muito dinheiro. Toda tua, Daisy”. Blair fez um muxoxo, não se sabe se de aprovação ou censura. Soaram passos, no beco. O velho Blair gemeu e voltou para a porta. O Inspetor-Chefe Alleyn, o Inspetor-Sargento Bailey e três detetives à paisana se aproximaram da entrada.

— Bom-dia, Blair, disse Alleyn.

— Bom-dia, Sr. Inspetor. Entraram pela porta dos artistas e atravessaram o corredor. No palco, encontraram mais dois guardas, à paisana, Thompson e Watkins.

— Tudo pronto? Perguntou Alleyn.

— Sim, senhor. Alleyn olhou para a plataforma. O pano-céu fora de novo estendido e preso na grade das galerias.

— Ouça, Sr. Inspetor, disse Thompson.

Ficaram à escuta. Um suspiro sibilante vinha de cima, alternado com um ranger. Num ponto, perto da borda, a lona tinha uma saliência bojuda, como se um objeto pequeno lhe tocasse a superfície de cima. A impressão feita por este objeto aparecia e desaparecia regularmente, sincronizando com o murmúrio sibilante.

— Está muito bem, disse Alleyn. — Vocês abriram as portas dos camarins?

Responderam que sim. Alleyn foi examinar o palco. Estava preparado para a cena em que Surbonadier carregara o revólver. O pano estava erguido e as cadeiras amortalhadas se desenhavam vagamente, no escuro. Ouviram-se passos no corredor e George Simpson apareceu. Olhou nervosamente os bastidores, viu Alleyn e murmurou uma desculpa qualquer.

— Oh, Mr. Simpson, disse o inspetor. — Estou tentando fazer papel de diretor de cena. Tudo em ordem? Simpson examinou o palco, parecendo lhe voltar o ar profissional.

— Creio que sim.

— Talvez seja melhor esperarmos até que a companhia apareça, antes de eu explicar o motivo pelo qual os chamei aqui, hoje de manhã.

— Alguns estão lá fora.

— Muito bem. Quer se servir do Detetive-Sargento Wilkins, para seu mensageiro? Assim que chegarem todos, serão chamados ao palco e lhes direi o que desejo. Wilkins foi chamado. Ele e Simpson se entreolharam, com ar dúbio.

— Que você tem aí na mão, Wilkins? — Perguntou Alleyn, de repente.

— Um de seus cartões. O rapaz que veio ontem, se o senhor estiver lembrado, chegou há pouco. Queria sentar na plateia.

— Deixe-me ver.

Alleyn olhou, com ar taciturno, para o seu próprio cartão de visita, onde estava escrito, com sua letra: “Pode deixar entrar o portador. R. A.” Era o cartão que dera a Nigel, antes de prenderem Santo. Com admirável previsão, Mr. Bathgate se agarrara a ele, exibindo-o na ocasião propícia. De queixo saliente, Alleyn se adiantou no palco e olhou para a plateia escura.

— Mr. Bathgate, chamou ele. Silêncio. — Mr. Bathgate, estou vendo-o, mentiu Alleyn.

— Você não está olhando na minha direção, replicou uma voz indignada.

— Venha aqui, disse Alleyn.

— Não vou.

— Faça o favor. Houve um silêncio emburrado. Depois, o inspetor disse, em voz suave: — Luzes, Mr. Simpson, faça o favor.

Simpson subiu a escada de ferro e, dali a segundos, a sala se encheu de luz. No centro da fileira F, havia um vulto solitário. Era Nigel. Alleyn chamou-o. Nigel se ergueu, encabulado, e veio vindo. Quando ele chegou perto, Alleyn disse:

— Então, meu Empreendedor Jornalista! Nigel sorriu, mas nada disse. — Estou com vontade de pô-lo para fora, com um pontapé, continuou Alleyn. — Mas não farei isso. Vou apenas devolver o meu cartão, com uma palavra a mais. Pode ficar, se quiser.

Escreveu qualquer coisa no cartão e atirou-o para o lugar da orquestra. Nigel apanhou-o. A letra do inspetor era miúda, mas muito clara. Embora ali tivessem sido escritas apenas sete letras, Nigel pareceu levar tempo para decifrá-las. Finalmente, ergueu a cabeça e ele e Alleyn se entreolharam.

— É engano, disse Nigel.

— Não.

— Mas... Nigel umedeceu os lábios. — Não há motivo, disse, afinal.

— Há, de sobra.

— Vou ficar, disse Nigel.

— Muito bem. Luzes, Mr. Simpson, faça o favor. De novo a sala ficou mergulhada em escuridão.

— Creio que já chegaram todos, declarou Simpson, nervosamente.

— Peça que entrem, sim, Wilkins? Disse Alleyn.

O grupo de O Rato e o Castor se reuniu pela última vez no palco do Unicorn. Vieram em fila, pelo corredor, Susan Max e Stephanie em primeiro lugar. Depois Janet Emerald, caminhando com o

trejeito que usava no último ato de Madame X, em excursões pelo interior. Depois, Dulcie Deamer, exprimindo trágica perplexidade. Em seguida, Félix, pálido e só. Melville e Crammer, como aristocratas franceses, ao se aproximarem da carroça.

— Todos no palco, façam o favor, disse Simpson. Os atores entraram e ficaram em silêncio, num semicírculo. Estavam atentos e compenetrados. Era como se tivessem precisado do palco e das luzes, para se sentir firmes. Não mais pareciam absurdos ou artificiais. Estavam no seu verdadeiro ambiente e tinham se tornado reais.

Alleyn estava agora de frente para o palco. Para quem o visse da sala, com as luzes fortes atrás dele, Alleyn era quem parecia estranha sombra. Mas, para os atores, ele não dava essa impressão: estava no lugar habitual do produtor e eles o observavam atentamente.

— Senhoras e senhores, pedi que viessem aqui, para fazermos uma reconstituição da primeira cena do último ato de O Rato e o Castor. Nesta cena, como sabem, a vítima, Mr. Surbonadier, carregou o revólver, com o qual foi depois morto. Todos sabem que Mr. Jacob Santo está preso. Ele não comparecerá. Assim sendo, estão todos aqui, com exceção do morto, sendo que sua parte será lida por Mr. Simpson. Fez uma pausa. O diretor de cena pareceu querer dizer alguma coisa. — Sim, Mr. Simpson?

— Eu... Não sei se tem importância. O zelador não apareceu. Como foi ele quem me deu as balas falsas, achei que...

— Teremos que passar sem ele, disse Alleyn. — Os camareiros vieram? Beadle e Trixie surgiram, constrangidos, dos bastidores e foram se juntar aos outros, na extremidade do semicírculo. — Em primeiro lugar, quero dizer que a polícia tem uma teoria definida, a respeito do crime. Foi para provar essa teoria que a reconstituição se tornou necessária. Quero precisar que, a não ser pela desagradável associação, os senhores nada têm a temer. Quis apenas que os membros inocentes da companhia ensaiassem uma cena especial, para eu verificar a minha teoria, em relação aos movimentos da pessoa culpada. Peço encarecidamente que ajam exatamente, pelo que se lembram, como agiram na última representação. Dou-lhes esta oportunidade de provar a própria inocência e, ao mesmo tempo, firmaremos o caso que devemos apresentar ao tribunal. Apelo para a lealdade de todos os presentes. Os inocentes nada têm a temer. De acordo? Esperou um momento. Barclay Crammer limpou a garganta. Deu dois passos à frente e olhou para a plateia.

— Não sei se Miss Vaughan ou Mr. Gardener têm alguma coisa a dizer...

— Nada, declarou Stephanie, vivamente. — Estou pronta.

— Também eu, disse Gardener.

— Neste caso, declaro que estou pronto a representar meu papel, nesta horrível farsa... Até o fim, continuou Crammer, em tom profundo. Sua voz tremeu ligeiramente, ao acrescentar: — Deus permita que possamos ser os instrumentos de vingar o pobre Arthur.

Fez um gesto exprimindo nobre resignação e quase chegou a se inclinar para a sala vazia. Nigel, que estava oculto, teve que fazer um esforço para não bater palmas. O olhar de Alleyn encontrou o de Gardener e o inspetor teve impressão de que o ator queria piscar.

— Então, tudo em ordem, disse Alleyn. — Agora, a única diferença entre esta cena e a verdadeira, é que não vai ser representada no escuro. Peço àqueles que se achavam nos camarins, no



fim do intervalo, que se dirijam para lá. Façam o favor de repetir todos os movimentos que fizeram. Verão que coloquei guardas nos corredores. Procedam como se eles não estivessem presentes. A conversa no palco, entre Miss Max, Mr. Surbonadier, Miss Emerald e Mr. Simpson, antes que se erguesse o pano, será repetida o mais aproximadamente possível. Tocarei este apito, na hora em que deverão imaginar que se apagariam as luzes, e de novo quando elas deveriam ser acesas. Querem ir para os camarins?

Eles saíram silenciosamente. Simpson foi para a caixa do ponto e o Sargento Wilkins acompanhou-o. Alleyn falou com ambos. Fox e Bailey estavam fora do palco, na primeira e terceira entradas. Dois homens ficaram perto da cadeira de Miss Max. Thompson e um outro desapareceram no corredor dos camarins.

— Muito bem, disse Alleyn.

— Chamada para o último ato, faça o favor, disse Simpson a Wilkins. Wilkins foi para o corredor dos camarins. Sua voz monótona podia ser ouvida no palco:

— Último ato, faz favor, último ato, faz favor!... Miss Max, que se vestia num camarim no cotovelo do corredor, apareceu primeiro, foi para o palco, sentou na sua cadeira e começou a tricotar. Foi seguida por Janet Emerald, que se dirigiu diretamente para a janela do palco.

— Fique aí, como se estivesse falando com Surbonadier, disse Alleyn, serenamente. — Agora, Mr. Simpson. Simpson saiu da caixa do ponto e foi para a mesa. Fingiu que colocava qualquer coisa na gaveta de cima.

— Agora, Miss Emerald, disse Alleyn.

— Não me lembro... O que eu disse.

— Sobre as balas, querida, interveio Miss Max.

— Eu... Eu sempre tenho medo de que você se esqueça das balas, recitou Miss Emerald.

— Deixe por minha conta, disse Simpson.

— George, venha aqui, quero mostrar uma coisa. Este tapete está errado.

— Que há com o tapete, Susan?

— Prende a porta e vai estragar a minha saída.

— Está melhor assim?

— É aí que deve estar. Venha cá, para eu medir o cachecol em você.

— Foi aí, Miss Emerald, que a senhora falou com Surbonadier, disse Alleyn.

— Não posso... É horrível.

— Vá para a esquerda e diga a Mr. Simpson: “Arthur está bêbado, George, e tenho medo”.

— Arthur está bêbado, George, e tenho medo.

— Está representando admiravelmente, em todo o caso.

— Agora a senhora murmura: “Gostaria de matá-lo”, e fica com as mãos na mesa.

— Gostaria... De... Matá-lo...

— Todos a postos, façam o favor. Miss Emerald se empertigou e ficou de frente para o palco.

— Luzes, na sala. Todos a postos. Apagar as luzes. Alleyn tocou o apito.

Simpson foi para o palco, com o livro na mão. Alleyn ficou nos bastidores, de onde podia ver o palco e o corredor dos camarins. Melville, que ficara perto da caixa do ponto, desceu o corredor, nas pontas dos pés, virando a esquina. Miss Vaughan saiu de seu camarim, deixando a porta aberta, e bateu à porta de Gardener. Ele disse: “Entre” e ela entrou, fechando a porta. A porta foi reaberta,

para deixar sair o velho Beadle. Este ficou parado, tirou um cigarro do bolso e levou-o à boca, não o acendendo. Trixie Beadle saiu do camarim da estrela e ela e o pai dobraram o cotovelo do corredor. Félix saiu de seu camarim e se dirigiu mansamente para o palco. De repente, parou, teve um sobressalto, se inclinou, esfregou o pé e murmurou “Diabo!”, mancando durante alguns passos. Os Beadles se dirigiram para a sala do guarda-roupa. Tudo isto levou tempo. No palco, Simpson disse: “Subam o pano”. Os atores começaram o diálogo, erguendo a voz, no final de cada frase. Dali a meio minuto, o diretor de cena disse:

— Luzes. Alleyn tocou o apito.

— Todos no palco, façam o favor, disse ele. De novo a companhia se reuniu.

— Muito obrigado, disse o inspetor. — Os senhores me ajudaram. Tenho certeza de que foi difícil e desagradável para todos. Posso dar mais umas palavras de explicação. A reconstituição do crime provou que nenhuma das pessoas que estivessem além do cotovelo do corredor poderiam ter vindo ao palco, sem encontrar os camareiros, que só foram para a sala do guarda-roupa mais tarde, no período da cena no escuro. Mr. Gardener declarou que, quando se dirigia para o palco, alguém lhe pisou o pé. Há apenas três homens que poderiam estar fora do palco, na ocasião: Mr. Simpson, o zelador do guarda-roupa e Mr. Jacob Santo.

Janet Emerald ia dizer qualquer coisa, mas Alleyn olhou-a com frieza e ela se calou.

— Mr. Santo estava no seu camarote. Há uma teoria que ele poderia ter passado pela porta do proscênio, substituído as balas e voltado pelo mesmo caminho. Wilkins, quer ir até aquela porta, abri-la e chegar até a mesa?

O Sargento Wilkins se dirigiu para a porta e abriu-a. Ouviu-se um rangido.

— Isto está resolvido, disse Alleyn. — Restam Simpson e Props. A teoria a respeito de Props é a seguinte: Ele estava no palco, durante a cena no escuro. Substituiu as balas e sumiu. Ninguém se lembra de tê-lo visto, depois de se acenderem as luzes. Para onde foi ele? A teoria sugere que ele tenha subido a escada, para a plataforma. Se me ajudarem, poderei fazer a demonstração. Mr. Simpson está na caixa do ponto; Miss Max, Miss Emerald e o morto, no palco. Mr. Gardener vem pelo corredor, colide com Props, que acaba de trocar as balas. Props se desvia de Mr. Gardener e sobe a escada. Está de sapatos de borracha, de modo que não é ouvido. Usa as luvas que Mr. Santo deixou no palco. Agora, Mr. Simpson, quer fazer o favor de representar o papel de Props? Simpson umedeceu os lábios.

— Eu... Não posso subir a escada. Não suporto alturas. Eu ficaria... Não posso. Alleyn olhou com ar de dúvida para o volumoso Crammer e para o rosto esverdeado de Melville. Voltou-se, resignado, para Gardener.

— Seja camarada, disse.

— Pois não, respondeu Gardener.

— Se os seus nervos lhe permitirem, Mr. Simpson, talvez queira fazer o papel de Mr. Gardener. Simpson nada disse. — Certamente pode fazer isto?

— Eu faço, ofereceu Melville.

— Obrigado. Eu preferia que Mr. Simpson representasse a cenazinha. Vamos, Mr. Simpson.

Simpson se dirigiu para o camarim de Gardener.

— Então, suba, disse Alleyn a Gardener.

Gardener inclinou a cabeça e se dirigiu para a mesa. Abriu a gaveta de cima, fingiu que tirava dali alguma coisa, substituindo-a por outra. Abriu a gaveta de baixo e fechou-a de novo, hesitou, olhou para Alleyn e voltou para os bastidores.

— Vamos, Mr. Simpson, disse Alleyn. A porta do camarim se abriu e Simpson apareceu. Caminhou pelo corredor, se dirigindo para o palco. Gardener colidiu com ele, se afastou e começou a subir a escada.

— Até em cima? Perguntou.

— Faça o favor.

Gardener subiu. Os outros o observavam. De repente, perceberam um ruído sibilante e a saliência bojuda, no pano-céu. A cabeça de Gardener desapareceu. Nisto, ouviram um grito horrível.

— Meu Deus, que foi? Exclamou Simpson. O corpo de Gardener se afastou da escada. Parecia que ele ia cair. Os pés escorregaram e, por um momento, ele ficou agarrado à escada pelas mãos. Depois, se endireitou.

— Alleyn! Gritou, assustado. — Alleyn!

— Que houve? Perguntou, alto, o inspetor.

— Ele está aqui... Enforcou-se... Ele está aqui.

— Quem?

— Props... É Props. O rosto horrorizado olhou para baixo. — É Props! Repetiu Gardener. Fox, Bailey, Wilkins e Thompson se aproximaram, ficando ao pé da escada.

— Desça, disse Alleyn.

Gardener desceu. Quando faltavam seis degraus, viu os homens que o esperavam. Com um grito incoerente, estacou, de súbito. Seus lábios estavam abertos, mostrando as gengivas. Um fio de saliva escorria pelo queixo. Olhou vesgamente para baixo.

— E como você sabe que é Props? Perguntou Alleyn. Gardener tentou dar um pontapé no rosto do inspetor. — Não desta vez, disse Alleyn. — Uma já foi bastante.

Fox teve que puxar Gardener pelos tornozelos. Desta vez, Alleyn se lembrara de trazer algemas.

\* \* \*

## Vinte e Três

### EPÍLOGO DE UMA PEÇA

**S**FE O INSPETOR ALLEYN se interessasse por desfechos dramáticos, talvez ficasse satisfeito por notar que o epílogo do crime do Unicorn se dera no palco do teatro. Gardener fora levado. Miss Emerald tivera um ataque histérico, verdadeiro, e saíra. Crammer, Simpson, Melville e Dulcie Deamer pareciam irrealis, à luz áspera da atual tragédia. Passaram para o corredor e partiram. Os Beadles tinham ido para o velho Blair. Somente Alleyn, Miss Vaughan e Nigel, sendo que este último muito abalado, haviam ficado. O pano-céu fora retirado; o saco com o peso, que se dependurara do alto da galeria, estava caído, no chão. Alleyn apanhou-o, levou-o para o quarto de despejo e fechou as portas. Nigel estava no corredor. Alleyn chamou-o.

- Pois bem, Bathgate, nunca seja amigo de um policial.
- Não creio que seja esta a minha opinião, replicou Nigel, lentamente.
- Você é generoso.
- Por que não me contou?
- Se tivesse lhe contado, o que você teria feito? Nigel não soube responder.
- Não sei, disse, afinal.
- Nem eu sabia.
- Compreendo.
- Nunca lhe passou pela cabeça? Perguntou Alleyn, condoído.
- A princípio pensei que fosse Santo e depois... Nigel olhou pelos bastidores, para o palco.

Stephanie ali estava, sentada na poltrona que ocupara na noite do crime, quando Alleyn a interrogara. Parecia mergulhada em meditação.

- Espere por mim noutra lugar, disse Alleyn. Nigel saiu para a área. Alleyn foi para o palco e disse, mansamente, a Stephanie:
  - Volte, de onde estiver. Ela ergueu a cabeça e olhou-o.
  - Não consigo sentir coisa alguma, murmurou. Alleyn pôs a mão sobre a dela, por alguns minutos.
  - Está fria. É o choque. Sempre que toco suas mãos, estão frias. Não é de admirar. Quer que lhe chame um táxi?
  - Ainda não. Quero voltar a mim. Ela olhou, pensativa, para os dedos, como se quisesse se lembrar de alguma coisa. — Com certeza você sabia, o tempo todo, o que eu estava fazendo?
  - Não exatamente. Comecei a desconfiar, quando você me disse que o machucado de seu ombro fora feita por Surbonadier. Lembrei-me que Gardener estivera com a mão no seu ombro, quando Surbonadier a insultou. Notei como a agarrava. Ela estremeceu.

- Tive medo de que ele fizesse alguma coisa terrível.
- Se lhe serve de algum consolo, digo que ele teria feito exatamente a mesma coisa, se você não existisse..
- Sei disto. Eu fui apenas conivente, não é? De qualquer maneira, não o móvel do crime.
- No apartamento de Surbonadier, vi o quanto estava disposta a arriscar por ele. Deixei-a fazer o seu papel. Permiti que pensasse que fora bem sucedida.
- Por que insiste nisto?
- Pois bem, falando de maneira pomposa, porque achei que isto a ajudaria a me odiar e seria uma espécie de antídoto.
- Oh, não o odeio, disse ela, pensativa.
- É estranho.
- Você é inteligente demais para mim.
- Apesar disto, parte da vitória é sua. Do fundo do coração, sinto que tenha sido assim. Se eu achasse que faria diferença, lhe diria que me detestei, quando a tive em meus braços. Mas seria apenas metade da verdade. Meus pensamentos eram uma mistura de beleza e pó.
- Que vai acontecer a ele? Perguntou a moça, com olhos dilatados.
- Não sei. Será julgado. Ele é culpado e é mau. Você não gosta dele. Não represente. Não finja. Vai ser horrível para você, mas deixou de amá-lo, no momento em que soube que fora ele.
- Sim, é verdade.

Ela começou a chorar, sem beleza, com o rosto contorcido e com pequenos soluços. Alleyn olhou-a gravemente. Quando Stephanie estendeu a mão, ele lhe deu um lenço. Foi depois ao camarim de Surbonadier e ali encontrou um frasco com uísque. Lavou um copo, com uma careta, e nele colocou um pouco de líquido. Voltou ao palco.

- Beba. Vai lhe fazer bem. Ela bebeu, engasgou e estremeceu. — Agora, vou lhe chamar um táxi. Quando os viu chegar, Nigel entrou no quarto de despejo. Stephanie tomou o táxi.
- Adeus, disse ela. — Sabe onde me encontrar, se precisar de mim.
- Sim, sei. A moça estendeu a mão, que Alleyn beijou, após um segundo de hesitação. — Você esquecerá, disse ele. — Adeus. Deu o endereço ao chofer e ficou ali parado por alguns instantes. Depois, foi ao encontro de Nigel. — Muito bem, que deseja saber?
- Tudo, disse Nigel.
- Está certo. Abra os ouvidos. Foi isto...

Alleyn puxou duas velhas poltronas e abriu as portas do quarto de despejo, deixando ali entrar um pouco de sol.

— Foi isto, repetiu. Acendendo um cigarro, começou a história. — Em casos de homicídio, em geral a polícia procura a pessoa óbvia. Apesar de tudo o que dizem os psicólogos, e eles sabem o que dizem, o homem óbvio é, em geral, o “ele” do caso. Aqui, o homem óbvio era aquele que puxara o gatilho: Gardener. Assim sendo, examinei-o cuidadosamente, desde o princípio. Teria alguém se arriscado a substituir as balas? Suponhamos que Gardener não tivesse puxado o gatilho, ou o tivesse puxado cedo demais? Iria alguém correr este risco? Bom, era possível. Mas, se o assassino fosse Gardener, não havia risco. A segunda coisa que me ocorreu, foi que estava diante de boa representação. Gardener era um ator consumado. Assim sendo, não dei valor ao seu remorso e

perplexidade. Com que inteligência ele falou da falta de sinceridade dos atores, dando a impressão de que somente ele era sincero! Recusei-me, deliberadamente, a aceitar tudo isso. Quando tomamos as declarações dos outros, notei imediatamente que ele e Stephanie eram os que mais próximos tinham estado do palco.

Alleyn fez uma pausa.

— Naquela ocasião, naturalmente, eu estava observando todos. Mas Gardener estava no camarim com ela e o camarim de Miss Vaughan era pegado ao dele, estava desocupado, e fica perto do palco. Seria fácil ele entrar ali, calçar as luvas que Santo deixara no palco, isto foi sorte, pois ele pretendia usar as suas, se certificar de que não havia ninguém no corredor, sair sorratamente, ir ao palco e fazer, no escuro, a troca de balas. Fiquei imaginando se a história do pé machucado não seria invenção e, deliberadamente, sugeri o cheiro e ele caiu na armadilha. Isto fez com que o considerasse seriamente. Depois, Gardener contou a você aquele negócio do processo movido por Santo, mas somente quando teve certeza de que íamos descobrir tudo, por nosso lado. Ele disse que fora Surbonadier quem escrevera o artigo. Fiquei imaginando se não teria sido ele, Gardener. Quando encontrei as assinaturas falsificadas, no apartamento de Surbonadier, tive certeza de que o autor do artigo era Gardener. Suponhamos que Surbonadier tivesse feito chantagem contra ele, ameaçando denunciá-lo a Santo? Santo lhe arruinaria a carreira. Suponhamos que Surbonadier ameaçasse contar a Miss Vaughan o que eu suspeitava ser verdade, a respeito dos tempos de Cambridge? Suposições, mas sugestivas. Mandeí um homem a Cambridge. Ele descobriu um velho criado que servira Gardener e que ouvira uma conversa entre ele e Surbonadier, na qual este último acusava Gardener de ter escrito o artigo. Gardener estava muito mais envolvido naquelas festas de viciados em drogas, do que quis dar a entender a você. Sem dúvida o que ele lhe disse sobre sua paixão por Stephanie e seu ódio a Santo era verdade. Esta paixão era alimentada por drogas e inspirou o artigo. Somente ontem recebi o relatório de Cambridge. Ficou tudo esclarecido.

Nigel nada disse. Alleyn continuou:

— Depois, o cosmético. Foi derramado depois que ele saiu do camarim. Miss Vaughan disse que ninguém, a não ser ela e Trixie, tinha estado no camarim, depois que Arthur saiu. Gardener era a única pessoa que poderia ter voltado lá. Qualquer outra pessoa teria colidido com os Beadles, que estavam no cotovelo do corredor, antes de se dirigir para a sala do guarda-roupa. Gardener deixou Stephanie em seu camarim, quando foi para o palco. Se o culpado fosse Props, não teria líquido nas luvas, pois ele não se aproximara do camarim da estrela. O mesmo, quanto a Simpson. E nem poderia ter sido Santo, pois a porta do proscênio faz barulho. Mas Gardener poderia ter ido ao camarim de Miss Vaughan.

— Quer dizer que Félix a deixou no seu camarim, foi ao dela e calçou as luvas, se certificando de que não havia ninguém no corredor, e correu para o palco. Foi nessa ocasião que manchou as luvas de cosmético?

— Foi.

— E a carta ameaçadora?

— Ah, foi o seu primeiro azar. Ele bateu a carta à máquina, no palco, durante o último ato, para uso futuro, caso desejasse reforçar aquele romance sobre o pé machucado. Depois, deve ter se lembrado que seria revistado, após o crime. Não preparara um plano, para contornar essa dificuldade.

O negócio da carta anônima fora espontâneo, sugerido pelo encontro no escuro. Com certeza, se arrependeu de sua esperteza, pois não poderia destruir a carta, enquanto estivesse no palco. Deve tê-la enfiado nalgum lugar da mesa, provavelmente no meio de papéis em branco. Depois de ter sido revistado, pôde recuperá-la, quando foi ao encontro de Miss Vaughan, no palco. Você me disse que ele sempre batia a letra Q, naquela cena. Ele deve ter se lembrado de ter lhe dito isto e, quando recuperou o papel, deve ter apagado as impressões, exceto na letra Q. Muito artístico, mas felizmente Bailey já examinara a máquina, cuidadoso como é, e encontrara nela as impressões de Gardener. Quando de novo a examinamos, só havia impressões na letra Q. Tudo iria bem, se Bailey tivesse sido menos diligente.

— Mas a confissão de Stephanie... Começou Nigel.

— Confissão! A confissão de que fora ao apartamento de Surbonadier e tentara recuperar a falsificação da assinatura de Wakeford, que ela sabia estar guardada num cofre. A confissão de que eu a encontrara lá e ela esperava ter me feito acreditar que estava à procura das cartas. A confissão de que eu a tivera nos braços e era o pior inimigo de Gardener. Houve uma longa pausa. Nigel olhou, curioso, para o amigo.

— E Props?

— De Props nunca suspeitei. Um culpado jamais teria falado de Surbonadier como ele falou; era tolo demais, coitado, para cometer o crime. Por um motivo qualquer, reconheceu Gardener, no escuro. Pode ser que tenha colidido com ele, dando a Gardener a ideia do pé machucado. Seja lá como for, Props estava disposto a proteger o assassino do homem que prejudicara a sua namorada. Isto, até saber da prisão de Santo. Depois, me escreveu aquele bilhete. Ele telefonou a Gardener e deve ter lhe contado que sabia de alguma coisa. Gardener sugeriu um encontro no teatro, e, provavelmente, Props mencionou a janela, no beco Simon. Gardener se disfarçou em velho, com a capa solta, e enganou o nosso Wilkins. Em geral, disfarce é coisa de história de detetive, mas você vê... Gardener era um ator consumado. Podia se arriscar. Você foi visitá-lo, quando ele saía para matar Props.

Alleyn falou de sua teoria a respeito do segundo crime. Nigel ouviu, consternado.

— O substituto de Wilkins viu voltar o velho de capa, mas não o reconheceu. O apartamento foi revistado, hoje de manhã. Esperamos encontrar vestígios do disfarce. Creio que a extraordinária pretensão que têm, em geral, os assassinos, foi maior ainda, no caso de Gardener. Matar Props foi um erro grave. Apesar disto... Que poderia ele fazer? Props, pobre tolo, com certeza lhe disse que não permitiria que um inocente fosse julgado e condenado. Props, então, tinha que ser eliminado. O método não foi mau. Se você não tivesse ido visitar Gardener, vendo que ele estava fora, se o velho criado não tivesse ouvido aquela conversa, entre ele e Surbonadier, se Gardener não tivesse manchado as luvas de cosmético... Oh, bom, é isto. Não fomos muito inteligentes. Não mereço parabéns.

— Por que queria que eu saísse da cidade?

— Meu caro, porque era amigo dele, porque ele devia estar imaginando o quanto você teria ouvido no apartamento, porque... Em resumo, porque ele é um assassino.

— Não estou convencido, Alleyn.

— Quer dizer que não deseja estar. Sei que é horrível, para você. Gostava muito dele? Vamos, diga?

— Bom, não digo que gostasse muito, mas estávamos a caminho de ser amigos.

— Onde você estava, quando o prendi?  
— Eu tinha dado a volta, para os fundos do palco. Estava sob a plataforma do eletricitista.  
— Então, viu-o descer. Viu-o me dar um pontapé, como dera em Props. Viu...  
— Sim, sim, vi o rosto dele.  
— Seu comportamento foi mais incriminador do que eu ousara esperar. Quando o mandei subir, fiquei imaginado como ele iria representar o papel de horrorizado descobridor do suicida. Pensei que ia perceber a simulação — era apenas um saco, com um peso, e queria ver a sua reação. Nunca esperei que agisse daquela forma.  
— Que quer dizer com isto?  
— Ele nem olhou. Viu qualquer coisa que roçava a superfície de cima e pensou que fossem os pés do morto. Viu, mentalmente, o corpo balançando e, violentamente emocionado, não parou para olhar. Representou magnificamente o papel de pessoa horrorizada e... Reconheceu Props! Um inocente teria olhado e visto imediatamente que era um saco, com um peso, seguro por uma corda.  
— Não sei como consentiu em subir a escada.  
— Não podia se recusar. Tratei o pobre Simpson com desconfiança. O coitado estava apavorado e Gardener se tranquilizou. Teria sido impossível recuar.  
— Parece um motivo tão pequeno, para tão grande risco!  
— Não, quando se examina bem o caso. Se Surbonadier o tivesse denunciado, Santo o despediria. Se viesse a saber que era ele o autor do artigo, Santo poderia lhe causar incalculável prejuízo. Você pode estar certo que Surbonadier lhe tirava muito dinheiro, com chantagem. Um viciado em drogas sempre lida com dinheiro. E Surbonadier poderia ter dado a Stephanie péssimas informações sobre Gardener. Gostaria de saber quanto o próprio Gardener contou a ela. O bastante para fazer com que Miss Vaughan se arriscasse a ir ao apartamento. É uma criatura corajosa.

Nigel olhou-o com curiosidade.

— Você se sente muito atraído por ela, não? Alleyn se levantou e olhou para a área.  
— Muito, quando não está fazendo papel de estrela, respondeu, friamente.  
— Você é um caso sério.  
— Acha? Vamos almoçar. Depois, tenho que voltar para a Yard.  
— Não sinto vontade de comer.  
— Melhor experimentar.

Dirigiram-se para frente do teatro, pela rua lateral. O gigantesco unicórnio em aço e vidro negro brilhava contra o seu fundo salpicado de estrelas. Alleyn e Nigel ergueram os olhos, por um momento.

— Há um traço único, neste caso, disse Alleyn.  
— Qual é?  
— Graças a você, pude presenciar o assassinato, confortavelmente, numa poltrona oferecida pelo próprio assassino.

Fez com a bengala sinal a um táxi, entraram e seguiram em silêncio.



